

4495
SORTES

D'E

S. ANTONIO

CELEBRADAS

EM HUMA TREZENA

HISTORICA, MORAL, E PANEGYRIC

QUE

DO SENHOR CAJETANO DE
& Castro, a Comelbo de Sua Magestade, Commendador da
Ordem de Christo, Governador, & Capitão General de
Pernambuco, & mais Capitãdas

annexas.

DEDICA

CR. P. M. FREY ANTONIO DO ROSARIO

Ulyssiponense, Religioso Capucho, Filho da Pro-

vincia de Santo Antonio do Brasil, & Missio-

nario do dito Estado.

EM LISBOA.

Officina

M. G. U. L. M. A. L.

MAI. S. C. A. L.

Impressor od

SORTES

DE

ANTONIO

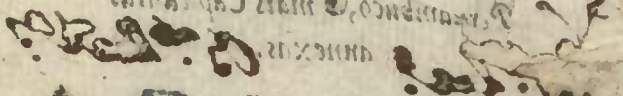
ELBRADAS

EM HUMA TRZEENA

BRICA, MORAL, E PANEGYRICA

QUE

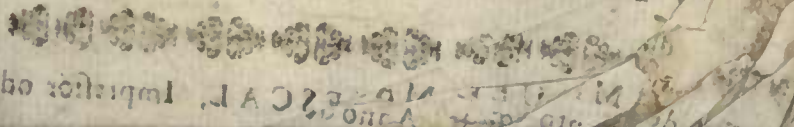
SHIHOT CAJETANO DE
Corde de San M...
de V...
de V...
de V...



DEDICADA

M. FREY ANTONIO DO ROSARIO
Religioso Capucho, Filho de Pro-
vins de Santo Antonio do Brasil, & Milho-
nario do dito Estado.

LISBOA



ALVARO DE ALMEIDA, Impressor em

A O
SENHOR

CAYETANO DE MELLO, E CASTRO,
do Concelho de Sua Magestade, Commendador
da Commenda de São Thomé de Traval e sup
ços da Ordem de Christo, Governador,
& Capitaõ General de Pernambuco,
& mais Capitã das terras annexas.



INSTAMENTE busca a V. S. a Trezena
de Santo Antonio com a inventiva das
Sortes para a pôr no Theatro do Mundo como
Padraõ, ou Troféo de agradecimentos. Pois se
vio, & se notou, que nos mesmos dias que ella se
estava pregando, livrou o Divino Portuguez a V. S. no mayor
temporal do mais evidente perigo; como o confessa a fé, & de va-
ção de V. S. com a Imagem do Santo, que trasia em sua compa-
nia; & o prestou a Oração publica deste Povo nos dias do peri-
go, que eraõ os dias, em que se celebrava a Trezena neste Con-
vento de Santo Antonio. O Santo, como Patraõ especial dos nave-
gantes, parece, que combateo por mar, & por terra, de tantas
preces,

Virgil
Æ-
neid.
lib. 1.

preces, fez o que costuma. Como se fora o Deos do Mar, a quem
por sorte sabio o imperio das aguas: Sed mihi sorte datum:
quæ na Trena das Sortes dar a V. S. hũa tam felice como pro-
digiosa sorte, livrando o de naufragar nesses Arrecifes, de que
não estava muyto lōge. Depois de trincadas tres amarras; estãdo
a nao, em que viha V. S., à mercê da ultima amarra; Santo
Antonio com o sagrado Tridente da Cruz, que empunha, foy o
Neptuno que çafou a nao das Scyllas, & Carybdes dos Arreci-
fes, que com hũa tormenta nunca vista nesta Costa ladravaõ, ame-
açando hum miserabilissimo naufragio ainda mais lamentavel
que o da nao Fortuna, que no mesmo tempo deu à costa:

Levat ipse tridenti;
Et vastas aperit Syrtes, & temperat æquor.

Naquelle occasiãõ, em que a arte Nautica fica estúpida (com-
disse quem o experimentou:

Ovid.
Trist.
lib. 1.

Ambiguïs ars stupet ipsa malis.)
Naquelle passo, em q̃ os Pilotos, & Mestres do Mar se mostrã-
rãõ tam tímidos, & escrupulosos; quẽ foy o que lhe suggerio, & in-
pirou a V. S. aquelle espirito, & valor de mãdar levar ancora, fa-
zer à vela, & entrar pela barra do Arrecife cõ tão grãde borra-
ca, senãõ o seu S. Antonio, o seu fidus Achates, o seu cõpanhei-
ro, & conselheiro de Estado, & Ultramarino? A resoluçãõ de V.
S.; tam generosa como felice, deve Sua Magestade (que Deu
guarde) a Nao Jesus Maria Joseph; devem todos çõs que vinhãõ
na Nao, as vidas; & deve Pernambuco, como tam interessado na
chegada de V. S.; o ter o Governador que tem: não deve menos
que hum Anjo de paz, que depois de vencer a tormenta do mar,

entros

entrou fazendo pãzes, serenando outra mayor tempestade na terra. Por esta, e outras acçoens se pôde dizer:

Conveniunt rebus nomina læpè suis.

Sò a Divina Providencia pudera dar hum Cayetano (que he o nome do Patriarca da Divina Providencia) a Pernambuco no miseravel estado, em que V. S. o acha, abrasado, e consumido cõ os tres generos de males, que costumão extinguir as mayores Povoações peste, fome, guerra. Alenta te hum pouco agora (ò Pernambuco) começa a esperar melhora de teus males com a presença do novo Governo. He certo que o contagio não faz agora o estrago, que fez nas frottas passadas: o mal devia de se botar ao mar; (que tam apestado, e turbulento andou este anno) que em terra já o não vemos tam bravo, e insolente como dantes. A fome tambem se vay retirando; porque ha quem a sabe remediar, pondo na mais justa, e conveniente taxa o pão da terra. A guerra tambem ter à o mesmo fim: porque bem poder à ser que a Divina Providencia tenha guardado os Palmares para palmas de triumpho ao felicissimo nome de Cayetano. Como o novo Governo traz tam bõ nome, tam rica invocação no glorioso nome que fundou a Ordem da Divina Providencia; ser à divino o Governo, ser à o que ha mister a terra. Quem se governa pela Divina Providencia, sò de Deos se fia, sò com Deos governa: e quem governa sò com Deos os homens, governa divinamente; porque o Deos que nos governa he hum sò, e todos os seus braçoens são unidades: hum Deos, hũa Fè, hum Baptismo. Dos tres modos humanos de governar, o Monarchico he o melhor, e o mais praticado, por ser hum sò o que governa: e no Governo Divino, posto que sejam tres as Pessoas, he hũa sò a unidade da Essencia, em que se identificam as Divi-

nas Pessoas. E se Pernambuco tem hum Governador tam singular, & unico no Governo, que já mostra que ser à hum. Iô, & con-
titulo da Divina Providencia pelo singular appellido de Cayeta-
no; bem pôde esperar a melhora de seus males, a restauraçã do
tempo dourado.

A Providencia Divina, bem considerada, he a mesma Mife-
ricordia de Deos. Para Deos usar com a Cidade de Ninive das
mayores finezas da sua Misericordia; o que trabalhou (a nosso
modo de dizer) a Divina Providencia, embarcando a Jonas, per-
mittindo a tempestade, lançando o ao mar por sortes, engolindo-o
húa Balea, & vomitando-o nas prayas de Ninive; para na mara-
vilhosa conversão da mais opulenta Corte se unirem, & darem as
mãos a Providencia com a Misericordia? Vendo esta terra em
V. S. a Divina Providencia pelo soberano nome de Cayetano, de-
pois dos tranfes do mar, unida com a Misericordia, de que logo o
fizeram Provedor; toma já notaveis alentos, esperando melhoras,
Judic. 9. & aumentos. Na parabolã de Joatham, a Oliveira, & a Vide se
offereceo o governo das Arvores; porque a Oliveira, & a Vide
servem a Deos, & aos homens; sam uteis os seus fructos assim pa-
ra os Templos, como para o bem commum. Feliz auspicio he co-
mçar V. S. pela Misericordia, para o seu governo ser grato, &
Sene- util a Deos, & aos homens. A misericordia, a brandura, a benigni-
ca ad Nero nem Cæsa- rem de Cle- mencia. midade, a clemencia, sãõ attributos do bom Governo. Remissius
imperanti (diz o Politico Seneca) inclius paretur: Melhor se
obedece ao remisso, que ao rigoroso. Quiz dizer, que nos Governos
mais obrava a brandura, que o rigor. Confirma-se com o Oraculo
Divino esta Politica. Istaas pedia a Deos (antes do Divino Ver-
to encarnar) hum Cordeiro, & não hum Leão, dizendo que mais
havia

4
avia de dominar Christo os homens, como Cordeiro brando, do
que como Leão rigoroso: Emitte agnum dominator é ter, I faix
16.1.
Os rigores, os excessos, as potencias, muitas vezes capeadas
com título de Justiça, ou disfarçadas cõ a authoridade do respeyto
(diz o mesmo Estoico) não são decorosas para o Principe, assim
tãmo não são de credito as mortes ao Medico: Nõ minus prin-
cipi turpia sunt multa supplicia, quàm medico funera.
A Misericordia não impede a Justiça, nem implica o ser Prove-
dor, & Governador; advertio galhardamente Santo Agostinho:
Sicut enim aliquando est misericordia puviens, ita & D.
crudelitas parcens. Casos ha, em que o castigar he misericor-
dia; o perdoar, & dissimular he justiça. A Prudencia (que he a
Princesa das Virtudes, como disse Democrito: Prudencia vir-
tutum princeps est) troca os habitos da Justiça, & da Miseri-
cordia; faz ser justa a Misericordia & pia a Justiça.

Passo do mysterioso nome de Cayetano, aos esclarecidos sobre-
nomes de Mello, & de Castro. Deixo aos Nobiliarios de Portu-
gal, & Castella, a nobilissima, & antiquissima Familia dos Mel-
los; o soberano, & coroado sangue dos Castros. Supponho tam sa-
bido, & notario o muy illustre sangue de V. S., que julgo, for, pe-
la minha insufficiencia, e indecencia; & pela notoriedade da fama,
superfluidade, apurar genealogias. E mais quando se y que V. S.
na generosidade de suas açõens puder a fundar a nobreza, que
herdou; & pelo procedimento de sua Pessoa, nenhũa qualidade se
he pôde oppor. Porque (como diz o Maximo Doutor S. Hiero-
nymo) no heroico das virtudes (que já este Povo começa a repa-
rãr, & venerar) consiste a summa nobreza; Summa apud Deũ
inobilitas est clarum esse virtutibus. O que eu reporey, na

Aug.
epist.
64.

D.
Hie-
ron in
epist.
ad ce-
lantri-
am.

ensada

entrada de V. S. nesta Praça, foy o mysterio de chegar aos seis dias de Junho: parece que estimando de se parecer com S. Antonio nas seis roelas, que tem por Castro: que se tivera as treze roelas, aos treze dias de Junho; mas por ter as seis roelas dos Castros, entrou V. S. nesta Praça aos seis dias de Junho, em que se festejava a Trezena de S. Antonio, com cuja nobreza combina, e concorda por todas as vias a de V. S. O Pay de S. Antonio chamava se Miles da Casa de El Rey D. Affonso Henriques (que he o mesmo agora, que Fidalgo da Casa) primeyra graduacao da Fidalguia, mas não titulada. Pela parte materna era S. Antonio filho da Senhora Dona Theresa Taveira, que (segundo a observacao do Conde Dom Pedro no seu Nobiliario) descende de El Rey Dom Fruela de Asturias Pay de El Rey Dom Affonso o Castro; assim como pelos Castros tem V. S. a illustre, e Real ascendencia em hum filho de El Rey D. Sancho Ramirez de Navarra. Por esta semelhança, e sympathia de nobreza, parece que lhe vem a V. S. por linha direita a devacao com S. Antonio, e ob a sua Serafica Religiao.

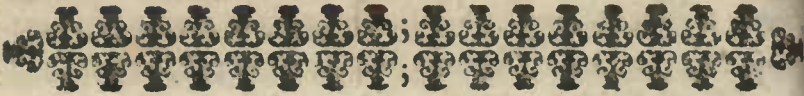
O que supposto; não deixe V. S. de ter tam felices exordios por singulares favores, e patrocínios do Santo Portuguez. Pois no dia de S. Antonio tomou V. S. a posse deste Governo com tam boa estrea; seja servido de attribuir a devacao, que tem cõ o Santo, principios tam applaudidos, que delles se podem já formar triumphos, e coroas; premissas tam Catholicas, e ajustadas, que dellas se podem colher conclusões tam singulares, que causem admiracao aos passados, e incitem emulacao nos futuros: principios, que bem se podião já troca pelas glorias, que no fim se cãtão. He verdade que dizia Solon a Creffo, que o fim he o que coroa a obra,

assim

5
assim como ao dia a tarde; a ultima linha bẽ a que poem o nome à
figura Geometrica; o ultimo passo he o que faz venturoso, ou de-
graçada a carreira; o ultimo dia he o que ha de resolver, se Cras-
so, ou Cresso seraõ, ou não foram felices. Mas como os exordios,
as premissas, os principios do Governo de Pernambuco vãõ gẽral
de Moçambique; confiadamente nos assegurãõ, nos promettẽm, nos
pronosticãõ, & profetizãõ, que assim como obrãõ os Castros na
India, os Mellos na Europa, obrarãõ os Cayetanos na America,
par a gloria de Deos, serviço de Sua Magestade (que Deos guir-
de) gosto dos afeiçãoados, a sombro dos emulos, reparo dos indif-
ferentes, satisfação de todos. A muy Catholica, & illustre Pes-
soa de V. S. guarde Deos por largos annos na felicidade devida a
seus merecimentos, como fielmente lhe deseja este seu humilde
Orador. Do Convento de Santo Antonio do Arrecife 13. de
Julho de 1693.

Frey Antonio do Rosario.

**
A QUEM



A QUEM QUISER LER.

ESCUSADA ceremonia he esta de Prologosa Leitores, de loas, & satisfaçoens ao mundo. Cansaõ-se debalde os Authores em acariciar, cortejar, orar, & implorar aos pios, & benevolos Leitores: porque os mais delles (ou por desagrado, ou por officio, ou pelo que for) sam mais impios, que os Tyrannos; porque condennaõ, & martyrizãõ os Authores no mais precioso, no mais estimavel da vida. Tu, que me lès; antes de me leres: tu, que estàs ainda na porta da Trezena; antes que entres, te advirto, que nem te temo, nem te escuso. Naõ te temo: porque se a obra he acertada, por si se defende, & se acredita, & se errada, naõ espero que a desculpes, & defendas. Porque já sey que livros saõ pleitos às aveffas: os Leitores fazem-se Authores, porque dos Escripttores fazem Reos. Quando hum Escripttor cuida que busca hum Avogado, ou Panegyrista no Leitor, a que chamou pio, benevolo, & discreto; acha hum Zoilo, hum Aristarcho, hũ Author com artigos, & libellos contra o livro do Author feyto Reo. Com tudo torno a dizer que naõ te escuso, por naõ ser singular: porque me naõ censures que professando humildade fujo da confissãõ, que costumãõ

fazer

6
fazer os mais Authôres nas mãos , ou aos pés dos seus
Leitores, e sperando summissamente a penitencia das cê-
suras: que a menor pena, ou o mais leve castigo dos Li-
vros, he o pô, & a traça, a que se condemnaõ. Eu, ainda-
que me confesse contigo, não se me dà da tua absolvi-
ção, & penitencia, porque sô de Deos, & de Santo An-
tonio (que são os fins, & motivos da obra) espero a ab-
solvição, & o premio. Confesso, que a noticia, que te-
nho, do agrado, que muytos fizeraõ à primeira Trezena,
& a repetição da leitura nos homens doutos, & pios;
(ainda que muytos mais querem a Trezena dada, que
côprada: como se o Author do Livro se obrigara tam-
bem a ser Impressor, & Livreiro de graça) a importu-
nação, & aplauso (não digo que merecido) dos que
querião esta Trezena impressa antes de se acabar de re-
citar do Pulpito; & ultimamente a promessa, que tenho
feyto ao meu Santo, de tres Trezenas, me arrojaraõ a
teus pés para a confissão de meus defeytos, ou me puze-
raõ nas tuas mãos para o despacho das tuas censuras. Se
estàs cá no Brasil comnosco (que por mais visinho seràs
tal vez mayor inimigo) se gostares da iguaria pela no-
vidade de Trezena, ou pela inventiva das Sortes; não re-
pares no pouco vulto, na pequena apparencia da obra:
porque a brevidade do estillo sempre foy mostardinha
da lição. Além de que isto não he Sermonario, como
o livro do Engenho, que já te enviey, bem largo, & di-
latado: he hũa Trezena, que o mais, de que se compoem,
são Practicas: que como se fazem nas vesporas da Festa

de Santo Antonio , tem na brevidade a differença de Sermoens; & por serem Praticas, não he ley forçosa seguir nellas os apertos da formalidade , aprumar as pontualidades das provas com tantas obediencias, & cortezias aos conceitos. Em fim se não quizeres, ou não achares que agradecer, & louvar; louva a Deos pela variedade de enendimentos, que creou; huns para trabalharem, outros sô para censurarem: mas não negues a diligencia da obra contra a perguiça do clima. É desengana-te, que os escriptos (como diz Santo Ambrosio) são como os filhos: que, ainda que sejam feyos, agradão a seus pays. Os livros (por mal compostos que sejam) como não desagradão a seus Authores; basta o agrado, & complacência natural para lhe darem por dote o prelo. Se Deos levar a salvamento esta Trezena, se chegar a estampar-se, se for ás mãos dos Confessores (que he o mesmo que Leitores) là do outro Mundo velho; recebem-na como encomenda de Santo Antonio, que vay deste novo Mundo: mas pagando sempre os direitos a quem pertence, a gloria a Deos, o louvor a Santo Antonio: & ao Author os defeytos, que ingenuamente confessa; mas com pouco arrependimento, & emenda, porque se a vida não faltar, tres Trezenas terá.

Valc.



APPROVAC, AM, E CENSURA DO MUYTO
 Reverendo Padre Mestre Frey Hieronymo da Ressur-
 reição lente actual de Theologia, & do Muyto Re-
 verendo P. d e Frey Jaõ do Nascimento,
 Prêgador, & Missionario.



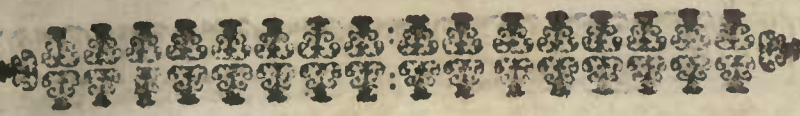
OR mandado do Nosso Muyto Reve-
 rédo Padre Ministro Provincial Frey An-
 dre de S. Boaventura ; lemos com gosto,
 & examinamos com curiosidade este livro

pequeno no volume ; & muy grande pelo que contem,
 o qual se intitula Sortes de S. Antonio: Author o Padre
 Mestre Frey Antonio do Rosario Prêgador Missiona-
 rio, & filho desta nossa Provincia de Santo Antonio do
 Brasil ; nelle não achamos cousa contra a Fé ; nem que
 repugne aos bons costumes ; antes encôtramos com mo-
 tivos para julgarmos ser a sciencia do Author, como pa-
 resse, não por arteficio adquetida ; senão por favor do
 Ceo communicada. Isto colhemos pela facilidade cõ
 que engenhosamente explica as cousas escuras , & defi-
 cultosas com exemplos tão claros , & resoens tam evi-
 dentes. Por cuja causa , sendo esta Trezena de Sortes,
 foy para nós de melhor ventura , porque nos coube por
 Sorte sermos os primeiros, que nos admiramos da mara-
 vilhosa

vilhosa invenção de seus assumptos, da admiravel fabrica de seu discursos, do subtil ornato de suas palavras. E ainda que a suficiencia do Author não fosse de nós tam conhecida, & esprementada, bastara sò esta obra para se absolver o Author de toda a calumnia, porque ella por si mesma se defende; & nisto consiste o mayor indicio de sua grandeza, segundo o sentir de S. Bernardo: *male habetur liber, qui sine auctore suo non defenditur: ipse igitur per se loquatur.* Esta he a segunda Trezena, que o Author offerece à estampa; prometendo sabir a luz com outra, que a todas estas obras o move o grande amor com que ama, & venera a Santo Antonio: porque se o amor se vê nas obras: *claret amor factis*; daqui nasce o commum adagio Portuguez o amor, & a Fé nas obras se vê; claramente se colhe ser o Author não só hũa vez, senão tres vezes mais amante de S. Antonio; & assim creyo, que lançando o Author com a moeda de sua devoçam tambem a Sorte; tomando por motte: quem mais mete na barca mais fáca; lhe há de sabir empreto, alcançando por premio o ser mais favorecido de S. Antonio: Elle o premita assim, & defêda esta obra para que saya a luz: porque nella acharaõ todos iguarias para o gosto, & delicadesas para o juizo, & doutrina para o espirito. Convento de Nossa Senhora das Neves da Cidade de Olin-da 20. de Agosto de 1693.

Frey Hieronymo da Ressurreyção lente de Theologia.

Frey João do Nascimento.



LICENÇA DA ORDEM.



REY Andre de São Boaventura Ministro Provincial da Provincia de S. Antonio do Brasil, ao Padre Mestre Frey Antonio do Rosario filho da mesma Provincia saude, & paz em N. Senhor Jesu Christo.


Por quanto V. Charidade nos fez presente hũa Trezena de S. Antonio, a remettemos segundo nossos Estatutos a pessoas graves, & doutas da nossa Ordem para que a examinassem, & aprovassem, de sua approvaçao nos consta não ter cousa que se encontre com os Sagrados Canones, decretos Apostolicos, & leys de nossa Seraphica Religiao, mas antes ser obra de utilidade, & bem das almas. Por tanto por virtude das presentes damos a vossa Reverencia nossa bençao, & concedemos licençã que possa imprimir a ditã Trezena de nosso Padre Santo Antonio padroeyro desta nossa Provincia do Brasil. Dada neste nosso Convento do Recife aos 25. de Agosto de 1693.

Frey Andre de Sam Boaventura Ministro Provincial.

PRA

(Decorative border)

PRATICAS, QUE CONTEM
este Livro,

- I.  Pratica da Sorte das Cõpanhias. Pag. 1
II. Pratica da Sorte dos Desejos. Pag. 14.
III. Pratica da sorte da Oraçaõ. Pag. 26.
IV. Pratica da Sorte da Razaõ. Pag. 38.
V. Pratica da Sorte do Fingimento. Pag. 51.
VI. Pratica da Sorte da Ambição. Pag. 63.
VII. Pratica da Sorte da Saude, & Gêtileza. Pag. 76.
VIII. Pratica da Sorte da Luz. Pag. 88.
IX. Praticce da Sorte da Lingua. Pag. 97.
X. Pratica da Sorte da Alegria. Pag. 110.
XI. Pratica da Sorte das Riquezas. Pag. 122.
XII. Pratica da Sorte da Enveja. Pag. 134.
XIII. Pratica da ultima Sorte da Emenda
do mundo. Pag. 146.



PRATICAS

HISTORICAS, MORAIS, E PANEGYRICAS:
Prêgadas

NO SERAFICO CONVENTO DE SANTO ANTONIO
do Recife nos treze dias antecedentes à sua festa.

Anno de 1693.

PRIMEYRA PRATICA.



MELHOR Sorte, que teve Portugal, o
melhor filho, que deu Lisboa, se há de ce-
lebrar nestes sagrados dias com a metafora
das Sortes, com que tambem se costumão

festejar os Santos. Sortes de Santo Antonio serà o titu-
lo desta Trezena. Porque se entre os Santos ha sortes de
mayor, & menor premio: (que são os grãos de Graça, &
gloria, em que disputaõ os Theologos) *Et inter Sanctos* Sap.
sors illorum est; Santo Antonio. parece, que entre os San- 5.5.
tos do Ceo, entre os Filhos do Serafim das chagas he a
Sorte de mayor preço. Por ser o Santo de Lisboa mais
venturoso; o Santo, que pela sorte da santidade, pelos
altissimos grãos de graça, & gloria, que mereceo alcan-
çar, foy predestinado para Santo das venturas, Santo

dos achados: por ser Santo, que tem na sua mão o Senhor das sortes, a todos parece, nos está convidando a lançarmos sortes nas suas mãos: *In manibus tuis sortes mee.*

Pfalm.
30.10.

Pro-
verb.
16.33.
Pfalm.
67.14.

O Juiz destas sortes he o Padre Eterno, por ser o Senhor que tem pèra as sortes, como diz Silamaõ nos seus Proverbios: *Sortes mittuntur in sinum, sed á Domino temperantur.* O Espiritu Santo he o escriptaõ das Sortes. *Si dormiatis inter medios clericos: (hoc est, inter medias sortes.)* Se estais duvidosos das vossas sortes (diz David) pennas de pomba prateadas: *Pennæ columbæ de argentatæ.* Se as pennas de pomba haõ de escrever as Sortes, & a pomba he a figura do Espiritu Santo; seja o Espiritu Santo Escrivaõ das Sortes. O vaso das Sortes he Santo Antonio, vaso escolhido, pois foy o S. Paulo do seu tempo: *Vas electionis est mihi iste.* O innocente, que ha de tirar as Sortes, he o que Santo Antonio tem nos braços. Pelas sortes, & pelo innocente se pòde entender aquillo de Job: *Argentum innocens dividet:* O innocente dividirá a prata, repartirá a riqueza das Sortes. O officio de leitor dos mottes, & das sortes, cahio por sorte ao Prégador da Trezena.

Actor.
9.15.

Job.
27.17.

Con-
cil.
Tri-
dent.

Faltaõ os premios das sortes. Publico, & patente tendes o thesouro, em que estaõ postas as riquezas das sortes. *Sacramentum hoc instituit, in quo divitias divini sui erga homines amoris velut effudit:* diz o Concilio Tridentino. O diviniſſimo Sacramento do Altar he thesouro:

&

& thesouro de sortes, acrescenta a Igreja;

Sumunt boni, sumunt mali,

Sorte tamen inaequali.

Nas sortes do mundo ha premios verdadeiros, & falsos: hũas sahem em preto, outras em branco. As Sortes de Santo Antonio tem no Sacramento do Altar os seus premios (que por isso està exposto, & patente,) & são tambem premios bons & máos.

Sumunt boni, sumunt mali,

Sorte tamen inaequali

Vita, vel interitús.

O dinheiro, com que se botaõ estas Sortes, he a oraçaõ, que nestes dias se faz a Santo Antonio: porque a oraçaõ (diz o Cardeal Hugo, Thesoureiro de estas Sortes pelo muyto que delle nos havemos de aproveitar) he a moeda, com que se compraõ as sortes, os premios da Bemaventurança: *Monetae sunt jejunium, elemosyna, oratio.*

Como de Praticas se compoem a Trezena; bastará que as Praticas tenhaõ só ordens de Epistola, & não de Evangelho: porque este ficará intacto, & rescivado para o ultimo dia do Santo. Da Epistola, que a Igreja applica à Missa de Santo Antonio, faremos a Trezena, repartindo-a em treze Themas; nos quais se fundarão os mottes das Sortes, que, por serem consagradas ao divino Portuguez, seraõ Proverbics, & Adagics Portuguezes, que tambem são Evangelhos pequenos. E para que toda a obra vá de Sortes; até os Themas da Episto-

Car-
din.
Hugo
tom.
6. pag.
108.
col 3.

la não seguirão o lugar, & ordem, com que estão escritos, mas como succeder, & sahir por sorte em cada tarde. Invoquem os logo por Padroeira destas Sortes a Virgem da Conceição, a cujo patrocínio consagrou Santo Antonio as primeiras auroras dos seus estudos, os primeiros toques da divina Graça, que he a sorte, de que agora necessitamos para o bõ successo das nossas Sortes.

Ave Maria:

Venerunt autem mihi omnia bona

Pariter cum illis. Sap. 7.

Todas as felicidades, todas as boas sortes da Graça, & da Natureza, me vieraõ em companhia da sabedoria: diz o Espirito Santo pela boca de Santo Antonio (que se a de Chrystostomo se chamava de ouro, a de Antonio se pô le chamar de perolas.) Supposta a boa companhia da sabedoria, que sahir por sorte a esta primeira Pratica; abraõ-se as Sortes. Que diz o motte da primeira Sorte? O ladrão que anda com o frade, ou frade ladrão, ou o ladrão frade. Deste Proverbio se colhe o bem, & o mal, que fazem as boas, & más companhias.

Seneca ad
Helvium
matre
de consola-
tione.

Sunt autem à conversantibus mores: diz Seneca. Os costumes tomaõ se dos sujeitos que se conversaõ, que se trattaõ, & communicaõ. Dize me com quem andas, dirtehey que manhas tens: he outro semelhante.

E porque rafaõ mais se pegaõ na nossa natureza os maos costumes, do que os bons? Porque mais se daõ na nossa terra os vicios, do que as virtudes dos que tratta-
mos,

mos, & conversamos? Porque, como a nossa natureza he mais inclinada à culpa, do que à Graça; semeando-se nella o bem, & o mal, que se contrahê pelas companhias, mais ha de pegar a semente mà, do que a boa. Como he terra amaldiçoada pelo peccado: *Maledicta terra:* Ge-
 mais ha de produzir espinhos, do que flores. Como he nef. 3.
 carne corrupta, & de muytos nul annos corruptissima; 17.
 mais se ha de colher della corrupção, do que salvação. São Paulo o diz. *Quæ enim seminaverit homo, hæc & metet:* Galat.
 Aquillo que cada hum semêa, colhe. A mà companhia 6.8.
 semêa vicios; a boa virtudes. Vamos à colheita *Quoni-* ibid.
am qui seminat in carne sua, de carne & metet corruptionem: O q̄
 semêa na sua carne, da carne colherá corrupção. *Qui autem* ibid.
seminat in spiritu, de spiritu metet vitam æternam: O q̄ semêa
 no espirito, do espirito colherá a salvação. De sorte que
 da terra, onde se semêa, vay o ser boa, ou mà a colheita.
 Se a natureza humana he carne, & essa por natureza
 corruptissima: *Omnis caro corruperat viam suam:* semeando-
 do-se nella o mal, & o bem, a corrupção, & a salvação; Ge-
 mais ha de pegar o mal, do que o bem, mais se ha de col- nef
 her a corrupção, do que a salvação. E ainda que se se- 6. 21.
 mêm de mistura vicios, & virtudes: como he carne a
 terra em que se semêa; colhe-se corrupção; colhe-se
 mais de presta o mal, do que o bem; mais a enfermidade,
 do que a saude; o vicio, do que a virtude: *Qui seminat in*
carne sua, de carne & metet corruptionem.

Do primeiro peccado, que se commetteo no mundo,

se colheo logo o fructo da corrupção, o fructo das más cõpanhias. Em quãto Adão esteve sò, não lhe foy mal, logrou a sorte das sortes na Graça original: tanto q̄ teve companhia, q̄ teve cõsorte, teve mà sorte. Por Adão se pudera dizer: Mais val sò, q̄ mal acõpanhado. Mas he cõtra o que Deos disse da soledade de Adão: *Non est bonũ esse hominem solum*: Não he bom estar o homem sò. Assim he. Se a cõpanhia for boa, não he bom estar Adam sò para a propagação do genero humano, não he bom estar Adam sem ter quem o ajude no serviço de Deos, na guarda da Ley, & do Paraito: *Faciamus ei adiutorium simile sibi*. Mas se a companhia fez tanto mal a Adam: mas se a ajuda de Eva foy ajuda de perna quebrada (antes ella quebrára a cabeça, se a tivera, cahindo da arvore em que peccou, do que quebrar, & fazer quebrar o preceito divino) porque não havemos de dizer que Eva fez tam mà companhia a Adam, que por ser Eva ladra furtando o pomo invito Domino: *Tulit de fructu illius*: fez tambem a Adam ladraõ: *Qui comedit?* Para se comprir logo nos primeiros homẽs: O ladraõ que anda com o frade, ou o frade serà ladraõ, ou o ladraõ frade: & para que entendamos que já do principio do mũdo começou a peste, & a tinha das más companhias; que a origem de todos os peccados procedeo de hũa mà companhia; como se vé no descargo, que deu Adam da sua culpa: *Mulier, quam dedisti mihi*: A companhia, que me d'estes.

Ge-
nes. 2.
18.

Ibid.

Ge-
nes. 3.
6.
Ibid.

Ibid.
12.

He tão antigo, & tão natural o contagio das más companhias, que logo na primeira companhia que houve no mundo, se pegou a Adam o mal de Eva. bastou peccar a companheira, para logo peccar o companheiro. As companhias fazem mais danno, que proveito. A companhia de Eva peccadora fez mais danno a Adam, & seus descendentes, do que fez proveito a Adão antes de peccador. A nao, em que hia Pedro em companhia de Judas, teve tempestade: a nao, em que hia Pedro sem Judas, não teve borrasca. Santo Ambrosio o disse: *Non turbatur navis, quæ Petrum habebat; sed turbatur illa, quæ Judam habebat.* Na nao, em que hia hum homem tam bom como São Pedro, & hum tam mão homem como Judas, padecerão todos o temporal por respeyto de Judas, & não se livraraõ d'elle por amor de Pedro. Tão pernicioza he a mà companhia, & tão inutil a boa, que nas companhias mais prevalece o veneno, que a triaga. Pòde tão pouco o contraveneno da boa companhia contra o veneno da mà, que ajuntando-se o frade com o ladrão, mais de pressa o frade se farà ladrão, do que o ladrão frade. Tal he a corrupção da nossa natureza, & tão maligno o conceito dos homês fundado na nossa miseria, que ainda o que he bom, & não póde ser máo, sò por se ver em mà companhia se julga por máo.

Quando Christo caminhava com os dous ladroens para o Monte Calvario, diz Isaiás, que foy julgado, que foy tido, & havido por tão máo, & perverso, como os

Mathe 53.1. companheiros: *Et cum sceleratis reputatus est* : & por estar entre ladroens crucificado , foy escarnecido , & blasfemado: *Latrones, unum á dextris, & alterum á sinistris: Et de-*
 Luc. 23.33 *videbant eum principes.* Como viaõ a Christo ajustigado
 & 35. em companhia de ladroens ajustigados, fizeraõ conceito de Christo que era taõ ladraõ como os que estavaõ com elle crucificados. São Paulo faz a Christo frade, porque da humanidade lhe faz o habito: *Habitu inventus ut homo.* E como este frade acompanhou ladroens , & esteve na Cruz entre ladroens ; julgãraõ ; como malignos, os blasfemos do Calvario a Christo por mau: tive-
 Philip 2.7. raõ para si que o frade era ladraõ, era desalmado, homicida , & roubador como os seus companheiros : *Et cum sceleratis reputatus est.* Este he o mayor achaque dos olhos , & juizos humanos : atirar sempre á peyor parte. Viraõ aquelles mãos olhos, & mãos juizos a Christo em companhia de ladrões , o bom entre os mãos; não differaõ como cá dizemos : O ladrão anda com o frade , ou o frade serà ladrão, ou o ladrão serà frade ; mas dimidiãraõ o motte : não julgãraõ os ladrões por bons por estarem em companhia do bom , senão o bom por ladrão pela companhia dos ladrões. E como homens , & malissimos homês , em tudo se enganãraõ. Porque o frade não era ladraõ como os ladrões , que tinha por companheiros; & hum dos ladrões (para se cumprir o adagio: Ou o ladraõ fra-le) foy como frade ; porque pela boa companhia, que fez a Christo, & Christo lhe fez, alcan-

çou melhor Paraíso, do que o que Adam perdeu pela má companhia de Eva: *Hodie mecum eris in paradiso.* Luc.

Se pelas más companhias até o impocçavel se reputa por peccador: se hum Christo he hum ladraão por estar entre ladroens : se hum máo impossivel he máo por acompanhar os máos ; cautela, & mais cautela nas companhias, nos parentescos, nas amizades, nas conversações: porque não só se perde o credito, mas a vida, a fazenda, a casa, & tudo faz perder hũa má companhia. Era Jonadab primo, amigo, companheiro de Amnon primogenito de ElRey David: era o secretario dos seus cuidados, a testemunha das suas acçoens, o complice dos seus delittos, o executor dos seus desejos. Por estes titulos teve Jonadab confiança para fazer esta pergunta a Amnon: *Quare sic attenuaris macie fili regis 2.Reg per singulos dies?* Meu primo, meu Principe, & Senhor, 13. 4. que he o que tendes? Que desgosto he o vosso, que tam acabado andais? Bem podeis fiar o peito, de quem fiais o lado. O sangue, a amizade, a companhia, & criação de tantos annos, são bastantes penhores para o segredo, que póde valer essa melancolia secreta, esse pesar tam fechado: dizei-me o que he; que eu o remediarey. Tanto apertou o primo com o Principe, que lhe abriu o peito; revelou-lhe a causa da sua enfermidade, dizendo: *Thamar sororem fratris mei amo:* Morro de amores Ibid. por Thamar irmãa de meu irmão.

Ora supponde, meu primo, (diz Jonadab) que sou

Ibid.
5.

o vosso Medico, que vos quero curar dessa tifica de amor : tomay o conselho , que vos dou. Deitai-vos na cama , fingi-vos doente: *Cuba super lectum tuum, & languorem simula*: porque tanto que em Palacio se sabe que estais de cama , vem vosso Pay visitar-vos : pedi-lhe entãõ a Thamar por enfermeira; & tendes em hum raro modo de cura a causa da enfermidade por remedio della. Assim como o primo o pintou , ou receitou, succedeo. Veyo David, veyo Thamar : & veyo à casa de David tal turbação, tal desgosto , tal infamia, tal sentimento pelo conselho de huma má companhia , que toda a vida teve David, que chorar : *Contristatus est valdè: Luxit ergo David filium suum cunctis diebus*: o Principe Amnon foi morto à traição por ordem de Absalaõ irmão de Thamar em hum convite; a Princeza Thamar sepultada em vida , desfeita em pranto, consumida de dor , morta de desgosto acabou em hũ canto. Todas estas desgraças , & sentimentos tão pesados causou hum companheiro , hum camarada , hũ primo , hum conselheiro , hũ amigo , huma má companhia. Para que cada hum veja com quem acompanha , com quem passeia , com quem conversa , come , & bebe ; pois atè do proprio sangue se não pòde fiar a companhia. Nem do mais pintado , neni do mais illustre se pòde fiar o coração , a amizade , a companhia, sob pena das gravissimas perdas , & damnos , que causão as más companhias.

Ibid.
12.&
37.

Em recompensa, & contraposição do mão exemplo de Jonadab, darey outro, o mais admiravel, que se pôde dar nesta materia. Santo Antonio, por fugir dos perigos das mãos companhias, deixou o mundo, deixou a patria, deixou os amigos, os parentes, os condiscipulos, todos aquelles que podiaõ ser laços; & occasioens de mãos companhias: trabalhou, peregrinou, desvelou-se pela Sapiencia, até que a alcançou; & com ella (diz a sua Epistola) lhe vieraõ todas as boas sortes: *Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa.* Em companhia da Sapiência lhe veyo toda aquella honestidade, pureza, santidade, com que resplandeceo: *Et innumerabilis honestas per manus illius.* Por fugir de mãos cõpanhias, & buscar as melhores para se melhorar a si, & melhorar os outros (como nos ensinou Seneca: *Cum his conversare, qui meliorem facturi sunt: illos admittite, quos tu potes facere meliores:* foy taõ ditoso, que às mãos lhe veyo a mesma Sabedoria Eterna, o mesmo Deos encarnado o veyo buscar para companheiro, & camarada, em habito de Frade por homiem: *Habitu inventus ut homo,* & Frade menor por Menino; para que na pintura de Santo Antonio se comprisse o motte da primeira sorte: O Frade que anda com o ladraõ, ou o ladraõ será Frade, ou o Frade ladraõ.

O Padre Eterno (diz o Profeta Isaias) quer que o seu Filho tenha o nome de roubador: *Voca nomen ejus,* 3. *Accelera spolia detrahere: Festina predari.* Vedes vós

o Menino, que está na mão de Santo Antonio? Pois he hum ladraõzinho. E como está de camarada com o Frade, o Frade tambem he ladraõ. Mas que ladraõ? Ladraõ de almas, como o ladraõ dos nossos corações, que tem na mão: que essa habilidade aprendeo elle do companheiro que tem consigo, roubar como ladraõ até os mesmos ladroens. Huma tropa de vinte, & dous ladroens ouvindo a fama de Santo Antonio, foraõ disfarcados a velo, & ouvilo: vendo, & ouvindo o Divino Portuguez como outro Moyzes da ley da Graça, ficaraõ taõ trocados, & compungidos, que logo confessando os seus atrozes delittos, satisfazendo os encargos de suas culpas, mudaraõ de vida, & de officio. Neste caso temos o Frade feito ladraõ de ladroens, & os ladroens como Frades na mudança da vida. Mas que maravilha, & que excessõ, se combinarmos os ladroens de Christo com os ladroens de Santo Antonio! Christo no monte Calvario converteo hum só ladraõ; & Santo Antonio vinte & dous ladroens? De dous ladroens na companhia de Christo, salva-se hum só; de vinte & dous ladroens que ouviraõ a Santo Antonio, nenhum ficou, que se não convertesse? Sim: que ama Christo tanto a Santo Antonio, he tanto seu camarada, que lhe deo virtude para fazer mais, do que elle fez, para roubar mais, do que elle roubou. Por isso se fez seu camarada na figura de Menino, para mostrar que mayor ladraõ das Almas era Santo Antonio, do que elle: por-
que

que se elle no monte Calvario convertèra hum ladraõ ,
 Santo Antonio converteo de hũa só vez vinte & dous.
 E não me espanto q̃ S. Antonio fizesse mayores roubõs:
Maiora horum faciet ; pois soube tanto roubar o agrado
 do roubador do mûdo: *Voca nomen ejus: Festina prædari:* Joan. 14. 12.
 & teve taõ grande sorte, que às mãos lhe veyo a mesma
 Sabedoria encarnada, & em sua cõpanhia todas as felici-
 dades jũtas: *Venerūt autē mihi omnia bona pariter cum illa.*

Explicado o thema da Epistola , glosado o motte
 da primeira sorte , saya o premio. *Delicie meæ, esse cum* Prov. 8. 31.
filijs hominum. Quem deixa as mãs companhias , acha
 no Sacramento não só a intima companhia de Christo:
In me manet , & ego in illo; mas logra dentro de si as
 delicias , que Christo tem de nos acompanhar no Sa- Joan. 6. 57.
 cramento até o fim do mundo , de nos enriquecer , &
 aumentar na sua graça. Notavel premio ! Maravilha-
 sa fineza ! Em vez de nõs termos a delicia na companhia
 de Christo , elle diz que a tem em nos assistir , & em se
 metter nas nossas Almas. O Cardeal Hugo explican-
 do estas delicias, ainda encarece mais o premio da sorte
 na fineza do Sacramento: *Delicie meæ, esse cum filijs ho-*
minum. Potiùs sunt ei delicie cum filijs hominum, quàm Hugo
cum Angelis. Mayor delicia tem Christo na compa- Card. 1bi.
 nhia dos homens , que na companhia dos Anjos : mais
 parece que gosta de citar connosco no Sacramento, do
 que estar com os Anjos no Ceo. Oh que sorte ! Oh que
 premio ! Que delicia ! Que graça ! Que gloria !



SEGUNDA PRÁTICA.

Optavi, & datus est mihi sensus. Sap. 7.

NINGUEM se contenta com a sua sorte: porque o mundo todo arde em cobiças, & toda a vida se passa em desejos. Desejaõ muitos mudar de estado, de officio, de terras, de sitio, de casas, de criados, de escravos, de mantimento, de affectos. Só para se mudar de vida, & de costumes em ordem à salvação da alma, ha poucos desejos: ——— *Pauci, quos æquus amavit*

Juppiter, aut ardens evexit ad æthera virtus: porque para essa mudança he necessario q̄ toque Deos o instrumento, he necessario que se empenhe o braço divino: *Hæc mutatio dextere Excelsi.*

Pfalm
76.11.

Todo o Universo está cheyo de desejos, & cobiças, de bons, & mãos desejos. A terra he a mãy dos desejos, a officina das cobiças, a praça dos appetites: para os peccadores he o labyrintho das cobiças, o cháos das
ambi-

ambiçoens ; para os justos he o centro dos suspiros , a morada das ansias, a campanha das jaculatorias. David, em quanto cà morou, não se fartava de desejos, arrebatava com suspiros : *Concupivit anima mea desiderare justificationes tuas , in omni tempore.* O Ceo, com ser a nossa patria , onde os desejos, & as saudades fazem termo ; onde não ha mais que desejar , por ser aquella satisfação , & posse completissima de todo o querer , & suspirar , como diz o mesmo Rey dos desejos: *Satiabor cum apparuerit gloria tua :* com ser isto assim , saibão que até no Ceo ha desejos , porque ha Texto , que o diga : *In quem desiderant Angeli prospicere.* Os Anjos desejaõ ver a Deos, desejaõ ver os que estão vendo, para terem todo o gosto de desejar, & possuir.

Psalms 118.20

Psalms 16.15.

1.Petr 1.12.

Atè no Inferno ha desejos. São João Evangelista o diz : *Desiderabunt mcri :* Os condenados desejaõ morrer , imaginando que morrendo acabarão os seus tormentos. Loucos com a força dos tormentos desejaõ morrer. Como antes de cahirem no inferno morrendo acabàraõ as penas, que padeciãõ no mundo ; cuidaõ que morrendo no inferno terãõ fim os tormentos, que nelle padecem , esquecidos da morte que tem no Inferno , que he eterna : *Mors depascet eos :* diz David. A morte he o pasto dos condenados. O pasto , ainda que se coma a rama de cima ; como tem raiz na terra , donde està sempre brotando, he boa metáfora da morte do inferno , que atormenta por ser morte, mas não acaba

Apo-cal. 9. 6.

Psalms 48.15.

acaba

acaba por ser eterna. Nunca ha de ter o inferno fim: porque o bicho roedor da consciencia [ainda que não houvera outro tormento, nem outra morte] nunca

ha de morrer: *Vermis eorum non morietur*: diz Isaiás.

66.24. Com que debalde desejaõ morrer os condenados. Mas isso he ser inferno: desejar morrer, & não acabar. Desejos ha no inferno, mas são desejos que atormentaõ: porque desejar o impossivel, he ter os desejos em tormento: *Desiderabunt mori*. No Purgatorio he que são mais finos, & ardentes os desejos. São desejos, que affligem; mas santos, & divinos desejos. Como os desejos são filhos da esperança, que he o principal tormento do Purgatorio; as penas do Purgatorio são mais, & mais desejos de ver a Deos: *Spes, quæ differtur, affligit animam*.

Prov.
13.12.

Por serem tantos os desejos em todo o universo, & por serem immensos, & varios os desejos, & cobiças dos homens neste mundo; delles nasce o ninguem se contentar com a sua sorte. Dos desejos procedem as boas, & más sortes; que todas são boas, se os desejos são bem nascidos, & bem encaminhados. *Optavi*, diz o Sabio: Desejei. E que desejou? A sabedoria do Ceo, diz Hugo: *Optavi sapientiam*. E porque foy bom o desejo, bem nascido, & bem dirigido, teve boa sorte, teve o que desejava: *Datus est mihi sensus*: Compriose-me o desejo, em se me dar entendimento para conhecer a verdade. Os desejos tomaõ a sua boa, ou mà sorte, dos
sujeitos

sujeitos que deſejaõ, & dos objectos que ſe cobiçaõ. *Mandata tua deſiderabam*: Deſejava, Senhor, os voſſos Mandamentos, para os guardar como devo. O objecto do deſejo, já vemos que he ſanto, & bom: & o ſujeito he aquelle, que trazia a alma nas mãos: *Anima mea in manibus meis ſemper*. Espere là o homem da alma nas mãos: veja o que diz da ſua alma. Se a alma racional eſtã indiviſivelmente em todo o corpo; como ſó nas mãos diz que tem alma? He verdade (reſponde David) que a alma eſtã em todo o corpo: mas porque nas mãos tenho dez dedos, como dez Mandamentos, que muito deſejo guardar, nas mãos trago a alma, pela applicaçãõ, & deſejo, que tenho de guardar a ley de Deos. E porque os deſejos de David, aſſim da parte do ſujeito, como do objecto, eraõ tambem nãscidos, como encaminhados; eraõ deſejos, q̃ ſe podiaõ apreſentar diãte da Santiffima Trindade, como elle meſmo dizia: *Domine, ante te omne deſiderium meum*. Porque os deſejos de David foraõ tão Santos, & reais, por naſcerem de hum Rey tão ajuſtado com Deos, & divinos pelo objecto, a q̃ a que ſe dedicavaõ; ſe contentou David com a ſua ſorte, deſcanſando na quelle termo, a que attendiaõ os ſeus ſantos deſejos: *In pace in idipſum dormiam, & requieſcam*.

Os deſejos ſãõ os que fazem os homens contentes, ou deſcontentes das ſuas ſortes. As cobiças, ambiçoens, appetites, deſejos deſordenados, ſãõ as furias infernaes, que fazem os homens deſenquietos. O glorioſo São

Plalm

118.

131.

Ibid.

109.

Plalm

37.10.

Plalm.

4.9.

Bernardo diz , que nos desejos consiste a mayor desen-
quietação do mundo, & na falta do desejo está a mayor
tranquillidade da vida: *Nihil in hac vita laboriosius*)

Div. Bern. *quàm desiderijs terrenis aestuare: & nihil hinc quietius,*
Serm. *quàm hujus sæculi nihil appetere.* E porque desenquietaõ
6. tanto os desejos? Porq̃ os que desejão , & o que se de-

seja, tudo he mào: mào o sujeito, mào o desejo, & mào o
Prov. *objecto: Anima impij desiderat malum:* diz o Espirito S.
21.10. Em quatropalavras temos todo o assumpto dos desejos.

Anima impij, o sujeito: *desiderat,* o desejo: *malũ,* o objecto.

E porque os mões desejão o mal , por isso [diz David]
andaõ em huma roda viva , andaõ à roda inquietos, &

Pfalms *perturbados: In circuitu impij ambulant.* E porque os
41.9. desejos dos mões , os cuidados, as ansias , os suspiros, os
affectos , as almas se empregão taõ mal , taõ mal se
cumprem, taõ mào fim vem a ter.

Salamão foi o homem, que mais desejou , & q̃ mais
matou os seus desejos , dádolhes comprimento a tudo,

Eccl. *como elle proprio escreveo: Omnia, que desideraverunt*
2.10. *oculi mei, non negavi eis.* Forão tantos , & taõ fogosos
os desejos de Salamão, que arrancando-se do coração se
hiaõ pôr nas janellas dos olhos. Com que não só o co-
ração de Salamão desejava, mas até os olhos desejavaõ:
naõ só eraõ desejos q̃ vião, & olhos que desejavaõ (con-
tra todo o estillo do ver, & desejar) *Omnia, que deside-*
raverunt oculi mei; mas eraõ desejos compridos, &
olhos satisfeitos: *Non negavi eis.* Mas essa (pergunto
agora]

agora) essa fartura de desejos, essa extravagancia de appetencias, essas vistas cheas de desejos, esses desejos tão largos, & immensos, tão fartos, & satisfeitos, em q̄ paràrao: q̄ fim tiveraõ? Diga-o elle: *Et hoc vanitas est.* De toda a liberdade, & satisfação de meus desejos (diz Salamão) não tirey mais q̄ vaidade: nada tirey: por q̄ tudo o que desejey, & logrey, foi huma sombra, hum vento, hum nada: *Et hoc vanitas est.* Não tirou nada, & tirou muito Salamão dos seus desejos: nada, porque delles não lhe resultou mais, que huma vaidade; muito, porque os seus desordenados desejos o depravaraõ de tal sorte, *Depravatum est cor ejus*, que anda em opiniaõ a sua condemnação, & ha muita duvida entre os Doutores sobre a sua salvação. 1bid. 26. 3Reg 11.4.

Entre os bons, & mãos desejos, ha huma casta de desejos, que são como desejos palmados, preguiçosos, inuteis. Estes são tão mãos como os mãos; porque S. Paulo os ata com os nocivos, & diz que são desejos de perdição: *Desideria multa inutilia, & nociva, que mer- gunt homines in interitum & perditionem.* Parece rigor, & demasiado escrupulo, dizer que os desejos inuteis, os desejos indifferentes [que não são bons, nem mãos] são desejos de perdição, desejos que levão ao inferno! Oh, que esses desejos inuteis, pelo perigo que tem de penderem mais para perniciosos do q̄ para meritorios, são muito arriscados a serem nocivos, a serem mortaes, estão muy perto huns dos outros: *Desideria inutilia, &*

nociva. Se o perigo do peccado he peccado: *Qui amat*

Eccli. *periculum, in illo peribit* : se os desejos (como diz o Es-

3.27. piritito Santo) matao ao preguiçoso: *Desideria occidunt*

Prov. *pigrum*: desejos preguiçosos, desejos inuteis, podem-se

21.25. julgar por mortaes, & por desejos de perdição eterna,

pelo perigo, pela occasião, a q̄ estaõ expostos, de serẽ de

moite, & de perdição: *Desideria multa inutilia, & no-*

civa, que mergunt homines in interitum & perditionem.

A mayor perdição, que podem ter os desejos inuteis,

& nocivos; o mayor castigo, que Deos pode dar aos

senhores desses desejos, he (como diz o mesmo Paulo)

Rom. deixalos hir atraz dos seus desejos: *Tradidit illos Deus in*

1.24. *desideria cordis eorũ.* De dous modos pode Deos castigar

os peccadores por maõs desejos: ou como Cavalleiros,

ou como esciavos. Como Cavalleiros; porq̄ o maõ de-

sejo he hũ Cavallo desenfreado, he hũ quartão rebellão

(como diz David: *Fallax equus ad salutem,*) & saõ muitos

Pfalm os q̄ cahem do Cavallo desenfreado do seu desejo. Naõ

32.17. he porque o Principe dos Apostolos naõ esteja clamã-

do que se puxe pela reõea ao Cavallo; que se refrẽ o

maõ desejo: *Abstinere vos à carnalibus desiderijs.* Alem

1.Petr de cahirem muitos dos Cavallos dos seus desejos; diz

2.11. Santo Ambrosio, que depois de cahirem dos indomi-

tos Cavallos dos desejos desenfreados, vaõ arrastados,

& despedaçados dos Cavallos, pelos naõ saberem go-

Div. verner & refrear, continuando nos precipicios, & arro-

Ambr. jos de suas culpas: *Qui moderari nescit cupiditatibus, is*

lib. de *quasi*

virgin

quasi equis raptus indomitis volvitur, laniatur, affligitur.
 O outro modo de castigo, por onde Deos deixa hir os peccadores atraz de seus lascivos desejos, he permittindo, que sejião escravos dos seus desejos. Os escravo vão atraz de seus senhores. Se os vossos desejos vão atraz de vòs; ides bem, porque ides como senhor delles. Mas se vòs ides atraz delles, fazendo tudo quanto elles querem; onde ireis parar, Cavalleiros sem freyo, escravos de vossos mesmos appetites? Onde haveis de parar, senão naquelle centro, onde se para por toda a eternidade, onde se padece eternamente? *In desideria cordis eorum: Desideria multa inutilia, & nociva, que mergunt homines in interitum, & perditionem.*

Jà tercis entendido o que faz a boa, & mà sorte, o que contenta, ou descontenta a cada hum da sua sorte; que são os desejos. O fazer boa sorte, ou ter boa sorte, consiste em ser bom Cavalleiro. Se sabeis governar a redêa, metter a espora ao Cavallo do desejo mào: se sabeis correr como huma dama (mas sem dama) pela carreira dos Mandamentos, como corria David: *Viam mandatorum tuorum cucurri*: não podeis viver descontente da vossa sorte, fazendo tão boas sortes no ginette do desejo. Se como senhor, & não como escravo dos vossos desejos, caminhais com elles atraz de vòs, & os trazeis subjeitos, & sopeados; sois o mais heroico, o mais sabio, o mais illustre homem, que tem o mundo: porque sendo senhor de vossos desejos, não tendes que
 temer

temer ; porque só vive contente , & descansado , o que he senhor , & não escravo , dos seus desejos. Os dous Principes do Ceo mais soberanos , dos quaes temos tão grandes noticias, Miguel , & Gabriel , ambos se empenharaõ nos louvores do Profeta Daniel , & am-

Dan.
9.23.

bos lhe chamaraõ varaõ de desejos : *Vir desideriorum es* : que he o mesmo , que homem de bons desejos. Por ser o senhor delles, & por ter dominio sobre os seus desejos, lhe veyo a dizer S. Miguel, que não tinha que temer :

Dan.
10.19.

Noli timere , vir desideriorum. Não ha que temer no Varaõ dos desejos: porque quem chega a ser o Senhor, a ter o dominio sobre os seus desejos , não tem que temer. Como os desejos são os que mais desenquietaõ , & perturbaõ o homem ; vencidos , & sopeados os desejos , não ha que temer nesta vida. Viva descontente da sua sorte , o que he subdito, o que he escravo de seus torpes desejos : mas o que he senhor delles , viva contente com a sua sorte , porque não tem que temer : *Noli timere , vir desideriorum.*

Varaõ de desejos mais heroyco , & soberano foy S. Antonio. *Optavi*, diz elle : Desejei. Foraõ os desejos do divino Portuguez tão santos , tão qualificados pelo sujeito , & pelo objecto , que mereceo por elles alcançar aquella sabedoria tão prodigiosa : *Datus est mihi sensus* : que affirma Thomas Bozio , insigne Padre do Oratorio do admiravel Patriarcha S. Felippe Neri, que he impossivel contarem-se as maravilhas , que foraõ partos

partos daquelles tam bem nascidos, & encaminhados
 desejos de Santo Antonio; porque em vida, & depois
 de sua morte estaõ sempre a brotar prodigios: *Ad hoc
 quod miranda, & omninò divina fuerunt effecta, dum vi-
 veret, ac post obitum, nimis esset longum referre.* O pre-
 maio, que Santo Antonio teve da sorte dos seus desejos,
 foy fazelo Deos senhor dos proprios, & alheyos desejos.
 Teve S. Antonio desejo de se mudar de hum Convêto
 para o outro: cansado da continua tarefa dos Sermoões,
 quiz mudar-se da Cidade parahum Convento de fóra
 por mais retirado, & accommodado para a contem-
 plação: fez huma carta, em que pedia licença ao seu
 Provincial: poz a carta na Cella, & foy ao Guardiãõ
 pedir portador para a levar. Respondeo o Guardiãõ, q̃
 não havia portador: ou porque o não havia, ou por-
 que lhe não convinha que se mudasse Santo Antonio
 do seu Convento. Recolhendose o Santo para a Cella,
 & nella não achou a carta: resignou-se na vontade de
 Deos, parecendo-lhe que não queria Deos se mudasse
 daquelle Convento. Passado o termo daquelles dias,
 que podia gastar no caminho hum diligente correyo,
 chegou hum homem em trajos de peregrino, (que de-
 via ser algũ Anjo) deulhe a reposta do Provincial com
 a licença que pedia. Comprio-se aqui o ditto de David
 sobre os desejos dos Santos, que nunca saõ frustrados:
Non sunt fraudati à desiderio suo.

Tho-
 mas
 Bozius
 Cõgre-
 gatio-
 nis O-
 ratorij
 Pres-
 byte-
 rorũ.

Pfalma
 77.29.

Tambem foy senhor dos desejos alheyos o nosso S.

Em

Em huma Aldêa de Italia desejava huma Donzella visitar o Sepulchro de Santo Antonio; mas não podiaõ ter effeito os seus desejos, porque seus pays a não que-riaõ deixar hir, por amor dos trigos, que guardava dos passaros. Meu Santo, (dizia ella com grande an- sia) eu não posso esperar mais, não posso loportar a violencia, que me fazem os desejos de visitar o vosso Sepulchro: peço-vos, que em quanto vou, me guardeis este trigo, não o comão os passaros. A penas fez a moça a sua oração, quando os passaros voando com grande estrondo se foraõ, & não tornâraõ, senão depois de estarem os paens legados. Não sómente foy São Antonio tão ditoso nos seus proprios desejos para ser senhor delles, para alcançar quanto desejava; mas em premio dos seus bons desejos foy senhor atè dos de- sejos alhejos, favorecendo a simplez Donzella no que lhe pedia, para que se comprissem os seus desejos em ver o seu santo Sepulchro.

E se Santo Antonio pelos seus heroycos, & divi- nos desejos, *Optavi*, teve tão grande sorte, & pre- mio, em prodigios sem par, nem conto; para premio dos desejos fez Christo aquella cifra de maravilhas no Sacramento do Altar. Os que se não contentão com a sua sorte, porque vivem desenquietos nos seus desejos

Num.
11.34.

não tem boa sorte no Sacramento. *Ibi enim sepeliverunt populum, qui desideraverat.* Aonde o Povo de Israel teve os desejos das grosseiras vian das do Egypto, & se

naõ contentou com o Manná, figura do Sacramento, teve o castigo, a morte, a sepultura com epitaffio de Sepultura dos mãos desejos: *Sepulchra concupiscentie.* Ibid. Mas os que tem bons desejos, os que são senhores, & naõ escravos de seus appetites, tem naquelle cofre as joyas, que fizeram os desejos de Christo para premio dos bons desejos: *Desideravi hoc pascha manducare vobiscum,* em aumentos de graça nesta vida, penhores certos da melhor sorte.





TERCEIRA PRÁTICA.

Invocavi, & venit in me spiritus sapientiae. Sap. 7.



INVOQUEY (diz Santo Antonio na sua Epistola) & logo me veyo o espirito da sabedoria. *Invocavi orando Dominum:* diz Hugo. Pela oração vocal, & mental se pede,

Jacob. & se alcança essa sabedoria: *Siquis autem vestrum indiget sapentiâ, postulet à Deo, qui dat omnibus affluenter.*
 1.5. Mas o pedir ha de ser resignado em Deos. *Invocavi:* In voquey, diz o Sabio; mas não diz o que pede: porque se a quem daõ não escolhe, quem pede, como hade escolher antes de lhe darem? E porque o pedir do Sabio, o pedir dos Santos he mais na confiança da Divina Misericordia, que da propria sufficiencia: Mais val a quẽ Deos ajuda, que quem muito madruga: por isso o nosso Santo alcançou mais do que esperava. E porque invocou a Deos, orou, & rogou mais com a vida, que com a boca, mais por obras, que por palavras; porque,
 A quem

A quem has de rogar, não has de aggravar: foi tão eficaz a sua oração, q̄ não só alcançou de Deos a sapiencia, mas o espirito da sapiencia: *Et venit in me spiritus sapientiae*: q̄ he o mesmo, no dittame de Hugo, que o Espírito Santo: *Spiritus Sanctus dator sapientiae*: como o testemunha a cabeça do Mundo ouvindo a S. Antonio no dia do Espírito Santo: & como experimentou a mayor, & melhor parte do Mundo na sua sabedoria, & Santidade cheia de todos os dons do Espírito Santo. Sobre os tres mottes: A quem daõ, não escolhe: Mais val a quem Deos ajuda, que quem muyto madruga: A quem has de rogar, não has de aggravar: discorreremos hũ pouco, aprendendo de Santo Antonio a arte das artes, ou a ciencia das ciencias, que he a santa oração.

A quem daõ não escolhe. Deos quer que lhe peçaõ: *Petite, & accipietis*: & agrava-se de lhe não pedirem, Joan. 16.24. como o significou a seus Discipulos, quasi reprehendendo-os de lhe não pedirẽ: *Usque modò non petistis quidquã*: Ibid. Atègora nada pedistes. Quer Deos que peçaõ, mas não quer que escolhamos. Ha muitos oradores tão parciaes no orar, tão afferrados no pedir, que não querem senão o que pedem: & pela teima, com que oraõ, não alcançaõ o que pedem, porque não sabem o estillo de pedir. *Petitis, & non accipitis: ed quòd malè petatis*: Jacob 4.3. Pedis, & não recebeis o que pedis, (diz o Apollolo das Hespanhas) porque pedis mal. E como se pede mal?

Pedindo como elle pediu. Pedio elle a Christo os primeiros lugares do Reyno para si, & para seu Irmão, por meyo de sua Mãy: *Dic ut sedent hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & unus ad sinistram, in regno tuo.*

Mat.
th.
20.21

Guardemos esta petição, & busquemos outra. Orou no monte Calvario o Bom Ladrão, pedindo a Christo huma lembrança no seu Reyno: *Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum.* Nos despachos destas duas

Luc.
23.42.

petições se verá qual foy melhor petição, quaes dos pertendentes pedirão bem, ou mal. O despacho dos filhos do Zebedeo diz que não sabem pedir, que pedem mal: *Nescitis quid petatis:* o despacho do Bom Ladrão

Mat.
th.20.
22.

aprova a petição que lhe fez, dandose-lhe mais do q̄ pede: *Hodie mecum eris in paradiso.* E qual he a razão?

Luc.
23.43.

As petições a dizem. Santiago, & seu Irmão pedirão escolhendo, & determinando o que querião: *Unus ad dexteram tuam & unus ad sinistram:* o Bom Ladrão pediu indifferente, & resignado no que lhe quizessem dar, lembrando, mas não apontando mercè alguma: *Memento mei.* E vós meus Apostolos, não só sois ambiciosos, mas determinadamente ambiciosos, escolhendo, & escolhendo o melhor do Reyno, os primeiros lugares, ambos os lados do Principe? Pois andai para nescios ambiciosos: *Nescitis quid petatis:* que se a quem daõ não escolhe, quem pede, como já escolhe antes de lhe darem? Vós sim, meu Bom Ladrão, & bom orador: vós sim, que sabeis pedir, que não determinais,

nem

nem escolheis no que pedis: vós, que não pedís lugar, nem posto particular, levareis o mais amplo, & grandioso despacho, que nunca se deo: *Hodie mecum eris in paradiso.*

Tenhão todos entendido, que o orar sem eleição, o rogar sem determinar, he o mais acertado modo de pedir, he o mais bem visto, & o mais bem despachado: porque nas taes petições mostram os oradores submissão, & rendimento na indiferença, com que pedem; que são dous lances para Deos de summo agrado, & dão occasião á Magestade, a que supplicação, para usar da sua grandeza, ou do seu beneplacito. Tomemos exemplo do Bom Ladrão, que pela submissão, rendimento, & indiferença, com que orou pedindo hũa lembrança, alcançou hum Paraíso; pedindo a mercè, que lhe quizessem fazer para o futuro, logo de presente, logo na mesma hora teve o despacho: *Hodie.* Tomemos exemplo de outros insignes oradores. Os moços na fornalha de Babylonia oravão, mas não pedião a Deos Dan.3 que os livrasse do tormento, em que estavam: pela fidelguia da sua oração, passeavão cantando por entre as chammas, como quem passeia por hum jardim. O Profeta Jonæ Jonas orava no ventre da Balea, mas não pedia ^{2.} mudança de lugar: pelo valor da sua resignação em tão estupendo perigo, a Balea fazendo da lingua batel, ou canôa, o pozão, & salvo na praya. Daniel no lago Dan. dos Leoens orava com mais espirito, do que costumava ^{14.}
entre

entre os homens, mas não pedia o livrar-se do perigo, em que estava a sua vida: pela gentileza de tal oração, fahio do lago sem lhe tocarem os leoens. E emfim Santo Antonio [o mais celebrado Orador de Italia] tomando a lição dos Agostinhos, Bernardos, Chrystomos, & outros Tullios, Demosthenes da Igreja Catholica, nos Tropos da melhor eloquencia, nos pontos da melhor oração, (que he a que se faz a Deos) orou sem determinar: *Invocavi*: & foy tal a efficacia da oração do Divino Portuguez por submissa, & rendida, que alcançou não só a sabedoria, mas às mãos lhe veyo o Senhor da Sabedoria: *Et venit in me spiritus sapientiae*.

O segundo motte das sortes he muito accommodado para a oração da Sapiencia: Mais val a quem Deos ajuda, que quem muito madruga. Mais se negocea com Deos, que com os homens. Mais se vence com as mãos levantadas a Deos pela oração, que com as mãos armadas de muitos exercitos: porque quem tiver da sua parte o Senhor dos exercitos, como tem os q̄ orão; que póde temer? Pelejava Josué contra Amalec: & estando os dous exercitos frente a frente, testa a testa; em quanto Moysés tinha as mãos levantadas orando a Deos pelo exercito de Josué, vencia Josué, vencia o Povo de Deos:

Exod 17.11. *Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israel*: mas tanto que cahião as mãos de Moysés, tanto que descachia a

Ibid. oração, vencia o inimigo: *Superabat Amalec*. Não ha vencer sem orar. Sem oração não se vencem tentações,
não

não se vencem vícios , não se vencem os inimigos da alma. Todas as batalhas querem oração, tanto para os inimigos visíveis, como para os invisíveis. A oração deve Portugal o ser Reyno, & a esperança que tem de ser Imperio: Vendo se o primeiro Rey de Portugal Dom Affonso Henriquez [antes de o ser] cercado de cinco Reys Mouros com tão poderosos exercitos, que a cada Christão cabião cem Mouros; recorreo à oração: appareceo-lhe Christo crucificado; dandolhe as Quinas por armas, o animou para a victoria, que lhe deo por fundamento do futuro Imperio, nestas tão repetidas palavras: *Volo in te*, & *in semine tuo Imperium mihi stabilire*. A esta imitação, o grande Nuno Alvarez Pereyra na batalha de Valverde apertado de trinta mil Castelhanos, retirou-se a hum lugar occulto a ter oração, & por ella alcançou huma prodigiosa victoria. Tambem o famoso Duarte Pacheco na India perseguido, & combatido dos grandes exercitos de ElRey de Calecut, fez sua oração, ajudou-o Deos, venceu o que humanamente se não podia vencer. E quem se atreverá a negar, que as palmosas victorias, que Portugal alcançou em todo o mundo de seus inimigos, & aqui neste Pernambuco, em que estamos, não foraõ oraçoens, ou dos Josuès, ou dos Moysés; ou dos que pelejavaõ, ou dos que oravaõ pelos que pelejavaõ? Diziaõ dous grandes homens de huma, & outra guerra, com a experiencia de muitas victorias, David, & Job: que armados da

da oraçõ se lhes não dava de todo o mundo. *Pone me juxta te, & cujus vis manus pugnet contra me*: Pondeme vós, Senhor, (dizia Job] em vossa presença, junto de vós por meyo da oraçãõ, & peleje contra mim quem quizer; que certa tenho a victoria. Ainda elle venceo mais do que diz; porque venceo ao Inferno, & ao proprio Demonio, que o não pode nunca derrubar de sua singular constancia. David, que em toda a campanha espiritual, & temporal foi o Deos Marte, diz no terceiro Psalmo, que elle sendo hum só não teme milhoens de

Psal. 3.7. *Non timebo millia populi circumdantis me.* Mas
Ibid. porque, ou como? *Exurge Domine, saluum me fac Deus meus.* Orando a Deos, he que não teme que o acometa todo o mundo.

Bem diz logo o adagio dos Antigos, a sentença dos Velhos: Mais val quem Deos ajuda: mais val a oraçãõ, por onde Deos nos ajuda; porque sem a ajuda de Deos nada podemos, & para a alcançarmos havemos de pedila. E tendo nós essa ajuda de Deos pela oraçãõ, val mais que quem muito madruga. Val mais a oraçãõ, que o mundo todo: póde mais, que todos os exercitos, que todos os poderes humanos; porq̃ a oraçãõ parece he mais omnipotente, que o mesmo Omnipotente.

Joan. 14.12. *Opera, quæ ego facio, & ipse faciet, & maiora horum faciet.* Diz Christo nestas palavras, que haverà depois d'elle quem faça mais do que elle fez. Notavel proposiçãõ de hum Deos encarnado: *Maiora horum faciet!*

faciet! E haverà, ou houve já no mundo quem fizel-se mayores prodigios que Christo? Sim, diz Theophylacto: *Per orationem potest quis exercere prodigia*: Estes prodigios mayores do que fez Christo, pôde fazer hũ Orador: porque como o que tem oração, tem a Deos por si, pôde obrar mais do que Christo obrou. Pôde obrar como Deos, por ser o instrumento mais apto pela oração; & mais que Christo, porque elle mesmo o disse por acreditar a oração: *Maiora horum faciet: Per orationem potest quis exercere prodigia*. os prodigios, que fez, & està sempre fazendo Santo Antonio: Os peccadores, que reduzio; os Hereges, que converteo; os enfermos, que farou; os mortos, que resuscitou; com que armas fez essas proezas, senão com a oração, em que empregava o mais do tempo? Quem deo a Santo Antonio aquelle espirito, aquelle valor, com que sahio ao encontro a Excelino, General de Friderico Segundo, Imperador Cismatico, senão a sua ferventissima oração? Com ella armado fez parar aquelle exercito, que hia destruindo, & assolando toda Italia; chamando vibora, lobo, & barbaro ao tyranno do General, com que o obrigou não só a retirar-se, mas a lançar-se a seus pés, pedir perdaõ, & prometter emenda. Certo he logo o nosso motte: mais val quem Deos ajuda. Mais pôde hum Orador, que hum General: Mais val a oração, que hum exercito, & que todo o mundo. Mais val huma madrugada de oração (como fazia David: *In matutinis* Psalm 62.7.

nis meditabor in te] que todas as madrugadas, que todos os desvelos, que todos os empenhos, & poderes do Ceo, & da terra: porque ma s val qu m Deos ajuda, que quem muito madruga: *Maiora horum faciet.*

O terceiro moite, que he o mais congruente, & preciso para a oraçaõ, diz: A quem has de rogar, não has de aggravar. Se por força, de necessidade havemos de orar, & rogar a Deos; como aggravamos, como offendemos a quem rogamos? Oraçaõ com aggravos: rezas, & cantos em peccado, aggravão tanto a Deos, que diz Santo Agostinho, que mais agrada a Deos hũ caõ ladrando, hum boy berrando, hum animal immũdo grunhindo, do que hum luxurioso cantando: *Plus placet Deo latratus canum, mugitus boum, grunitus porcorum, quàm cantus clericorum luxuriantium.* Oh, vejaõ os córos, vejaõ as musicas, vejaõ as rezas, vejaõ os Sacerdotes, que são Oradores do Povo, com que consciencia, com que pureza, com que tençaõ cantaõ, rezaõ, & oraõ: não ouça Deos melhor as vozes dos mais torpes animaes, do que as cantorias, rezas, & oraçoens dos racionaes. Vejaõ, que se aggravão a quem rogão, se offendem a quem cantaõ, não seraõ ouvidos os seus rogos, seraõ mui desprezadas as suas musicas, as suas oraçoens. *Cùm multiplicaveritis orationem, non ex-*

Isaie
1.15.

audiam: A inda que me rogueis muitas vezes, não vos hey-de ouvir: dizia là Deos por Isaías. A quem não hade ouvir? Ao s que orando levantavaõ as mãos a

Deos

Deos cheas de sangue: *Manus enim vestrae sanguine plene sunt*: aos que oraõ em peccado. Orar, & peccar; rogar, & aggravar; he officio de Judas: *Oratio ejus fiat in peccatum*: diz o Psalmista. Orava Judas, desejando occasiãõ de vender a Christo: & como podia ser ouvida tal oraçaõ? Naõ podia ter effeito oraçaõ com tal defeito, diz Hugo: *Oratio ejus fiat in peccatum: ut cum defectu non habeat effectum*. Orar pelos peccadores, & orar pelos peccados, he cousa muito santa, he officio da Igreja, & obrigaçaõ dos Ministros Ecclesiasticos. Mas orar em peccado, orar peccando, aggravar a quem se hade rogar, he oraçaõ de precitos, he oraçaõ de Judas: *Oratio ejus fiat in peccatum*: he oraçaõ falsa, & peccaminosa, que Deos castiga, como castigou a Judas.

Ibid.

Psalm
108.7.

A Santo Antonio tambem aggravaraõ orando: mas se Deos castigou a quem o aggravou rogando, elle foi taõ pio, & taõ santo, que reprehendendo o engano livrou do castigo a quem o tinha mericido. Foi o caso. Pedio Santo Antonio a hum homem, (chamemos-lhe logo villaõ, que depois veremos como foi ruim) pediu o Santo a hum carreiro, que lhe levasse no seu carro huma certa encomenda para o Convento, onde elle era Guardiaõ, & para onde hia o carro: foi tal o homẽ, tam fingido, & descortez; (já mostra que he mais que vilaõ) que naõ quiz, dizendo, que levava hum morto no carro: (& era hum homem, que hia dormindo) &

acrecentou: Reze, meu Padre, hum resposso por este defunto. Deo-lhe credito Santo Antonio: & depois do Santo ir já longe, começa o carreiro chamar pelo homem, que dormia, para com elle celebrar a peça q̃ fizera ao Frade: & por mais que gritou, & o abalou, não acordava, porque o somno era da morte. Tanto que o carreiro vio morto de veras, o que fez morto de mentira, cahio na culpa: & vendo que por aggravar a Santo Antonio rogando lhe pelo fingido defuto, Deos o castigára matando o que elle fingio morto; vai-se có muitas lagrimas buscar a Santo Antonio, lança-lhe o morto aos pès, pede-lhe perdaõ, mostra-lhe o castigo de Deos por quem o aggravou rogando. O Santo usando de misericordia có o defunto, fez o sinal da Cruz sobre elle, restituindo-lhe a vida; & ao carreiro deo a reprehensãõ devida, amocstando-o a ter respeito, & caridade com os Ministros de Deos, a não aggravar a quem se deve rogar.

Para todos os tres mottes, em que temos discursado, ha premios no Sacramento. Herodoto refere, que entre os Persas, posta a mesa Real, não se negava o que se pedia, antes era grande afronta da Magestade não conceder o que se pedia á vista da mesa: *Apud Persas nefas est, regiã cœnã propositã, orantem non exaudire.* Posta em publico aquella Divina Mesa, não pôde o Rey dos Reys negar o que se lhe pedir, não pôde deixar de dar as mercês, & premios correspondentes aos tres mottes de hoje,

Hero-
dot. l. 9

hoje, fundados na oração da Sapiencia : *Invocavi, & venit in me spiritus sapientiae.* O motte, a Quem daõ não escolhe; o que não escolhe pedindo, ou recebendo, tem por premio no Sacramento a Christo como escolhido entre milhares : *Candidus, & rubicundus, electus Cant. ex millibus.* O motte, Mais val quem Deos ajuda, que quem muito madruga, tem no Sacramento por premio o paõ de municação de David : *Panis cor hominis confirmet :* ou o pão subcinericio de Elias, figuras do Sacramento, que muito ajudaõ a quem o pede por oração : *Panem nostrum quotidianum da nobis hodie.* O adagio, A quem has de rogar, não has de aggravar, tem boa, & má sorte. O que agrava a quem roga, tem por premio, ou por castigo a communião de Judas : *Judicium sibi manducat.* Mas o que roga a quem agrava, ou tem aggravado; o que roga para desaggravar a quem tem aggravado, & chora o que tem delinquido; este tem grande sorte, grande premio no Sacramento por intercessão de Santo Antonio, Graça em aumento, Gloria por eternidades.

Cant.

5. 10.

Psalm

103.

15.

Luc.

11. 3.

1. Cor.

11. 29.



QUARTA PRÁTICA.

Infinitus enim thesaurus est hominibus : quo qui usi sunt , participes facti sunt amicitiae Dei. Sap. 7.



OS homens (diz o Sabio) tem hum thesouro infinito; que se quizerem aproveitarse delle, teraõ boa sorte , porque com elle podem participar da mayor riqueza que ha no Ceo, & na terra, que he a amizade de Deos. E que thesouro he esse? He o Racional do homem, he a Razaõ, diz o Thesoureiro das sortes : *Id est, utentibus ratione.* O que rouba este thesouro, o que destroe este melhor dote da Natureza, he o que diz o proverbio da sorte de hoje: A affeição cega a razãõ. Todas as semrazoens do mundo tem pay, & mãy: o Odio he o pay, a Affeição he a mãy. Odio, & Affeição, saõ os dous mayores Tyrannos do mûdo, porque saõ roubadores da Razãõ. E qual dos dous cega mais a Razãõ: o Odio, ou a Affeição? Problematicamente se podia defender a questãõ.

Hugo
Card.
super
Sap.
cap. 7.

Mas

Mas como já se publicou o motte, A afeição cega a razão, seguiremos que o Amor he o Tyranno que mais domina no mundo, que mais cega os homens, que mais lhes rouba o thesouro da Razão.

Eu não nego ao Odio os seus poderes, as suas efficacias, os seus excessos, & as suas victorias. Bem sey, que o Odio aproveitado-se do irascivel, de que se compoem o homem, he o que mais o descompoem: nos grandes transforma-se em potencia, nos pequenos em enveja, nos mais em vingança. Bem conheço que he muy poderoso o Odio, & que tem no mundo grande sequito, grande acompanhamento de iras, raivas, impaciencias, malquerenças, amarguras, defabrimentos, traiçoens, murmuraçoens, mortes, roubos, infamias: mas digo q̄ mais póde, a Afeição, que o Odio. De Deos have-mos de tomar o principio.

Inclinavit celos, & descendit. Ao Mysterio da Encarnação chamou David inclinação: inclinou Deos os Ceos, inclinando-se ao nosso remedio. Tanto assim, que em caso que Adam não peccára; dizem muitos Theologos, que havia Deos de encarnar: só pela gloria da inclinação que tem ao genero humano, só por afeição havia de inclinar os Ceos, abater a magestade, fazer-se da nossa natureza: *Inclinavit celos, & descendit.* Eu não deyxey de reparar, que quando nasceo este nosso afeiçãoado, sua Mãy não sem mysterio o reclinou no Presepio: *Reclinavit eum in Praesepio.* Como as inclinaçoens

Psalma
17.10.

Luc. 2.7.

naçoens acompanhavão as naturezas; se pela natureza divina nos era inclinado, pela humana quiz tambem sua Mãy que nós fosse reclinado: *Reclinavit*. E porque se confirmasse a inclinação de Deos aos homens, morreo como viveo: *Inclinato capite*. Como desse principio sem principio sempre nos era inclinado, amando-nos *ab eterno*: como todas as acçoens, todos os mysterios de Christo forão effectos da sua inclinação, provas da sua affeição, amou nos sempre por inclinação, nasceu, morreo por inclinação: *Inclinavit celos, & descendit: Reclinavit eum in praesepio: Inclinato capite*.

Com ser tão antiga, & excessiva a affeição Divina, não se cumpre nella o proverbio, A affeição cega a razão, como se pôde cumprir na affeição humana. Porque nesta, as trevas do peccado, *Eratis enim aliquando tenebrae*, escurecendo a razão, a fazem cega, ou fazem que affeição cegue a razão: mas na affeição Divina [que he a mesma luz: *Erat lux vera*] a razão, o conhecimento, a ciencia, he o mayor motivo, & estimulo de se inclinar a amar os homens, como disse o Euangelista amado: *Sciens, in finem dilexit*. Os primeiros homens cegos do amor proprio, *Eritis sicut dij*, perdêraõ a razão, ou ficou tão cega a sua razão, que os poz no estado dos brutos. *Homo cum in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis*. Adam por affeição perdeo a razão: por affeçoado foi bem desarrezoado: por cõ-prazer a Eva perdeo-se a si, & a nós: *Deditque viro suo, qui*

qui comêdit. Muy bom testamento fizeraõ sobre os encargos da culpa original. Comendo elles a frutta, & tendo nõs obrigaçaõ de a pagar, nos deixaraõ a certeza de que a affeicãõ cega a razãõ, & a probabilidade de q̃ mais poderoso he o Amor, do que o Odio, nos seus descendentes.

Nos filhos de Adam (diz a outra parte do problema) Cain, & Abel, com serem Irmãos, & os primeiros que teve o mundo, pode mais o odio mortal, que o amor fraternal, matando Cain a Abel: Logo nos filhos de Adam mais pode o Odio, que a Affeicãõ. Nego a consequencia: porque hum caso particular, que mais foi Enveja, do que Odio, não prova, ou não resolve a universal da questãõ que temos entre a Affeicãõ, & o Odio. Posto que Cain mataste a Abel, & se queira chamar Odio essa morte; não se segue que nos filhos de Adam seja mais poderoso o Odio, que o Amor: porq̃ depois dessa morte se seguirãõ infinitas mortes, causadas affeicãõ, & não do odio. Rompeo Deos as cataratas do Ceo, mandou ao mar, que subisse até os cumes dos montes, com que ficou o mundo todo alagado. Que causa, que motivo, que peccados foraõ os que obrigaõ a Deos a pôr o mundo em taõ lastimoso espectaculo de tantos milhoens de corpos mortos aboyados sobre as aguas do Diluvio? A Escrittura diz a causa, aponta o motivo da triste, & funesta tragedia do Diluvio universal: *Videntes filij Dei filias hominum quòd essent pulchræ.* Genes

A afeição desordenada do sexo masculino ao feminino foi o motivo do mayor castigo , que atègora se vio. Quem fez tantas mortes, quem matou hum mundo inteiro, fenaõ a Afeição? Logo mais adequada prova he esta do Diluio, do que a morte de Cain. Se nos primitivos filhos de Adam o Odio matou a huns; a Afeição matou a muitos. Se o ()dio fez mal a Cain; a Afeição fez mal a todo o mundo. Mais pôde logo a Afeição, que o Odio: mais rouba o thesouro da razão o Amor cego, do que o Odio mortal.

Confirmemos a nossa doutrina. Os mesmos Odios, & seus descendentes, as pendencias, as mortes, injustiças, tyrãnias, aleivosias, & outros mil generos de peccados nascem da Afeição, que cega a razão. Muitas, & grandes provas desta verdade pudera eu tirar da Sagrada Escrittura, pelas fatalidades da Afeição; mas não quero perverter a ordem de Prattica com dilatado discurso de Sermão: toquemos de carreira alguns successos estranhos, que sendo filhos do Odio, foraõ netos da Afeição. A assolação de Sichem; na qual o Principe, & os Vassallos, passãraõ todos pelo fio da espada; quem

Genel a causou? A afeição de Dina, que cegou a razão do Principe de Sichem. Quem tirou as forças, os olhos, & a vida a Samsão? A cega afeição, que tinha a Dalila. 2 Reg Quem roubou à Princeza Thamar a melhor joya, que tinha no cofre da honra? O amor cego de Amnon: que por amor dessa cegueira perdeu elle tambem a vida.

Quem

Quem degollou ao Bautista? A afeição, que cegou a Herodes por amor de Herodias. Bem digo eu logo, q̄ o mesmo Odio nasce da Afeição. E porque os filhos do Odio, são nettos da Afeição; em muitos casos, que no mundo succederão, & succedem, se vê serem os Odios mais efficazes, & mais executivos, por descendentes do amor antecedente.

Quantas vezes succederà nascer da afeição passada mayor odio? Cego, & armado pinta a Antiquidade ao Amor profano. Cegueira, armas, & falta de razão, não he só porque a afeição cega a razão; mas porque do amor cego nasce o Odio, para cujas execuções anda armado. Do Principe Amnon, cego do amor de Thamar com tanto excessso, que chegou a entificar, mayor (diz a Escrittura) foi o odio, do que tinha sido dantes o amor: *Ita ut maius esset odium, quo oderat eam, amore, quo antè dilexerat.* Não reparo só no mayor odio depois de taõ cego amor; mas muito mais reparo na comparação, que a Escrittura faz do presente odio com o amor passado. Diga, que aborreceo depois de amar; diga, q̄ se enfastiou de amar; diga, que variou de amores para que vejamos quam discreto foi o pintor, que pintou o amor menino: porque todo o amor (ainda dos mayores homens do mundo, como era o Principe Amnon) he amor de menino, & amor de menino he agua em cestinho. Bem menino foi o amor de Amnon, bem pouco durou, depressã se azedou: mas tanto se

azedou, que se tornou em odio, não só grande, mas por odio de Principes foi mayor odio. Os odios dos grandes sempre são mayores, que os dos pequenõs, porque pôdem mais: *Ita ut maius esset odium.* Mas porque faz a Escriptura comparação do odio com o amor? Para que falla no amor antecedente, *Amore, quo antè dilexerat,* descrevêdo o odio subsequente: *Odiũ, quo oderat eam?* Para provar a maioria do Odio nascida da Afeição: *Ita ut maius esset odium.* O Odio, que se funda no agravo, he Odio ordinario: mas o Odio, que nasce do Amor passado, he o mayor Odio q̃ ha: & essa maioria, não se pôde negar que se deve ao Amor, de que nasceo o Odio. Se da Afeição nasceo a maioria do Odio: bem se infere que mais pôde a Afeição, que o Odio: que mais cega a razão o Amor, que o aborrecimento: pois quanto se ama, tanto mais se aborrece, & muyto mais se aborrece pelo amor que dátes houve. E se não quizerdes a questãõ no mesmo sujeito, o Amor, & o Odio no mesmo Ammon; repartamos a cõtenda, ponhamos a Afeição de humia parte, & o Odio de outra: & veremos por correspondencia antiparistica o mayor Odio à vista da mayor Afeição: a Afeição de mãy para filho, o Odio de filho para mãy. Agrippina, mãy de Nero, consultou os Oraculos andando pejada de Nero: respondêraõ os Caldeos, que o filho que havia de parir, havia de imperar, mas que esse filho a havia de matar. Respondeo Agrippina: *Occidat,*
dum

dum imperet: Mas que me mate, impere. E assim succedeo, que Nero mandou matar a sua mãy. Mayor Affeição de mãy não se vio; mayor Odio de filho não o ha. Matar Nero a sua mãy, bastava para grandeza de Odio: mas matar huma mãy, que antes quiz o Imperio de seu filho, do que a propria vida, não só he odio de Nero, mas o mayor odio que teve Nero, pela notavel circumstancia do antecedente amor da mãy. Com que acaba de resolver a questãõ, que mais pôde o Amor, que o Odio; pois atè o Odio, da Affeição tira os seus aumentos, & mayorias. E por cegar tanto a Affeição a razão dos homens, segundo o morte deste dia: Affeição cega razão; saibaõ todos, que a mayor ladra do thesouro dos homens (que he a razão: *Infinitus enim thesaurus est hominibus: quo qui usi sunt, id est, utentibus ratione*) he a negra Affeição. Esta he a bicha do Paraiso, que enganou, & cegou os primeiros homens: esta a que alagou o mundo: esta a que causa no mundo os mayores odios, pendencias, mortes, infamias, injustiças, roubos, condemnaçoens: & esta em fim he aquella inimiga, que nos poem de participantes com Deos, impedindo-nos o ser participantes do amor de Deos, da graça, & amizade divina, como diz o thema: *Participes facti sunt amicitiae Dei.*

A contenda da Affeição com o Odio tambem tem seu lugar nos governos, Tribunaes, & Juizos publicos, onde se trataõ causas, & pleitos de honra, fazenda, & vida.

Antel. vida. Quatro cousas (diz Santo Anselmo) pervertem o
 de fi- governo, & Juizo humano: Temor, Cobiça, Odio,
 mili- Amor. Mas qual destas he mais usada, & pernicioza?
 tud- Torno a dizer que a Afeição; porque esta cega a razão,
 nibus que he a alma da justiça, & tanto que ha Afeição, logo
 müdi. falta a razão, & a justiça. O Amor, diz Santo Agosti-
 Div. nho, que he hum peso: *Amor meus, pondus meum*: &
 Aug. assim como o peso faz inclinar, a Afeição, que he peso,
 lib. 13. inclina para o q̄ ama, & não para o q̄ he razão, & direito:
 de cõ- fessio- *Illò feror, quocumque feror*. E quantas vezes se arrasta
 nibus. a razão, a Ordenação, o texto, & o Doutor, para que
 diga, ou condiga com o que quer a Afeição! E tanto
 q̄ o q̄ governa, & o que julga se deixa levar da Afeição,
 & não usa de do us ouvidos que lhe deo a natureza para
 ouvir ambas as partes, & se inclina a huma das partes
 pelo peso não só do interesse, mas da Afeição; tão q̄ ha
 pesos, & cõtrapesos, interesse, & inclinação; para onde o
 Juiz se inclina, para ahi vay a sentença inclinada. Deos
 nos livre de Juizes inclinados: dos mal inclinados (digo)
 que são os inclinados por afeição, porque estes cegos
 da Afeição, cegos na razão, que sentença haõ
 de dar? Se não for de baque, será de beque, que
 vai para onde o vento do interesse o leva, ou para
 onde o leme da Afeição o inclina. Cicero diz que no
 seu tempo era Proverbio: *Exiit personam iudicis, qui
 amicum induit*. O Juiz não ha de ter amigo: porque o
 mesmo he vestir-se de amigo, que despir-se de Juiz. Pela

mesma razão diz Calliodoro, que a Justiça não tem pay
nem mãy: *Justitia non novit patrem, non novit matrem.* Cas-
Ainda que o preccito Divino nos obriga a honrar o siod.
pay, & a mãy; não obriga ao Juiz a faltar à Justiça por super
amor de pay, & mãy. Com que no Juiz (para ser recto, illud
& verdadeiro) não ha de haver mais inclinação, que & ope
para a ley: nenhuma outra afeição o ha de levar (de- ratur
pois de ouvidas as partes) do que a razão, & a justiça. justitiam.
Joan.

Leváraõ os Fariseos diante de Christo a huma mu- 8.4.
lher, accusando a de adultera: *Hæc mulier modò depre-* Ibid. 2
hensa est in adulterio. Estava Christo entãõ como Juiz
assentado na cadeira, em que se ensinava a ley: *Sedens* Ibid. 6
docebat eos: & para mostrar como era recto, & verda-
deiro Julgador, inclinouse para escrever na terra: *In-*
clinans se deorsum, digito scribebat in terra. O Juiz in-
clinado: *Inclinans se?* Pois para ahi hade inclinar a
sentença. Assim foy. Mas como era Juiz rectissimo,
inclinou-se para a ley, & para a justiça, inclinandose a
escrever na terra: porque diz Santo Agostinho, que es-
creveo Christo na terra com o dedo, para mostrar q̃
elle dera a ley, a qual foi escrita com o dedo de Deos: Hugo
Ut ostendat se datorem legis, quæ digito Dei descripta est. ut dic.
E como Christo se inclinou para a ley escrita, escrevê- Aug.
do na terra com o dedo; por isso deo taõ admiravel sen- tom. 6
tença na causa da adultera: sem faltar à Justiça, nem à pag.
Misericordia, a livrou dos accusadores. Só nos Gover- 336.
nos, & nos Juizos, onde não ha afeição, que cegue a col. 4.
razão

razaõ ; onde não ha inclinação mais que para a razaõ , & Justiza ; só nestes se póde achar aquella participação de amizade com Deos , que o Sabio quer nos homens : *Participes facti sunt amicitie Dei.*

Comhum prodigio, que Santo Antonio obrou em Roma, acabaremos de resolver a questã do Odio com a Afeição. Galanteava hum moço de boa qualidade , & mui rico, a huma donzella , mas muito pobre. Ella, por se livrar do reparo que havia em tantas assistências , buscou occasião para desenganar o amante, que se lhe não désse escripto de casamento, escufasse o escandalo q̄ dava à visinhança. O moço, cego da afeição, foi prodigo de promessas : deo o escripto , com o qual se deixou enganar a pobre moça. Logo houve final da liviãdade; ameassou-a o pay com a morte q̄ descobrisse o author; mostrou ella o escripto ao pay. O pay como prudete buscou occasião , & meyo, para que o moço confessasse o seu delitto , & promettesse dar comprimento à promessa : mas esta dilatou-se tanto , que padecia a moça grandes desgostos em casa. Esteve para se matar : mas tocada de Deos poz nas mãos de Santo Antonio o seu pleito ; & Santo Antonio de Procurador se fez Juiz. Porque indo ella fazer a sua novena , ou trezena ao Santo ; succedeo entrar na Igreja [que era do Santo] o delinquente , mais por curiosidade, que por devoção : & pondo os olhos na Imagem

gem de S. Antonio, vio que se lhe mudava a cor do rosto, & que com huns olhos terriveis, & irados o ameaçava com palavras asperas, senão se desposasse naquelle dia com a moça que tinha deshonrado. Cahio o moço em terra com accidente; levãrão-no para dentro do Convento; confessou-se com o Guardiaõ; declarou o que víra na Imagem do Santo; pediu que chamassem o pay da moça; & logo alli se deo ordem, com que sahiraõ casados de casa de Santo Antonio.

Se a Afeição, que rouba o thesouro dos homẽs, q̃ cega a razão, he motte de fortes; falta-lhe agora o premio. No Sacramento do Altar o havemos de achar. *Introduxit me in cellam vinariam, ordinavit in me charitatem.* O meu amado (diz a Espõsa) metteome dentro da sua adega, onde tem o vinho do seu amor, & poz-me em ordem a caridade, compoz-me a afeição, para que não fosse desordenada, para que não cegasse a razão: *Ordinavit in me charitatem.* Theodoreto sobre a caridade ordenada diz: *Ut sponso conjungar meo, eumque patri, & matri, & cæteris rebus anteponam:* A Afeição para ser bem ordenada, para não cegar a razão, ha-se de ante-
 por a todo amor mundano, & ainda licito, ao amor de pay, & de mãy, & de todas as cousas. E como Christo no Sacramento concerta, reme-
 dea, & cura a Afeição: *Ordinavit in me charitatem;*

Cant:
2.3.Theo-
doreth

he o Sacramento o premio da sorte da Razão, que se não cega da Afeição do mundo; conservandolhe o infinito thesouro da Razão, lhe conserva, & augmenta a uniaõ, & amizade com Deos, augmentando-lhe a Graça, penhor da Gloria.





QUINTA PRÁTICA.

Quam sine fictione didici. Sap. 7.

HUM por dentro, outro por fóra : he o motte da presente Sorte, fundado no texto da Sabedoria, da qual diz o Sabio, q̄ sem ficção a aprêdeo Por isso he Sabedoria do Ceo, porque he fóra de todo o fingimento, & de toda a invenção. Por falta desta verdade ha muitos enganos no mundo, ha muitas traiçoens, & hypocrisias nos homês. Como nos governamos pelos olhos, & não vemos os coraçõens; ha tantos hypocritas, & tantos douradores, que com titulos córados de virtude, justiça, & piedade dissimulaõ traiçoens, douraõ venenos, concertaõ malicias, adubaõ torpezas.

Os Fariseos (com serem os mais empenhados na morte de Christo, os que mais lhe desjavaõ beber, ou derramar o sangue) como finos hypocritas diziaõ que senão queriaõ metter na morte de Christo, porque a

- Joan. 18.31. elles não tocava dar sentenças de morte : *Nobis non licet interficere quemquam* : & debaixo desta falsa justificação, trabalhavão quanto podiaõ porque Pilatos condenasse Christo à morte, com hum pretexto do bem commum : *Expediit vobis ut unus moriatur homo pro populo* : & vendo a repugnancia que mostrava o Presidênte em condemnar a Christo, descobrião hum pouco a mascara do fingimento, & disserão em altas vozes: *Nos legem habemus, & secundùm legem debet mori*. Atègora diziaõ que não podião dar a morte a Christo: *Nobis non licet* : & já acham ley para lhe tirarem a vida: *Secundùm legem debet mori*? Bem disse Seneca, que o hypocrita não pôde por muito tempo representar o papel de fingido: *Nemo potest personam fictam diu ferre*. Vieraõ os Fariseos [aos quaes Christo chamou muitas vezes hypocritas] a tirar de todo a mascara, amotinando o Povo, que a gritos pedio a morte de Christo: *Crucifige, crucifige eum*.
- Joan. 19.6.

De dous males, diz o direito, que se escolha o menor. Peccador descoberto, & Santo fingido, são dous males, são duas pestes, ambas condenadas, & dignas de serem abominadas. Destes dous males não se pôde eleger nenhum, porque ambos são perniciosos: mas pôde-se dizer, que mayor mal he o justo fingido, que o peccador declarado: porque o peccador, só a si engana; o hypocrita engana a si, & a quem o vê. E por este dobrado engano, & dobrada malicia, usa Deos

mais

mais de Misericordia com o peccador claro, do q̄ com o peccador encuberto. & dislimulado: castiga mais ao que finge virtude sendo mão, do que ao que não encobre a sua culpa, mas antes a confessa. David peccou gravemente mandando matar a Urias, & casando-se com a mulher: castigou Deos a David, mas não lhe tirou o Reyno. Peccou Saul, seu antecessor, em quebrar a ordem, & preceito de Deos em destruir Amalec, & matar a ElRey Agag: por esta desobediencia foi privado do Reyno: *Pro eo ergo quod abjecisti sermonem Domini, abjecit te Dominus ne sis rex.* Se perguntarmos a razão, porque Saul, & não David, foi castigado com tanto rigor; responde Abulense: *Saul colorat factum suum, ut populus immolaret Domino.* Saul córou o seu peccado com pretexto de sacrificio, & religião em não destruir todo Amalec como se lhe mandara; porq̄ queria q̄ tivesse o Povo de Deos, q̄ sacrificar. E com Deos não quer cores nos peccados, abomina fingimētos, & hypocrisias; não quiz mais culpa para privar do Reyno a Saul. O seu successor David peccou, mas não se desculpou, nē córou o seu peccado, antes o cófessou, & publicou sem cor, nem enfeite: *Peccavi:* por isso, ainda que teve seus castigos, não o privou Deos do Reyno. Com os peccadores fracos, & claros, costuma Deos usar de Misericordia, como fez com David; mas aos peccadores hypocritas, córadores de suas culpas, castiga gravemente, & logo com privação do governo: *Ne sis rex.* O castigo dos

1. Reg
15.23.

Abul.

2 Reg
12.13.

dos hypocritas he muito differente do castigo dos outros peccadores: porque como obraõ com mayor malicia, levão mayor, & diverso castigo dos mais peccadores.

O Rey dos hypocritas (que he o Demonio) o primeiro papel que fez de hypocrisia neste mundo, foi no Paraíso terreal, aonde entrou em figura de Serpente. S. Bernardo diz que a Serpente tem os geitos dos hypocritas: enroscã-se, volteã-se, cobre a cabeça com a cauda, & a cauda com a cabeça: *Serpens callidior per sinuosa volumina nunc caput caudã, nunc caudam capite* Div. Bern. *velat.* Vereis o hypocrita como Serpente enroscando-se, pondo a cabecinha à banda, com huns geitos, & tregeitos de cobra, colandose, & mettendose com os que o podem acreditar, ou favorecer. Mas haveis de reparar no Juizo Divino sobre a Serpente do Paraíso figura dos hypocritas, para veres a mayoria, & diversidade do castigo que Deos dá à hypocrisia a respeito dos outros peccados. A Adam, & Eva sentenciou a Divina Justiça, ouvindo-os como por via ordinaria: (*Quare* Genes *hoc fecisti?* Porque fizestes isto?) como dando-lhes 3. 13. lugar a que se livrassem da culpa: & Adam, por ser ouvido, se poz logo em livramento, dando sua defença: Ibid. *Mulier, quam dedisti mihi:* Só á Serpente não fez Deos 12. cargo da culpa, sendo ella a que induzio a Eva, & Adam a peccar: condemnou-a Deos á reveria; sem ser citada; nem se lhe dar vista, foi condemnada. A sentença que se

se deo a Adam, & Eva, foi, que trabalhassem, & lhes custasse fuor do rosto o sustento: *In sudore vultus tui vescêris pane*: & para isso amaldiçoou-se a terra em q̄ trabalhassem: *Maledicta terra in opere tuo*: & condemnou a todo o genero humano à morte: *In pulverem revertêris*. Mas a Serpente teve mayor castigo, & mais terrivel sentença: não lhe deo Deos a terra para nella trabalhar, como Adam, mas fela comer terra: *Terram comedes*: amaldiçoou a Serpente, & não a terra: *Maledictus es inter omnia animantia*. Porque o peccado de Adam, & Eva, foi peccado lem enfeite; o peccado da Serpente, foi enganar os innocentes com hypocrisias, & fingimentos: & Deos abomina tanto os hypocritas, que dos dous generos de peccadores, relaxados, & hypocritas, mais castiga os santos fingidos, que os peccadores declarados; porque mais se compadece da fraqueza, que da malicia,

Por ser tam castigada a hypocrisia, póde-se ter azar com todo o fingimento; porque a todo o fingido succede mal. Acab mudou de vestido, entrou na batalha disfarçado, & morreo de huma setta perdida. A mulher de J. roboam indo tapada a consultar o Profeta Ahias sobre a vida de seu filho, trouxe para casa a nova da sua morte. Saul tambem mudando de trajo consultou a Pythonissa, & della soube a sua morte. Thamar encobrando-se, encorreo na infamia de meretrice. Os Gabaonitas fingindo-se que vinhão de muito lóge nos vestidos

Ibid.

19.

Ibid.

17.

Ibid.

19.

Ibid.

14.

Ibid.

3. Reg.

22.

3. Reg.

14.

1. Reg.

28.

Genel.

38.

vestidos gastados, & velhos; sabido, & descoberto o fingimento, muy bem o pagaraõ, porque duas penas tiveraõ gravissimas, fazeremnos como cativos obrigados a cortar lenha, & trazer agua para o Téplo, & com hũa maldiçaõ emcima : *Sub maledictione eritis*. Com que todo o fingimento he desgraçado, & bem castigado. Pelo Profeta Sofonias ameaça Deos a todo que vestir trajo peregrino : *Visitabo super omnes qui induiti sunt veste peregrina*. Ruperto diz que a veste peregrina he a hypocrisia ; porque o trajo tem huma semelhança , & apparencia com o fingimento da hypocrisia. Vedes hum Portuguez vestido à Franceza : parece Francez , & não he Francez ; he hum por dentro, outro por fóra; he hũ hypocrita de trajos : parece Estrangeiro , & he Portuguez. Oh quantos andaõ vestidos de virtude , & santidade , que parecem huns , & são outros ! Assim como ha hypocrisias da virtude , ha tambem de outras muitas cousas. Hypocrisias de humildade , que parecem mansos , & humildes , & são soberbissimos: Anjos por fóra , Diabos por dentro. Hypocritas de amizade: mostraõ, que são amigos , & são inimigos. Hypocritas de avareza : por não darem esmolas, fingem-se pobres, sendo ricos. Hypocritas de ciencia : fingem que sabem, & nada sabem. Hypocritas de valentias : dizem-vos q̃ fizeraõ , & que faraõ ; tudo são pataratas , passadas, & futuras. Hypocritas de idade , não em acrecentar, mas em diminuir annos : atremedaõ os nioços , dizem que são

saõ do terço novo, & elles saõ os mais antigos do terço velho. Hypocritas de caras, & cabeças, fingindo, & enfeitando cepos; cubrindo, & encubriendo brancas, & calvas, com cabelleiras peregrinas, & continuas rapaduras de barbas. Mas quantos, & quantas hypocritas de gentileza, & fermosura, Narcisos, & Narcilas nos seus espelhos, & nas suas idèas, quando menos o esperaõ, & cuidaõ, achaõse nas fealdades da morte, & horrores da sepultura, castigados da Divina Justiça pela veste peregrina, pelo fingimento da vida! *Visitabo super omnes qui induti sunt veste peregrina.*

Oh soberano Portuguez, & divino Antonio! Vós fostes o Sabio, que sem ficçaõ aprendestes a sabedoria do Ceo, & sem invençaõ a communicastes ao mundo: *Quam sine fictione didici*: Vós o verdadeiro Portuguez, que sempre andastes à Portugueza, sem veste peregrina, sem trajo estrangeiro, sem invençaõ, nem fingimento. O que os Portuguezes saõ pela espada, fostes vós pela Predica: (que tambem he arma, que corta mais que espada, conio diz o que a soube jugar como hum Saõ Paulo: *Vivus est enim sermo Dei, & efficax, & penetrabilior omni gladio ancipiti.* Fallando o Apostolo com os Ministros de Deos, com os Sacerdotes, Pregadores, Mestres, & Confessores, diz assim: *Exhibeamus nosmetipsos sicut Dei ministros, in multa patientia, in charitate non ficta.* Os que somos Ministros de Deos, mostremos que o somos, em duas principaes vir-

Hebr.
4. 12.

2. Co.
rint.
6. 4.
& 6.

Luc.
10. 1.

tudes, na paciencia, & na caridade. Sem estas duas mãos, ou sem estes dous olhos, paciencia, & caridade, não se faz serviço a D. os. *Misit illos binos.* De dous em dous mandou Christo os seus Ministros, os seus Apostolos; porque de duas em duas haviaõ de ser as virtudes, que haviã de ter para os taes ministerios. Mas destas duas virtudes, Paciencia, & Caridade, a principal (que he a Caridade) diz o Apostolo, que não seja fingida: *In charitate non ficta:* Porque como os Prégadores de Jesu Christo são obrigados a prégar a verdade, como pré-gava Christo: *Si veritatem dico vobis;* a verdade não se póde persuadir com fingimentos, porq̃ verdade, & fingimêto são dous cõtrarios, q̃ se não pódem unir: prégar a verdade cõ fingimêto, he ser Prégador de mentira. Pois por isso o Principe dos Prégadores S. Paulo encomenda tanto aos Ministros de Deos a caridade sem fingimento: *In charitate non ficta:* porq̃ os Ministros de Deos, para serem verdadeiros Ministros de Deos, haõ de prégar a verdade sem fingimento: assim como de Deos a aprendéraõ sem ficção, *Quam sine fictione didici,* a haõ de ensinar sem fingimento: *In charitate non ficta.*

Bom Santo Antonio para prégar a verdade sem invenção, para ter caridade sem fingimento! Tanto que o Divino Portuguez puxava pela espada da palavra de Deos; o que ao principio parecia espadinha de vestir, ou espadimzinho, (como huns cotõs que agora costumais, tam esquecidos das espadas Portuguezas, como

das

das suas proezas) vinha depois a crescer tanto , que era hum montante que cortava por onde achava que cortar, como espada de São Paulo: *Penetrabilior omni gladio ancipiti* sem perdoar a grandes, nem pequenos: porquẽ aquella sabedoria, que aprẽdeo do Cœo sem ficção com hum coração syncero , & tenção pura de agradar a Deos, & salvar almas; *Quam sine fictione didici*, a comunicou ao mundo sem invẽção , nem respeito algum a peccadores escandalosos, por mais soberanos, & mais sublimados que estivessem em postos, ou dignidades. A huma pessoa Ecclesiastica de grande authoridade, que pelos escandalos da sua torpe vida era fabula , & murmuração do Povo, avisou Santo Antonio secretamente com toda a caridade: mas o delinquente ouviu a amonestação do Santo com desabrimento , & despedio-o com desprezo. Que fez Santo Antonio, como Portuguez , & Santo sem invenção ? Subindo ao Pulpito puxou pela espada como hum rayo , & foy dando, & cortando, atẽ chegar áquella Dignidade escandalosa , & obstinada; & disse-lhe *in charitate non fita*: O' do barrete dos cantos, não desattendas ás minhas vozes: se não queres morrer obstinado, emenda a vida, faze penitencia, antes que Deos te castigue. E pondo-lhe em publico os peccados (por serem publicos, & notorios) os affeou com razoens, & passos da Escrittura, que o fez chorar; & descendendo S. Antonio do Pulpito, foi buscar ao Santo, lançandose a

seus pés pedio perdaõ publicamente , prometteo em-
menda , & comprio-a no resto da vida.

Os hypocritas , diz Saõ Joã Chrystomo, que daõ
as armas de Deos ao Demonio : *Ve vobis Scribae , &*

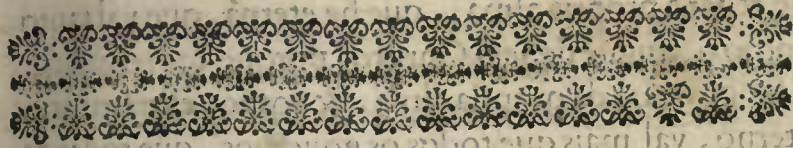
Chrif. *Pharisai hypocritae: avaritiam enim vestram religionis co-*
in Im- *lore depingitis , & præstatis Diabolo arma Dei:* Ay de vós
perfe- *Escribas , & Fariseos* (que eraõ as dignidades, os pode-
cto, *rosos , os sabios de Jerusalem*) que sendo hypocritas, có-
Hom. *rando as vossas culpas, dais as armas de Deos ao Diabo.*
44. *Santo Antonio taõ fóra esteve de dar armas ao inimigo*
das almas com hypocrisias ; que tomava as armas ao
Diabo, reprehendendo publicamente os peccadores q̃
necessitavaõ de publica reprehensãõ, como já ouvistes:
& era tam inimigo de ficçoens , enredos , & tramoyas,
que muitas vezes naõ só tomava , mas quebrava as ar-
mas dos Demonios, desfazendo-lhes os seus fingimen-
tos como agora ouvireis. Em hum Convento, de q̃
Santo Antonio era Guardiaõ , fez-se final para a Ora-
çaõ : indo os Frades para o Coro , viraõ muitos ho-
mens destruindo , & decepando a vinha de hum vi-
zinho, & bemfeitor do Convento : disseraõ os Reli-
giosos a Santo Antonio, que acudisse à quella destrui-
çaõ que se fazia à vinha do seu devoto. Respondeo o
Santo Prelado : Vamos Padres , vamos ; que tudo o q̃
vedes, he fantastico : aquelles vultos naõ saõ homens,
saõ Demonios, q̃ por vós divertirem da Oraçaõ fazem
aquellas ficçoens , & tramoyas : pela manhã vereis
como

como he verdade o que vos digo. Pela manhã achã-
 raõ tão pingue , & fermosa a vinha , como dantes.
 Assim desfazia , & quebrava as lanças ao Demonio
 o Divino Portuguez , como inimigo declarado de
 toda a ficção , & hypocrisia : *Quam sine fitione di-*
dici.

Ditto , & discursado o motte: Hum por dentro,
 outro por fóra; que sorte nos cahirà no Sacramento?
 Eu temo que seja algum chalco em preto , que algum
 preto fingido seja premio correspondente ao motte da
 hypocrisia. Mas como poderà haver premio fingido
 em hum Sacramento de tantas verdades : *Verè est ci-* Joan.
bus, verè est potus? Para tudo ha no Sacramento : 6.56.
 ha premio , & castigo. Ha premio : *Qui manducat* Ibid.
hunc panem, vivet in aeternum; ha castigo : *Judicium* 59.
sibi manducat. Ao motte de hoje : Hum por dentro, ^{1. Co-}
 outro por fóra : sahe hum fatal premio. Vejamos. ^{rint.}
 Hum bolsa com trinta dinheiros. Discreta sorte ! ^{11.29.}
 Mais parece eleição , que sorte. Judas foi Apostolo
 da bolsa : Judas o que vendeo a Christo por trinta
 dinheiros : Judas o mais fingido Apostolo , o mais
 falso Discipulo , que teve Christo , porque era hum,
 & parecia outro : parecia amigo , era traidor : pa-
 recia Santo , (& dizem que fez milagres) & era Dia-
 bo por dentro : *Cùm diabolus jam misisset in cor.* Rica- Joan.
 mente diz o premio com o motte , & està bellamen- ^{13.2.}
 te a bolsa de Judas nas mãos do hypocrita. E para que
 cada

cada hum tenha o que merece ; os verdadeiros, os claros, lisos, & sinceros , tem no Sacramento o que he verdade, & mais verdade: *Veré, veré*: Verdadeiro premio nesta vida por Graça , & na outra por Gloria.





SEXTA

PRATICA.

Et proposui illam reginis, & sedibus Sap. 7.



MAIS val saber, que reynar: diz o proverbio. Muytos sabem, & muitos gornaõ; mas nem todos sabem governar, porque saõ poucos os que sa sabem reger. Is (diz Santo

Ambrosio] *benè regia quadam potestate se cohibens, Rex dicitur*: Aquelle que tem o dominio de suas paixoens, que se sabe conter, & refrear quando he necessario, he o que só se póde charmar Rey. Quem naõ he Rey de si mesmo, senhor de suas acçoens, naõ tem acção para ser Rey dos outros: porque quem se naõ sabe governar a si que he hum só, & a si a quem tanto ama; como poderà governar a tantos, & de taõ diferentes condiçoens, & terriveis naturaes? Quem se sabe reger, & governar pela Ley de Deos, este he o que sabe reynar, & o que mais tem que governar: porque he governar hum Imperio, que val mais que todo o mundo; he

D.
Ambr
super
Plalm
Ani-
ma
mea
in ma-
nibus
meis.

he regera propria alma, que he eterna, que val tanto como o Sangue de Jesu Christo, porque foi resgatada. Este governo da propria alma, & corpo, este Imperio eterno, val mais que todos os governos, que todas as dignidades do mundo, como diz o Sabio na Epistola de Santo Antonio: *Et propositum illam regnis, & sedibus.*

Duas deformidades, & dous escandalos tem os governos do mundo para serem desestimados, & rejeitados; os quaes se contem nos dous mottes da sorte deste dia. Abaixaõ-se as cadeiras, levantaõ-se as trepeças: Vio-se o Demo em soccos, logo quiz pizar os outros. Vamos glosando o primeiro motte. Bem trepeças, & bẽ baixos eraõ os filhos do Zebedeo, quando se quizeraõ levãtar a cadeiras: porq̃ eraõ hũs pobres pescadores, hũs barqueirinhos de Tiberiades, cujos haveres eraõ hũas redes velhas, & rotas, com hum barco destroncado. E porque sendo taes se oppuzeraõ às cadeiras, pedindo a Christo os primeiros assentos, os primeiros lugares do seu Reyno: *Dic ut sedeant hi duo filij mei, unus ad dexteram tuam, & unus ad sinistram, in regno tuo;* tiveraõ por despacho: *Nescitis quid petatis.* Não sabeis o que pedis, ou pelo que sois, ou pelo que deveis ser. Pelo q̃ sois, não sabeis o que pedis: porque vos não conheceis, nem vos medis, por isso vos atreveis a querer do leme de hum barco subir à direcção de hum Reyno, a querer fazer do banco, ou do bordo do barco cadeira de Ministro, a torcar a marcação das velas pelo manejo dos supremos

10
10
Matth
20. 21.

Ibid.

22.

22.

22.

22.

22.

22.

22.

22.

22.

premos negocios. Não sabeis o que pedis, pelo que vos deveis a vós, pelo que deveis à opinião que tendes, à companhia em que andais: porque esses lugares, & cadeiras, que pedis, são indignas de huns homens, que acompanhaõ a Christo, que seguem, & professaõ a sua humildade, & modestia. Pedis lugares indignos de homens, que se criaõ para sabios mayores que todos os sabios do mundo; de homens, que pelo exemplo que daõ, & doutrina que prègaõ, devem antepor o governo da Sabedoria do Cco a todos os governos do mudo: *Et proposui illam regnis & sedibus.*

Notavel ignorancia he a do mundo na presumpção das dignidades, & pertençaõ dos governos: *Nescitis quid petatis.* Esta ambiciosa ignorancia dá occasião a se queixar à razão, & clamar o dittado velho contra as trepeças que se querem levantar a ser cadeiras, contra os indignos, & incapazes dos lugares em que os poem o mundo. Grande locura, quererem as trepeças da terra competir com a trepeça de Apollo, quererem ser oráculos do mundo os orates do hospital. Grande cegueira, & arrojo, quererem os Icaros voar ao Cco, subir aos palacios do Sol com azas de cera. Grande ton-tice, quererem os Faetontes tomar as redeas aos Cavallos do Sol, querer hum bicho da terra ser o Imperador dos Astros, o Monarca das luzes. Por isso a petição, & pertençaõ dos Zebedeos teve por despacho hum desengano tão claro, hũ Não tam redondo: *Nescitis quid petatis:*

tatis: Non est meum dare vobis. Por isso a mercè, que fez o Rey dos Deoses ao filho de Febo por se metter no governo do Sol, foi hum rayo, com que o matou. Por isso as palavras, com que Christo despachou os filhos do Zebedeo, os filhos do trovão, foraõ rayos, que lhes mataraõ a ambição, & lhes fizeraõ em cinza a petição dos lugares: *Nescitis quid petatis.*

Costuma Deos fazer das trepeças cadeiras, & das cadeiras trepeças. Quando levanta os humildes, *Et exalta-vit humiles*, faz das trepeças cadeiras: levanta os Davís, abaixa os Saúis: levanta os Noés, & mette de baixo das aguas do Diluvio os gigantes: sublima os Josés no Egypto, abate, & confunde os soberbos edificadores da torre de Babel. *Omnis vallis exaltabitur, & omnis mons humiliabitur*: diz Isaías. Todo o valle (que he o humilde) será sublimado, & todo o monte (que he o soberbo) será humilhado. *Montibus enim superbi assimilantur*: diz o nosso Carthagena. E quando Deos humilha os soberbos, & ambiciosos, *Deposuit potentes de sede*, faz das cadeiras trepeças, abaixando os Nabucos, levantando os Danieis; condemnando os Fariseos, & justificando os Publicanos. Quiz Lucifer pôr a sua cadeira a par de Deos: *Sedebo in monte testamenti: similis ero Altissimo.* Esta Luciferina ambição não teve original donde se copiasse, mas antes foi o original de toda a ambição humana: porque se Lucifer quiz ser semelhante a Deos, os primeiros homens como copias da

enorme

enorme ambição do Anjo tambem se lhes metteo em cabeça que seriaõ como Deos: *Eritis sicut dij*. Mas Genet
reparay na queda, no precipicio, tanto dos Anjos, co- 3. 5.
mo dos homens. O Anjo, que quiz ter cadeira igual
a Deos, que se levantou a mayores com o seu Creador,
veyo a ficar como escabello debaixo dos pés do que das
cadeiras faz trepeças: *Donec ponam inimicos tuos scabel-* Psal.
lum pedum tuorum. E o homem, que por imitar o Anjo 109.
se não contétou com ter tamborete, com ser o primeiro
homem, senhor, & governador de todo o mundo, mas
quiz ter cadeira de espaldas como Deos: *Eritis sicut dij*:
em que veyo a dar tanta ambição? Em que parou tan-
ta presumpção? Em ficar mais raço que a terra: *Pulvis* Genes
es. Tanto cahio, & descahio Adam, por ambicioso, 3. 19.
da graça de Deos, que deo a mayor queda que nunca
se deo: porque os que cahem na terra, não passaõ do
chaõ: & Adaõ deo tal queda do alto da sua ambição, q̄
cahindo na terra passou do chaõ pela morte em que
encorreõ: *In pulverem revertèris*. Ibid.

Aos dous originaes da ambição, aos dous primazes
da presumpção, & soberba, Lucifer, & Adam, temos
que lhes oppor dous grandes Doutores, Agostinho,
& Origenes. Se aquelles dous Polifemos da natureza
Angelica, & humana, deraõ taõ máo exemplo ao Ceo
& a terra; tambem quiz Deos que houvesse Gigantes
na fabedoria, que nos ensinassem a temer o presidir, &
governar. Origenes diz, que se os pertendentes dos
gover-

governos, os simoniacos das dignidades, cuidarão mais no ser julgados, que em haver de julgar; mais no Juizo em que haõ de ser julgados, que nos meyoos que buscão para julgarem a outros; não foraõ taõ ambiciosos, & temerarios: *Omnis adeundi honoris Ecclesiastici abscederet ambitione, si se judicandos potiùs, quàm judicatuos hi, qui præesse volunt populis, cogitarent.* Porque se não cuida na morte, com que se acaba o governo, & a dignidade: porque se não cuida na conta que se ha de tomar da dignidade, & do governo; por isso saõ tantos os oppositores aos governos, judicaturas, & prelasias. A estes, ou lhes falta a consciencia, ou a sabedoria. Ou lhes falta a consciencia: porque os maõs (diz o Espirito Santo) não cuidaõ no juizo: *Viri mali non cogitant judicium:* ou lhes falta a sabedoria para ponderarem a obrigação, ou o encargo, o trabalho, o perigo, a códenação, que saõ as gages dos governos. E por serem tantas as pensoes dos amigos de governar, diz Santo Agostinho, que aos Prclados devemos mais o lastimalos, q̃ envidjalos, mais compadecer-nos delles, que imitalos, pela conta que de nós haõ de dar a Deos: *Sed potiùs ipsis miseremini, qui pro vobis reddituri sunt rationem in die judicij.* Ah Morte, quem se lembrara de ti sempre! Ah Juizo, quem te temera! Ah governos, quem vos vira bem nos espelhos da Morte, & do Juizo! fizera entaõ o que diz o Sabio; estimara mais o governo de si proprio, que o de todo o mundo: *Et preposui illam regnis, & sedibus.*

Prov.
28. 5

Div.
Aug.

O segundo motivo, porque o Sabio desestimava os Reynados do mundo, he pela soberba, & presumpção, que anda annexa aos governos. He tão fraca, & delvancida a natureza humana, que tanto que o homem se vê superior, logo cuida que he melhor que os que governa: tanto que se vê mais alto, quer que o adorem como Divindade; tanto que se vê em foccos [como diz o adagio] logo quer pisar os outros. Roboãm, filho de Salamão, (mas não da sua sabedoria) entrando no governo, ensoberbeceo-se tanto, como se lhe entrara no coração o Demo: posto nos foccos do Reynado, logo quiz pisar os outros: não se passou muito tempo, que não mostrasse a sua ignorante soberba. Indo o povo a beijar-lhe a mão, & dar-lhe os parabens do governo, pediolhe que os aliviasse do tributo, com que seu Pay os carregara por razão dos gastos que se fizeraõ com o Templo. O novo Rey (em vez de fazer a mercè q̄ lhe pedião os seus Vassallos pela boa entrada do Governo; ou ao menos enganalos com boas palavras, ou algumas esperanças do allivio) foi tal, que pondo em consulta a petição do povo, não quiz seguir os conselhos dos Ministros mais velhos, que tishão sido Conselheiros de Salamão, os quaes votaraõ que se alliviasse o povo dos grãdes tributos que tinha; só quiz abraçar os votos dos mais moços, & mais verdes nos conselhos, (com os quaes se tinha criado) & deo por resposta ao povo, que se seu pay Salamão os acontara com varas, elle os havia

de açoutar com Escorpioens : *Pater meus cecidit vos flagellis, ego autem cadam vos scorpionibus.* Não há mais delatinada resposta de Principe coroado de dous dias. Tanto que subio ao throno, tanto que se poz nos foccos, ensoberbeceo-se, começou a pisar, & destruir o povo, contra o que devia a Deos, & ao seu nome; ingrato a Deos, que o levantou ao throno de Israel; descortez à significação do seu nome, porque Roboam quer dizer, *Dilatans populum*, ou, *Platea populi*. Taõ fora esteve Roboam de dilatar, & augmentar o povo, que por mal aconselhado dos Ministros, & da sua soberba, perdeu a mayor parte do Reyno de doze Tribus, & se lhe levantaraõ dez. E com razão : pois sendo pelo nome de Roboão rua do povo, em vez de ser pisado como rua do povo que passa por ella, foi o que mais pisou o povo, o que mais se ensoberbeceo com o governo, & por isso deo tam boa conta delle.

Vio Nabucodonosor em sonhos huma Estatua organizada de varios metaes : (naõ se espantem de ser esta Estatua hũ fatal emblema da soberba : porq̃ as mayores soberbas do mundo saõ as q̃ tẽ mais metaes q̃ hũ sino; & por isso quando governaõ, daõ muitas badaladas.) Bem vio Nabuco no sonho da Estatua, que huma pedra sem mão a derrubara : naõ se esqueçaõ os estatuarios, ou as Estatuas do mundo, grandes pela qualidade, ou pelo lugar, que huma pedrinha do Ceo as póde fazer em cinza : que a falta desta lembrança he que dà
com

com as estatuas em terra, he a que as leva muito abaixo da terra.) Nabuco, esquecido da pedra que derrubou a estatua (cuja lembrança era hũa pedra bazar para os flatos da soberba, para os symptomas dos Governos) mandou, como soberbo, & desvanecido Monarca, à imitação do seu sonho, fazer outra estatua altissima, mas toda de ouro, da cabeça até os pés. Eu te perdôo já, Soberba do mundo, não mandares fazer a estatua assim como a viste, com aquella variedade de metaes que ella tinha, com os pés muito differentes da cabeça: seja embera a estatua toda de ouro: *Nabuchodonosor rex fecit statuam auream*: que sempre a soberba quer ser singular, a presumpção sempre encapricha em não fazer o que os outros fazem, ou em ter o que os mais não tem. O sonho não representou a estatua toda de ouro, a fantasia fez a estatua com pés de barro: Pois não ha de ser assim a que eu fizer [diz Nabuco]: a realidade ha de ser mais fantastica que a mesma fantasia, ha-se de fazer o que não fez o sonho, ha de ser toda de ouro a minha estatua: *Fecit statuam auream*. O que me escandaliza neste barbaro sonhador, he não se lembrar, ou fingir que lhe não lembra a pedra, que no sonho derrubou a estatua. Lembra-se do sonho da estatua, & não se lembra da ruina, & destruição da estatua? Lembra-se da grandeza, & da riqueza do seu Imperio; & esquece-se do castigo da sua soberba? Lembra-se do ouro; & não se lembra do barro? Para acrescentar o estado,

Dan.
3.1.

do, aumentar a magestade, tem memoria ; & para considerar no que para o estado , no que se reduz a magestade , não tem discurso ? Brava cegueira ! Não considerará este homem que he homem ? Não se convencerá com hum argumento tam facil : que assim como a pedra derrubou a estatua que tinha cabeça de ouro , & a fez em cinza ; tambem poderá fazer o mesmo estrago na estatua que for toda de ouro ? Não : que quem está no alto , perde o lume dos olhos , & facilmente se precipita. Os lugares altos , os governos , & dignidades fazem a muitos loucos , fazem o juizo enfatuado , & desalumbrado ; porque todos cuidão , ou não cuidão que poderão cahir do lugar em que estão , & não vêm que podem ser despojados da dignidade que lograão , não só por morte , mas ainda em vida. Vio-se Nabucó na sua estatua (com ser hum sonho) muy alto sobre sessenta covados de altura ; vio-se tam rico , com tanto ouro na

Palm estatua ; perdeu o lume dos olhos , perdeu o juizo : *Et*
37.¹¹ *lumen oculorum meorum , & ipsum non est mecum* : lembrou-se da estatua , da grandeza , da riqueza ; & não da pedra , que era o fim , & o castigo de sua soberba. Como se vio em soccos (que he o Proverbio deste dia) logo quiz pisar os outros , logo quiz que o adorassem : porque o mesmo he ser ambicioso , que soberbo ; o mesmo he governar com soberba , que pisar com desprezo ; o mesmo he lembrar-se da propria adoração , que esquecer-se do fim , em que vem a dar todas as estatuas.

todos os governos, todas as adoraçoens do mundo: Pelo que diz bem o Sabio: Antes saber governar a propria Alma, que governar o mundo todo: *Et preposui illam regnis & sedibus.*

O Sabio, que melhor entendeu, & praticou o Mais val saber, que reynar: o Daniel, que melhor interpretou a estatua de Nabuco, que melhor conheceo as elevaçoes da soberba, as ambiçoens do governo castigadas, & confundidas: o Santo, que melhor alcançou q̄ só sabe governar quem sabe ser Rey de si mesmo, & que por esta alta sabedoria se podem não só desprezar, mas abominar os thronos do mundo: *Et preposui illam regnis & sedibus:* he aquelle Sabio, do qual disse o Serafico Doutor Sam Boaventura, que teve todas as ciencias infusas dos Anjos, dos Patriarcas, dos Profetas, dos Apóstolos: *Beatus Antonius habuit scientiam omnium antiquorum:* he aquelle Santo, que por fugir de lugares, o poz Deos no mesmo tempo em diversos lugares, no Coro, & no Pulpito, em Italia, & em Lisboa. Não se lê nas Historias Ecclesiasticas, que a algum Santo concedesse Deos tam largo privilegio de estar no mesmo tempo em muitas partes, senão a Santo Antonio. Christo não quiz ser Rey: *Cum cognovisset quia venturi essent ut raperent eum, & facerent eum regem, fugit iterum in montem:* até na Cruz fugio com a cabeça ao titulo de Rey: *Rex Judæorum: Inclinato capite:* por isso os Anjos

Joan.
6.15.

Joan.
19.19.
& 30.

Pfalm
23. 8.
& 10.

na entrada que o Senhor fez no Ceo, o recebêraõ com repetidos titulos de Rey: *Quis est iste Rex glorie? Quis est iste Rex glorie?* Christo porque não aceitou o titulo de Rey na terra, foi muitas vezes acclamado por Rey no Ceo: Antonio porque não quiz lugares honorificos, teve o privilegio de estar prodigiosamente em muitos lugares: porque peregrinou por muitas Provincias, escondendo-se nos Reynos estranhos por não subir, & não governar, he tam applaudido, & adorado de todo o mundo nos melhores thronos, nos mais altos lugares da terra.

Pfalm
98. 4.

S. Ber
nar.
din.

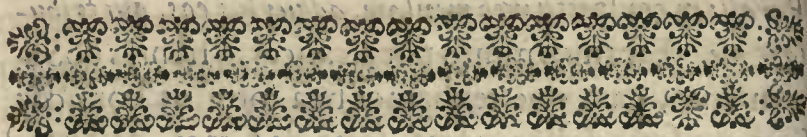
Os mottes glosados tem suas Sortes, ou seus premios no Sacramento do Altar. O primeiro motte, Abaixaõ-se as cadeiras, & levantaõ-se as trepeças, tem por premio aquella honra da Escritura Sagrada: *Honor regis judicium diligit*. Honra o Rey do Ceo a quem o recebe no Sacramento. *Judicium diligit* (diz o nosso S. Bernardino) *in sumptione corporis ejus*. Mas he segundo a disposiçaõ do que o recebe: se chega à Communhaõ humilde, fica levantado: se soberbo, & ambicioso, fica abatido, & castigado: *Judicium sibi manducat: Honor regis judicium diligit*. O segundo motte dos focos tem por premio o mesmo juizo da condemnaçaõ:

Eccli.
24. 23.

porque o Sacramento he fruto de honra: *Fructus honoris*: & a honra do Sacramento não he para os que pisão a outros por se verem mais altos em mais levantado lugar, antes he para os pisados, affligidos, & atribulados

Parasti in conspectu meo mensam, aduersus eos, qui tribulant me. Façamos muito por alcançar as honras do Sacramento, para que tenhamos boa sorte na hora das Sortes, a sorte de boa morte, sorte da Graça na terra, sorte da Gloria no Ceo com o Santo das Sortes.





SEPTIMA PRATICA.

Super salutem & speciem dilexi illam. Sap. 7.



MEY a Sabedoria mais que a saúde, & que a gentileza: diz o Sabio. A Sabedoria [ou seja a eterna, que he o summo bem; ou a creada, infusa, ou adquirida] unicamente merece o amor do Sabio. Só o Sabio (diz Seneca) sabe amar, só o Sabio sabe ser amigo: *Solus sapiens scit amare, solus sapiens amicus est.* Só o Sabio entende de amor, porque lhe sabe avaliar as finezas, distinguir os objectos, ponderar as circumstancias, sondar as tenções, estimar, & agradecer os extremos: sabe amar, & ser amado, porque Deos lho ensinou, & se cansou em o aprender: sabe resistir as contrariedades, & vencer os impossiveis: Sabe desviar-se do que póde impedir, embaraçar, & entibiar o seu affecto: sabe emfim amar, & estimar sobre tudo o que o mundo ama, & estima, aquella Sabedoria, aquella virtude, aquella graça, aquella

aquelle amor digno de ser amado sobre as mais altas eminencias do amor: *Super salutem, & Speciem dilexi illam.*

Sobre este tam acertado amor do Sabio assentaõ dous Adagios, que sahirãõ por motes das Sortes deste dia. O primeiro diz: Emquanto temos saude: *Super salutem*; o segundo: Fermoso, & alcivoso: *Et Speciem*. Glosemos o mote da Saude, logo trataramos da Fermosura, para sabermos o que havemos de amar: *Dilexi illam*. Emquanto temos saude. Diz bẽm. Porque se a nossa vida he tam breve, & tam fragil, como vemos; que serã a saude, que dura menos que a vida, como experimentamos? A vida pouco dura, a saude muito menos: porque em muitos falta a saude a mayor parte da vida. E quantos ha, que em toda a sua vida naõ tem hũa hora de saude? O Santo, & douto Iob he o que melhor pôde fallar nesta materia. *Homo natus de muliere brevi vivens tempore, repletur multis miserijs.* O ho-

Iob.
14. 1.

Hug.
Card.
ibi.

mem vivendo pouco padece muito: porque tendo a vida tam breve, saõ muitas as miserias, as enfermidades intrinsecas, & extrinsecas, que padece, como diz o nosso Hugo: *Repletur multis miserijs exterioribus, & interioribus: quia à planta pedis usque ad verticem non est in eo sanitas.* Com que Iob vem a dizer comnosco, vem a confirmar o que nós experimentamos, & padecemos: que a vida he breve: *Brevi vivens tempore: & as miserias, as enfermidades contra a saude, muitas:*

Reple-

Repletur multis miserijs. Mais vida que faude: E se pouca he a vida, mais pouca he a faude.

Profegue Iob a sua postilla, dizendo que a vida do homem he tam breve, fragil, & caduca, como hum flor: *Quasi flos egreditur, & conteritur.* E ainda não he de todo flor a vida humana; he hum quasi de flor: porque são muitas as vidas, que não chegarão a durar tanto como hũa flor. E se a vida humana he hum quasi de flor, hum apenas de florecer: *Quasi flos*; que será a faude, que he menos que a vida, que raramente se chega a igualar com a vida? Por me não desviar da doutrina de Iob, por seguir a sua metafora da flor, dissera q̄ se a vida he flor de mais ou menos dura; a faude he flor do feno, por ser a flor q̄ dura menos que todas as mais flores. O Profeta Isaías nos ha de dar o fundamento. *Omnis caro fenum.* A nossa carne, a nossa natureza, a nossa vida he hum pouco de feno, tenue, fragil, & breve: & a flor desse feno he a faude, porq̄ a flor do feno dura menos que o feno. He tam futil, tam tenue, tam futil a flor do feno, que em hum instante que lhe dà hum rayo do Sol ainda muito brandõ, cahe, & morre, como se lhe cahira hum rayo do Ceo ao pé. A vida será como a flor, que dura algum tempo: porque assim como hũas flores duraõ mais que outras, em quanto as não cortaõ; assim as nossas vidas duraõ, em quanto a morte as não acaba, emquanto o Sol, a chuva, o vento das enfermidades as não secca, murcha, & despedaça. Mas
a faude

Iob.
4. 2.

Isaie
40. 6.

a faude he flor de feno, que sem a cortarem cahe, sem muita violencia se desfaz. He a faude mais breve, & fragil que a flor da vida, que o barro, que o vidro, & que fios de cabello: porque hum ar, hum Sol, hum sereno, hũa olhadura, hum pesar, hũa alegria, hum picaro de agua, hum baso basta para nos tirar a faude.

Como he tam facil o perder a faude, & tam difficul-
toso o conserva; por milagre se pôde dizer que temos
faude, & por natureza a enfermidade. He natural a
enfermidade nos filhos de Adam, porque a tem por san-
gue, por herança, & por castigo: a faude he milagrosa,
porque para a termos foi necessario vir o Verbo Divi-
no curar o homem tanto na alma, como no corpo:
Misit Verbum suum, & sanavit eos. E como o meyo
desta faude foi tam novo, & tam prodigioso, por mila-
grosa se pôde estimar toda a faude do homem. Aquel-
la mulher que padecia o fluxo de sangue, diz Sam Lu-
cas, que gastou quanto tinha com Medicos: *Quae in*
Medicos erogaverat omnem substantiam suam: & quan-
do veyo a ter faude, foi por milagre. Para alcançar fau-
de, o que se gasta de fazenda, o que se desvelaõ os Me-
dicos, o que se revolve de livros, o que se allega de tex-
tos, o que se faz de juntas, o que se applica de remedios,
o que se esgotraõ as boticas? E com tudo muitas vezes
succede ficarem os enfermos como dantes, ou peyores
do que estavaõ; porque as conjecturas da Medicina hu-
mana nem sempre pôdem acertar: ou acertaõ com a
faude,

Pfal.
106.
20.

Luc.
8. 43.

saude, ou com a morte: se com a saude, o Medico leva os applausos, & os interesses; se com a morte, entra entao o adagio: Os erros do Medico a terra os cobre. Mas o certo he que a saude, ou dada por Deos, ou pelo Medico, mais he milagre, q̄ natureza, mais he virtude; milagrosa de Christo (que he o verdadeiro Medico) do que diligencia humana, ou virtude natural. Quando Christo curava os enfermos, diz o Texto Sagrado, que sahia do Senhor huma virtude que curava a todos:

Luc.

6. 16. *Quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes: & curando a mulher do fluxo de sangue, disse que sentira sahir de si a virtude da saude que lhe deo: Nam ego novi vir-*

Luc.

8. 46.

tutem de me exiisse. Virtutem, (diz o Cardeal Hugo)

Hug.

Card.

1bi.

id est, curationem miraculosam: A saude he hũa virtude, que sahe de Christo, he hũa cura milagrosa. Com que a saude que tem os saos, ou seja antes, ou depois da enfermidade, sempre he milagrosa; porque ainda que pareça ser diligencia do Medico, & virtude dos medicamentos, he virtude de Christo, que he o Author da Medicina: he saude milagrosa, porque de Christo (que he o segundo Adam) nos veyo a saude por milagre, como de Adam nos veyo a enfermidade por natureza: *Quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes.*

Tratemos logo de empregar bem a saude, como o dá a entender o Proverbio que hoje sahio por morte: Em quanto temos saude; pois sabemos (& os mais o experimentamos) que se a vida he breye, mais breye he a saude;

saude; que se a vida he flor, menos que a flor da vida he a flor da saude. E se a saude he por milagre, & a enfermidade por natureza; emquanto temos saude, façamos o que se não pôde fazer na enfermidade. *Vivus, & sanus confiteberis*: diz o Espirito Santo: Emquanto estâs vivo, & saõ, confessa-te, homem. He o mesmo que diz o nosso motte. Emquanto temos saude, confessemo-nos, arrependamo-nos, emendemo-nos, façamos penitencia, vençamos os vicios que nos fazem mayor danno, restituamos o alheyo: porque na enfermidade, & na morte, a penitencia he enferma, & morta, como diz quem tudo diz, & bem, o Lume da Igreja, Santo Agostinho. Emquanto temos saude, resistamos ao Diabo, evitemos as occasioens do peccado, olhemos para as obrigaçoens do nosso estado, ou da nossa profissão; aproveitemos da saude que temos, que he por milagre; façamos milagres por conservar a da alma, (se he que a temos) & ja que Deos nos deo saude, não a percamos por nossa culpa. Este conselho davá Christo aos que curava; porque quera que todos tivessem saude na alma, & no corpo. Ao Paralytico da Piscina, por estar muitos annos sem saude, com mais especialidade: o amoestou que não peccasse emquanto tinha saude, não a tornasse a perder pelo peccado: *Ecce sanus factus es: jam noli peccare, ne deterius tibi aliquid contingat.* Como a saude corporal (conforme o que se colhe da receita de Christo) se perde pelo peccado, não peccando

Eccli.
17.27.1019
1030Ioan.
5.141019
1030
1019

cando teremos laude: & tendo latide; empreguemola (como o Sabio a empregava) em amar a Sabedoria do Cco mais que esta mesma laude; porque só assim fere-
mos saõs de todo; saõs na alma, & no corpo: *Super salutem; & speciem dilexi illam.*

Prov. 31. 30
O segundo mote tambem está pelo Sabio: Fer-
moso, & aleivoso. Toda a fermosura do mundo tem
seus aleivés: não porquel hos levantem; (porque são
muitos os Authores doutos, & Santos, que a louvaõ,
& engrandecem muito, chamandolhe não só carta
de favor da Natureza, mas final, & indício da
fermosura da Graça) mas porque he desgraça da
natureza humana ser a fermosura vã, & falsa,
como dizem os Proverbios de Salamaõ: *Fallax
gratia; & vana est pulchritudo;* pois são tantos
os exemplos de quam vã, & falsa he toda a
belleza da terra. A fermosura de Helena despovoõ ou
Grecia, abrazou Troya. A fermosura matou a Lucrecia.
A fermosura poz em grandes apertos a Susanna,
Dina, filha de Jacob, por ser fermosa foi causa
da destruição de Sicheu. A graça que a natu-
reza deo a Thamar, lhe tirou a honra, & deo a
morte a quem lha tirou. A fermosura das filhas
dos homens foi o motivo do Diluviõ universal.
Por estes, & outros exemplos, o grande Filosofo
Laërt in vita Socra-
tis. Socrates (como refere Laercio) chama á fermo-
sura, *Exigui temporis tyrannidem,* tyrannia de pouco
tempo; porque nesse pouco tempo que dura, ty-
ran-

ranniza o amante cativando-o, a amada com os successos que temos referido. E Theophrasto chamou â fermosura, *Silentem fraudem*, engano calado: cujo Theophrast enganoso silencio he mais eloquente que Cicero pelo que obra, tanto nos sujeitos, como nos objectos. Mas todas as victorias, todas as eloquentejas, todas as excellencias da fermosura, yem a dar em desgraças, em mortes, & castigos eternos, como diz o Espirito Santo: *Propter speciem mulieris multi perierunt.* Eccli.

Bem faz logo o Sabio de antepor a Sabedoria do Ceo a toda a fermosura da terra; porque conhece que na terra não ha fermosura sem aleive, sem senão, sem de far, & mudança; & que só a do Ceo com o nome de Sapiencia, por ser eterna merece todos os agrados dos que sabem amar. No Tabor quiz a Humanidade de Christo assoalhar a gala da sua fermosura: o rosto era hum Sol: *Resplenduit facies ejus sicut Sol*; a gala hũa neve: *Sicut nix*. Namorou-se Pedro da fermosura, quiz lograla por mais tempo, quiz tela de morada: *Faciamus hinc tria Tabernacula*; lo por este dito foi Pedro avaliado por necio de hum Evangelista: *Nesciens quid diceret*. E onde está a necidade de Pedro? Em se cativar de hũa fermosura que não podia durar muito tempo, por ser fermosura que constava da neve junto do Sol: & quem se namora, quem se casa com o que tam pouco dura como a neve a par do Sol, he muito necio: *Nesciens quid diceret*; porque o que he Sabio, não se empenha.

Eccli.

9. 9.

Math.

17. 2.

Ibid. 4

Luc.

9. 33.

penha com apparencias, & transfiguraçoens transitorias; sô trata de se affeiçoar ao que não acaba, ao que sempre dura, como he a Sabedoria, a qual nesta, & na outra vida he habito que se não expulsa, nem se perde como a faude, & a gentileza: *Super salutem, & speciem dilexi illam.* Mas se Pedro foi nescio com a fermosura do Tabor; Sabios foraõ logo os dous companheiros de Christo, Moyses, & Elias, os quaes conhecendo a qualidade daquella apparente fermosura, entendendo que não era mais que representação de fermosura a gloria do Tabor, de transfigurado fizeraõ a Christo desfigurado, cortando-lhe lutos á vista da gala, fallando na morte á vista da fermosura: *Dicebant excessum ejus.*

Luc.

9. 31.

Outro Moyses nas maravilhas, outro Elias no zelo, & no espirito tendes no Tabor daquella Tribuna, na Transfiguração de Christo sacramentado, finissimo amante da Sabedoria pelos excessos de abstinencia, & penitencia com que desprefou a faude, & a gentileza:

Super salutem, & speciem dilexi illam. Santo Antonio na elegancia do seu rosto era hũa Dama, como se vê na sua vera effigie que estâ em Padua, onde viveo, & morreo. *In facie prudentis lucet Sapiencia:* Na face do

Prov.

17. 24.

prudente reluz a Sabedoria: diz o Sabio. Na elegancia do rosto de Santo Antonio, como na Transfiguração de Christo, se via a sua Sabedoria. Do Verbo Divino (que he a Sabedoria do Padre, a Sabedoria encarnada) predisse David que havia de ser hum assombro de gen-

tileza:

tileza: *Speciosus formâ præ filijs hominum.* Tam unida anda a belleza com a Sabedoria. Como Santo Antonio Pfal. 44. 3. era Sabio, não podia deixar de ter cara de Sabio gentileza com Sabedoria. Mas foi tam excessivo o amor da Sabedoria neste Santo, que em vida quiz amortalhar, & mortificar em hum triste burel, & tosco sayal a sua gentileza, exercitando-se nos mais vís, & baixos officios da Ordem Franciscana, empregado todo na contemplação da Divina Ferosura, fazendo só caso do permanente, & eterno resplendor da Sabedoria como verdadeiro Sabio, segundo a Epistola, que lhe applica a Igreja: *Super salutem, & speciem dilexi illam.* Por taes finezas, & valentias de espirito lhe deo a Divina Omnipotencia graça para livrar muitas Almas dos embarços, & perigos da fermosura natural.

Na Cidade de Florença casou hum moço com hũa Senhora, iguaes ambos na idade, qualidade, & riqueza. Era a moça lisongeada da natureza com os extremos da fermosura, & tinha sua complacencia de se ver celebrada pelo dote da natureza: folgava de ouvir as lisonjas, & adulaçoens do mundo. Desta complacencia lhe nasceo pouca cautela: mas esta foi só a unica occasião, que teve o marido de passar do extremo do amor ao do aborrecimento: vendo-a pejada, a suspeitou logo adultera. Com que a innocente mulher padecia grandes desgostos com seu marido. Deo conta a seu Pay da afflicção com que vivia: o Pay inteirado da sua innocencia a
acon-

aconselhou que consultasse ao Santo Varão Frey Antonio, pelo qual obrava Deos tantas maravilhas. Buscou a mulher o Santo, pediu-lhe conselho do que havia de fazer. Filha, (respondeo Santo Antonio) esse desgosto que padeces, he castigo da vã complacencia que tinhas de ser fermosa. Os fóros da castidade conjugal são muy delicados: ainda que se não quebraõ senão pela incontinençia, offendem-se da pouca cautela. A mulher casada só a seu marido ha de querer parecer bem, & fugir de parecer bem a todos os mais. O trabalho que padeces te sirva de emenda, & satisfação: vay-te embora, q̃ eu encomendarey a Deos esse negocio. Estãodo São Antonio em oração, teve revelação, q̃ a sua encomendada estava em grãde perigo de vida: sahio logo a buscar-lhe o remedio. Valeo-se de hum amigo do marido para se introduzir na casa; entrou, pediu o menino que tinha parido a mulher, para lhe botar a benção, & dizer os Evangelhos: tomando-o nos braços diante do Pay disse Santo Antonio: Criatura de Deos, em virtude do seu santissimo nome te mando que digas em voz alta, & intelligivel quem he teu Pay. Caso maravilhoso! O menino abraçando-se com Santo Antonio, pondo os olhos no Pay, o chamou com a cabeça, (que com as mãos não podia, que estavaõ enfaxadas) & em voz muito clara disse: Vós, Senhor fulano, sois meu Pay legitimo; & minha Mãe he honradissima, nem hum atomo tem offendido a fe conjugal. Ficarão todos

todos affombrados ; & virando-se o Santo para o Pay, lhe disse: Ia vès como Deos tem confundido a tua malicia com esta milagrosa innocencia: trata de amar a tua mulher como ella merece. O Pay com muitas lagrimas confessou a sua culpa aos pes de Santo Antonio; mostrou o veneno que tinha preparado para dar á mulher sobre parto: & desta sorte remediou Santo Antonio aquella fermosura sem cautela, pela que sacrificou a Deos por amar a da Sapiencia sobre todas as estimaçoens da natureza: *Super salutem, & speciem dilexi illam.*

Vamos aos premios das Sortes. Para o motte, enquanto temos saude, dá o Divinissimo Sacramento Medico, & botica de graça. No deserto em que chovia o Mannâ, figurando Sacramento, ninguem adoeceia comendo o Mannâ: *Corpora Hebraeorum conservabat, ne morbo aliquo tabescerent:* diz o Abulense. Para o segundo motte, Feroso, & alcivoso, sahe por Sorte o *Dilectus meus mihi, & ego illi, qui pascitur inter lilia.* O meu amado (diza Esposa) só onde ha lirios poem a mesa: porque o lirio (diz Pierio) he symbolo da fermosura: *Est pulchritudinis signum lilium, sive formam, sive colores ejus contempleris.* Quem por amar a Sabedoria sacrifica o mais bemquisto dote da natureza: quem sobre todos os agrados das lindezas creadas ama a eterna Fermosura, merecedor he de hũ premio que pela Graça he hũa Fermosura sem senaõ, & pela Gloria toda a belleza sem fim.

Abul.

Cant.
2. 16.



OITAVA PRÁTICA

Et proposui pro luce habere illam: quoniam inextinguibile est lumen illius. Sap. 17. M. o obrando



NEM tudo o que luz he ouro. Nem tudo o que luz em todo o universo tem comparação com a Sabedoria, que he hũa luz immortal que nunca se ha de apagar, por ser semelhante na duração ao espirito que acompaña, por ter o privilegio de eterna que tem os dotes da Gloria. As luzes do Ceo com toda aquella approvaçõ. que Deos lhes deo: *Et vidit Deus lucem quod esset bona:* com serem luzes do Firmamento, pouca haõ de durar: porque tanto que se for chegando o dia do juizo,

Genel
1. 4.

o Sol

o Sol, com ser o Monarca das luzes, em lugar de rayos arrastará lutos, cingirá cilícios: *Sol factus est niger tanquam faccus cilicinus*: a Lua, com ser a Rainha das Estrellas, se vazará, & desfará toda em sangue: *Et Luna tota facta est sicut sanguis*: as Estrellas como loucas se lançarão pellas janellas do Ceo abaixo: *Et Stellæ cadent de Celo*. O Sol (que he a fonte, onde a Lua, & as Estrellas bebem os resplandores) alem dos eclipses que padece muitas vezes, passão por muitos escames os seus rayos, tem notaveis tranfes a sua pompa, & bizzarria. Passa por doze Signos

o cansado Sol: já se vê na cabeça do Carneiro, já nas pontas do Touro, já nos apertos de Geminis, já na boca do Cancro, já nas garras do Leão, nos olhos da Virgem, nas balanças da Libra, nas unhas do Escorpião, no arco do Saggiario, nos saltos do Capricornio, nas tempestades do Aquario, nas inconstancias do Peixe. Por tudo isto passã o applaudido, o esperado, o adorado, a luz, a alegria, a creação, & conservação do mundo: & depois de passar por tantos Signos repetidas vezes, ha de acabar, ha-se de extinguir, porque nem tudo o que luz he ouro, nem tudo o que luz no Sol, & debaixo do Sol ha de permanecer, como disse Salamaõ: *Eccl. Nihil permanere sub Sole*. Sô a luz da sabedoria 2. 11. resplandecerá eternamente nos Santos, porque he

Apoc.
6. 12.

Ibid.

2. 11.

lume dispensado, he luz privilegiada: *Quoniam inextinguibile est lumen illius.*

Das Estrellas do Ceo disse o outro que eraõ as lanternas dos Deoses, com que sahiaõ de noite a passar. Ou sejaõ lanternas, ou sejaõ Estrellas, as luzes comque allumeaõ haõ-se de apagar, com serem dos Deoses, & estarem no Ceo, & no Firmamento: quanto mais as luzes da terra, que saõ luzes segundas, luzes participadas? Por mais metidas, & reparadas que andem nas lanternas de ouro, de prata, & de diamantes, haõ-se de apagar, & cada instante se estaõ apagando. Pelo que diz o motte de hoje: Nem tudo o que luz he ouro. A luz da vida naõ he ouro maciço: a luz da saude naõ he ouro de quilates: a luz da riqueza, do estado, do applauso, da adoraçãõ: a luz da fermosura, da gentileza, da gala: a luz ainda da virtude, da ciencia, saõ luzes furtadas, luzes escassas, luzes enganosas; porque com qualquer assopro contrario se apagaõ todas essas luzes. Sõ a Sabedoria he luz que se naõ apaga: *Quoniam inextinguibile est lumen illius:* antes he luz, com que se descobrem os enganos da luz do mundo, com que se penetraõ os segredos de tudo o que luz naõ fer ouro, com que se desfazem as apparencias do homem, & os exteriores da sua vaidade.

Dan:

2. 3. Nabucodonosor jactava-se de ver sonhos: *Vidi somnium.* E os sonhos vêm-se, & vêm-se com os olhos

fecha-

fechados? Supponhamos que este Rey como Leão dormia com os olhos abertos, & via sonhos. Via o que se representava nos sonhos, & vinha a ser hũa estatua muito grande, composta de varios metaes: mas não via mais que aquella grandeza, & riqueza; que a intelligencia, o mysterio, a interpretação do sonho, a significação da estatua, não via, porque não tinha a luz que era necessaria para ver o segredo da sua fantasia. O Profeta Daniel, que na Sabedoria vencia todos os Satrapas de Babylonia, he que interpretou o sonho, declarou o mysterio. Nabuco, como mundano, só via o resplendor extrinseco do ouro, da prata, que tinha a estatua: Daniel, como Sabio, tendo por luz a Sabedoria do Ceo, *Et proposui pro luce habere illam*, vio que a luz do ouro, que tinha a estatua, não era luz de dura, mas luz defectivel. Nabuco desalumbrado da ambição, cego da cobiça, enganou-se com a fantastica apparencia, & soberba arrogancia da estatua: Daniel com a luz da verdadeira Sabedoria penetrou o mysterio, desfez o sonho, explicou ao Rey a destruição do seu Imperio pelo sonho da estatua. Porque esta he a differença da luz do mundo â luz do Ceo. A luz do mundo não alcança o que se penetra com a luz do Ceo. A luz do mundo engana-se no que vê; a luz do Sabio conhece, & desfaz os enganos do que vê a luz do mundo. Sô a luz da verdadeira Sabedoria

doria alcança que nem tudo o que luz neste mundo he ouro: sô ella conhece que a vida que luz não he vida, porque tem muitos contrarios que a apagaõ; que a luz da riqueza não he luz, porque são muitos os successos que a consomem; que a luz da honra, do posto, da dignidade, não he luz, porque brevemente desapparece.

Continuou Nabuco os seus sonhos com a jactancia, & ignorancia costumada: *Videbam in visione capitis mei.* Visão, que vio Nabuco da sua cabeça, ou na sua cabeça: visão que elle estimava tanto, que a punha na sua cabeça: visão como parto de seu juizo: *In visione capitis mei.* E em que veyo a dar a visão da cabeça de Nabuco? Veyo a dar-lhe tanto na cabeça, que de pés á cabeça o lançou fóra da ordem da natureza humana. Era o sonho da cabeça de Nabuco hũa arvore tam alta, que chegava ao Ceo; tam redonda, que tomava toda a terra: as folhas eraõ mais que folhas, mais que muitas: os frutos, excessos da natureza, diluvios da terra. E quem adivinhou que arvore tam alta havia de trazer tam grande ruina? Quem havia de profetizar, que a copa das folhas que enramava as Estrellas se havia de tornar em copa de feno, & os frutos reaes em mesa de bruto? Quem havia de conhecer, & atrever-se a dizer a hũa soberbissima Magestade, que Deos o avia de converter

Dan.
4. 10.

verter em bruto para vir a comer no campo em
 tre os animais: *Enum aut bos comedes? u* Sô hum
 Daniel com a luz da Sabedoria: *Et proposui prohi*
luce habere illam. porque he luz que descobre os
 futuros, porque he luz que desfaz os enganos desta
 vida, porque he luz como hum caracter que se não
 tira, porque he hum lume que se não apaga:
Quoniam inextinguibile est lumen illius.
 Porque a luz da Sabedoria se pôde chamar
 luz, por mais luzes que tenha a terra; por mais lu-
 minarias que ponha o Ceo, sempre este mundo em
 que vivemos he noite, como Jhe chama Isaias: *Ani-*
ma mea desideravit te in nocte. Por ser noite, esta
 miserável vida, desejava o Santo Profeta ver a Deos
 no dia claro da Bemaventurança: Por vivermos
 todos nesta escura noite do mundo, succedem mil
 enganos, succede comprir-se o Adagio, De noite
 todos os gatos são pardos, que he o segundo mot-
 tel das Sortes deste dia. A pouca luz á faz parecer o
 que não he. De noite hua cordinha parece huma
 cobra. Quem está ás escuras, foge do amigo que
 vem para elle, como se foro inimigo. Pela arte
 da perspectiva lávra-se hum aposento, onde se vêm fer-
 mosissimas figuras, mas ha de estar o aposento algum
 tanto escuro: & tanto que se abrem as janellas, ou por-
 tas, fica tudo claro, nada se vê do que se via, mais que
 hūas linhas novas. Como este mundo he noite, como

os peccados são trevas, *Eratis enim aliquando tenebrae;*

Ephel com a escureza da vida, parecem fumaças, & deleit
5. 8. *traveis as suas figuras.* E se acaso se abre algum possi-

go no Entendimento por toque da Divina Graça, com
que possa entrar algũa luz, & juntamente se abre a por-
ta da Verdade, abraça n'illo o defengano, & aceitando a
inspiração do Ceo, já se não vêm as figuras que tam-
bem pareciaõ, ou já se aborreçem, & se choraõ como
trevas. *Vae, vae tenebris meis* (diz o lume da Igreja)

in quibus jacui: vae praeteritae ignorantiae, quando non cogi-

noscebam te, Domine. Ay daquellas trevas, em que vi-

via como em hũa noite escura: ay daquella ignorancia

passada, em que vos não conhecia, Senhor, como se

estivera cego. Agostinho ainda as escuras era Sabio no

mundo, ainda de noite era a luz da Filosofia, o Sol da

eloquencia: mas como lhe faltava a verdadeira luz, a

Sabedoria do Ceo, a respeito desta chama noite á vida

passada, chama trevas aos erros da Idregia, e scuridade,

& ignorancia á torpeza com que então vivia. Mas de-

pois que lhe entrou na alma a luz do Ceo; então como

Sabio verdadeiro, & como lume, & mayor lume da I-

greja, teve sô por luz o conhecer, & amar a Divina Sa-

bedoria: *Et proposui pro luce habere illam*: então disse

com David: *Lucerna pedibus meis verbum tuum*: Allu-

miay-me, Senhor, como luz na noite deste mundo,

para que não tropece com o escuro da noite: *Lucerna*

pedibus meis verbum tuum.

Como o

Esta

D. Au
gust.
lib. cõ
fes. m. l.
e. d. e.

Pfalm
118.
105.

E sta lucerna que David pede para os seus pés para se allumiar a si, tambem he para allumiar os outros. O que leva a lanterna na mão pelo escuro da noite para se allumiar a si, tambem pôde allumiar a outros que se quizerem aproveitar da sua luz. A mesma lucerna (que he o Verbo Encarnado) que David pedia para se allumiar, *Lucerna pedibus meis verbum tuum*, he aquella luz, da qual diz o Evangelista São Ioaõ q̄ allumea a todos: *Quæ illuminat omnem hominem*: porque quem nasceo para Sol de justiça, *Orietur vobis Sol justitiæ*, não falta a ninguem com a luz. E porque o mesmo Evangelista disse do Bautista que não era luz: *Non erat ille lux*: acodio Christo pelo seu Bautista, & entãõ parece que se declarou Bautista: *Erat Lucerna ardens, & lucens*: O Bautista era luz, que ardia, & luzia: luz para si, & luz para os outros; & mais para os outros do que para si, por vir do ventre de sua Mãe santificadõ na luz da Graça: & com mayor privilegio que as mais luzes que sabem allumiar-se a si, & aos outros; porque o Bautista como teve a excellencia de Precursor, foy o pagem da tocha de Christo: *Erat Lucerna ardens, & lucens*. Foi tocha de tres pavios, candieiro de tres lumes: allumiou a Christo vindo diante d'elle como Precursor: *Præibis enim ante faciem Domini parare vias ejus*: allumiou os peccadores: *Illuminare his qui in tenebris, & in umbra mortis sedent*: allumiou-se a si nos laumentos da luz da Graça para chegar a quella

Ioan.
1. 9.Matt.
4. 2.Ioan.
1. 8.Ioan.
5. 35.Luc.
1. 76.Ibid.
79.Matt.
11. 11.

àquelle grão em que Christo o poz: *Non surrexit
 maior.* Com licença de Christo, & do Bautista,
 outro Bautista, e outro pagem da tocha temos no
 oitavo dia desta Trezena. Todos chamao a nosso
 Serafico Padre São Francisco (segundo) Christo. E
 quem foi o pagem da tocha do segundo Christo,
 senão Santo Antonio? Quem foy *Lucerna ardens*,
 & *Lucens* com mayor imitação do Bautista, do que
 o Divino Portuguez, (luz universal) da Igreja, e lume
 de Italia, honra de Hespanha, & gloria de Por-
 tugal? Santo Antonio foi o pagem da tocha de
 nosso Padre São Francisco: porque foi o que mais
 resplandeceo no zelo da observancia de sua Regra,
 o que mais allumiou a Ordem Seráfica, desterrando
 dellas as trevas das relaxaçoes que nella se hiaõ in-
 troduzindo. E para mostrar o Divino Patriarca
 quanto estimava a luz do zelo, & da Sabedoria,
 como que Santo Antonio allumiava a seus filhos, &
 quanto se preitava deooter por seu pagem da to-
 cha, appareceo no ar em Cruz na Sala Capitular,
 estando o Santo Portuguez pregando aos Capitu-
 lares, e lançou a benção aos que alli o estavam
 ouvindo. Em outras muitas occasioens se experi-
 mentou em Santo Antonio o ser pagem da tocha
 de São Francisco, o ter tambem tocha de tres pa-
 vios, allumiando-se a si, allumiando os de fora, &
 allu-

allumiando os de casa, afugentando como tocha ardente o Principe das trevas.

Hum Noviço no tempo de Santo Antonio andava tentado do Diabo para deixar o habito da nossa Ordem, com hum espirito de tristeza tam cerrada, que a ninguem queria descobrir a tentação. Soube o Santo por revelação divina o miseravel estado do Noviço; chamou-o, abriu-lhe a boca com ambas as mãos; & chegando a sua, lhe disse: *Accipe Spiritum Sanctum*: Recebe o Espirito Santo. Caso prodigioso! Tornou o Noviço em si, ficou livre da tentação, & perseverou na Ordem com muito exemplo. Dous reparos faço neste caso: hum no Noviço tentado, outro no Santo que o livrou da tentação. A tentação do Noviço foy como hum temporal com cerração escurissima, com a qual o Noviço ficou tam cego, que não loube resistir, nem buscar remedio. Quando o Demonio faz do dia noite, ou tapa os olhos ao peccador para não ver onde poem os pés, para não considerar o que faz, certo está o precipicio. Em Candia ha hũas Aguias, que pelejaõ com os Touros, vencem-nos, & despedação-nos: mas de que modo? Poeni-se huma Aguia sobre o pescoço do Touro; & quando o tem perto de algum despenhadeiro, tapalhe os olhos com as asas: o Touro com os olhos tapados vay para andar, despenha-se, & lâ vay o Touro feito em pe-
da-

daços pelos rochedos abaixo. Da mesma traça usão os Demonios com os peccadores, porque para os tentarem, & precipitarem no Inferno, são humas Aguias. Poem o pê no pescoço ao peccador: tanto que o vêm na occasião metido, que o vêm inclinadido a este, & àquelle vicio, tapaõ-lhe os olhos com as asas do deleite, & do interesse: & o peccador tentado, tendo-lhe o Demonio o pê no pescoço pela continuação do peccado, posto na occasião com os olhos tapados, que lhe hade succeder, senão despenhar-se, & dar comsigo no inferno? Assim avia de succeder ao Noviço tentado, & cego, indo já para se despenhar sahindose da Religiaõ, se Santo Antonio como Aguia de grandes asas, *Aquila magnarũ alarum*, o não allumiãra

Ezech 17. 3. có a luz do Espirito Santo, & lhe não mostrãra os precipitados passos, que hia dando com a tentação do Demonio: *Accipe Spiritum Sanctum.*

O segundo reparo he, dar Santo Antonio o Espirito Santo ao Noviço, assim como Christo o deo aos Apostolos: *Insufflavit, & dixit eis: Accipite Spiritum Sanctum.* Dar o Espirito Santo argüe Divindade: Santo Antonio dá o Espirito Santo ao Noviço, como se tivera Divindade essencial. Valha-te Deos por Santo, que tanto te pareces com Deos! Eu não vi Santo, que tantas vezes se pareça com Deos em maravilhas, como Santo Antonio. Elle faz o que quer: elle governa os elementos, elle faz chover, & não chover, elle fara os

tolhidos,

tolhidos, elle refuscita os mortos, elle afugenta as Aguias do Inferno, elle dispoem do Espirito Santo, como se fora Deos. Eu bem sey que Santo Antonio não he Deos: *Non erat ille lux*; mas como he pagem da tocha do segundo Christo, *Erat lucerna ardens, & lucens*, como he o candieiro de crystal que tem por lume a verdadeira luz, *Erat lux vera*; por isso allumea como Deos, sem ser Deos. Porque he candieiro que tem por lume a Christo, porque he tocha que tem por pavio o Menino Deos; por isso dá o Espirito Santo, como se fora o Deos que tem nos braços. E quem tem por lume a Sabedoria encarnada, *Et proposui pro luce habere illam*, não pôde deixar de participar effeitos divinos, ainda que não tenha as realidades de Deos.

Temos glossado os mottes, Nem tudo o q̄ luz he ouro, De noite todos os gatos são pardos: sayão agora as Sortes do Sacramento. *In Sole posuit Tabernaculum suum*. No Sol (diz David) poz Deos o seu Tabernaculo: que he o mesmo que o seu Corpo sacramentado, porque alli está como Sol entre nuvens, & por estar encuberto, & entre nuvens, allumea, & abraza mais as almas em seu amor. Está como Sol Christo no Sacramento; como Sol de justiça, & de misericordia; para premio, & para castigo (que isso são sortes:

Psalms
18. 6.

Sumunt boni, sumunt mali,

Sorte tamen inæquali.)

Daquelle Sol tira o Sabio a luz para conhecer que nem tudo o que luz neste mundo he ouro, que nem tudo o que parece, he; porque ha muita vaidade, muito engano, & muito fingimento nos homens. Daquelle Sol toma luz a tocha do Sabio, *Et proposui pro luce habere illam*, para a noite deste mundo. O que chega àquella Mesa sem a luz da Graça, sem a veste nupcial,

Mat. 22. 13. tambem lhe sahe má sorte, porque o lançaõ nas trevas exteriores do Inferno: *Mittite eum in tenebras exteriores.*

Boa occasiaõ he esta de pedirmos, todos os que vivemos na noite desta vida, ao Sol encuberto, por meyo do seu Santo (luz universal da Igreja) o que David pedia para sua salvaçaõ: *Illumina oculos meos ne unquam*

Pfalm 12. 4. *obdormiam in morte.* A petiçaõ saõ duas palavras, ou duas luzes: a luz da Graça, o lume da Gloria.





NONA PRATICA.

Mibi autem dedit Deus dicere ex sententia. Sap. 7.



PEYOR, & melhor cousa, que ha no mundo, qual he? Eu digo q̄ a lingua. E naõ vou fõra do q̄ diz o Thema. Deo-me Deos (Diz o Sabio) hum dom de falar bem: *Mibi*

autem dedit Deus dicere ex sententia. O Eminentissimo Cardeal Hugo commenta: *Dominus dedit mihi linguam eruditam:* o Senhor deo-me hũa lingua erudita, hũa lingua sabia; que he o mesmo que santa, porque na lingua do justo (diz o Psalmista) estã o seu juizo: *Os justi meditabitur sapientiam, & lingua ejus loquetur judicium.* Os justos tem o leme do entendimento na lingua, porque falaõ pouco, & bem; os peccadores tem entendimento de lingua, mas naõ tem lingua de entẽdimento, pelo muyto, & mal, que falaõ. Bem se pòde logo dizer que a peyor, & melhor cousa que ha no mundo, he a lingua. Temos obra cortada, & por ser de linguas, bem cortada:

Hugo
Car-
din.
ibi.

Psalm
36., o.

lancemos as Sortes em mortes de linguas, já que o Texto commentado nos serve de lingua: *Dominus dedit mihi linguam eruditam.*

Lingua de praga, he hum motte: Leve a fortuna tantas agulhas ferrugentas, he outro motte. Lingua de praga, diz o dittado por aquelles que murmuraõ, & de tudo dizem sempre mal, & até dos seus, & de si proprios murmuraõ. O Apostolo Sant-Iago diz que húa lingua de praga he hum gèral de toda a maldade: *Univerſitas iniquitatis.* Assim como nas Universidades ha Cadeiras de todas as ciencias, em húa lingua murmuradora estão todas as maldades: ou (como diz o Cyriaco) naõ he sò Universidade a mà lingua, mas hum Mundo inteiro de maldade: *Mundus iniquitatis*: porque o que tem por officio, & por costume ser maldizente, fala de todo o mundo, & todo o mundo fala d'elle. Por ser tão universal, & tão dilatada, & cõprehensiva a maldade da lingua, castiga Deos o peccado da lingua como senaõ houvera outro peccado no mundo, ou como se na lingua estiveraõ jutos todos os peccados do mundo.

O Rico Avarento no Inferno sò da lingua se queixa, sò na lingua parece que sente o tormento, porque sò para a lingua pede o remedio: *Vt refrigeret linguam meam.* Este condemnado, ardendo todo dentro do fogo do Inferno (como elle diz: *Quia crucior in hac flamma*) porque naõ pede para todo o corpo allivio, & refrigerio: ou porque mais para a lingua quer o refrigerio, do que pa-

ra a cabeça do que para os peytos, para as mãos, para os pés? S. João Chrysoftomo diz: *Vbi peccatum, ibi pena*: Onde está o peccado, ahi está a pena. E só cõ a lingua peccou este homê? Só a gulla dos esplendidos convites de cada dia o levou ao Inferno: *Epulabatur quotidie splendide*. Também do mesmo Evāgelho consta q̄ era tão avarento este homê, (& por isso se chama Rico Avarento) q̄ nê as migalhas da mesa queria se dessem ao pobre Lazaro, que estava á porta esperando pela esmola. Logo se tanto peccava pela avareza, porque senão queixa este Avarento das mãos (com que se dão as esmolas: *Palmas suas extendit ad pauperem.*) Pelas ter tão fechadas para os pobres? Porque não pede refrigerio para o tormento das mãos, senão para a lingua: *Ut refrigeret linguam meam?*

He tal o peccado da lingua, ou são tãtos os peccados de hũa mà lingua, q̄ a castiga Deos como senão houvera outro peccado no mūdo mayor, ou se sò na lingua houvera culpa para haver sò para ella castigo. Ainda que o Rico Avarêto tivesse outros muytos peccados, ainda q̄ padecesse muytos tormentos em todo o corpo; sò na lingua lhe parecia padecer mais q̄ em todo o corpo, sò na lingua o atormêtava o fogo. A lingua (diz Sãt. Iago) he o mesmo fogo: *Lingua ignis est.* E assim como hũa mà lingua he hum fogo q̄ tudo abraça, & cõsome; assim para castigo tê em si todo o fogo do Inferno. E não me admira que padeça tão no Inferno hũa lingua de praga, q̄ padeça mais do q̄ às outras partes do corpo, ou padeça

por todas: porq̄ são muytos os peccados, q̄ nascê da mà lingua. Pecca-se por muytos modos com a lingua: adulando, detrahindo, escarnecendo, dizendo palavras torpes, ociosas, & perniciosas, mettendo cizanias, levantando testemunhos. E como ha tantos modos de peccar na lingua, que muyto he que seja tão singular a pēna, & tão notavel o castigo? Como a maldade da lingua he hũa univrsidade de maldades, hum mundo de peccados; já me não admiro que na lingua esteja a cifra de todos os tormentos, por ser a fonte de tantos peccados: *Vt refrigeret linguam meam: quia crucior in hac flamma.*

Naõ falta quem diga, (& eu o provarey) que pelo vicio da Murmuração castiga Deos a Pernambuco, & o tem tomado (como cà dizemos) entre dentes, ha muytos annos, para o destruir com tanta, & tão continuada diversidade de males, por amor da mà lingua que tem. Nesta terra não ha reparo, nem escrupulo em tirar tres cousas, a vida, a fazenda, a honra. Com a lingua se fazem muytas vezes todos estes tres dannos: mata-se por mexericos, & cizanias; tira-se a fazenda com ditos falsos, com testemunhas sobornadas; tira-se a honra, murmurando-se de todo o estado. A qui tropeça mais que noutros peccados a mayor parte de Pernambuco: porque as conversações, os ajuntamentos, não são mais que para enterrar vivos, & desenterrar mortos; que por isso David chamou sepultura á murmuração: *Sepulchrum patens est guttur eorum: linguis suis dolose agebant.* No tempo

po das pestes , & dos contagios fazem-se novos cemite-
rios pelas prayas, & pelos campos, porque não cabem os
defuntos nas Igrejas. Linguas de praga que são, senão as
pestes das Republicas? E cómo he tanta a peste, & có-
tagio da murmuração desta terra; todo o Pernambuco
he hum cemiterio, porque em toda a parte delle se mur-
mura, se enterra, & se desenterra. E por isso vejaõ como
concorda bem a pena com a culpa , o castigo dos males
(de que ainda ha reliquias) cõm o peccado da murmu-
ração, peste com peste.

Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi ad linguam dolosam? P^{sal}m

Vendo David o veneno da murmuração; vendo o mal,
a doença do maldizente, pergunta : Que remedio have-
rà para se curar este mal , este veneno , & contagio da
murmuração? O Medico para conhecer a febre do co-
ração em que arde o enfermo , mandalhe que mostre a
lingua : & se acha que està muyto secca , manda que se
lave a boca com refrigerativos. Mas David à lingua
dolosa, murmuradora, à lingua que he hũ veneno que a
pesta a República , à lingua que he hum fogo que todo
abrafas, *Lingua ignis est*; o q̄ lhe applica, he ferro, & fogo: ^{ibid.4}
Sagittæ potentis acutæ, cum carbonibus desolatorijs. Rara, &
nũca viſta theorica de curar! Galeno, Avicena, né o mes-
mo Esculapio, nem Apollo inventor da Medicina , deu
em tal remedio? Curar peste com peste , curar fogo cõ
fogo, não he arte humana, he Medicina Divina, & mui-
to ajustada, & proporcionada: porque se o mal da mur-

muração he fogo, *Lingua ignis est*, castigue-se com hum mal q̄ tenha muyto de fogo: *Cum carbonibus desolatorijs.* Como o mal de Pernambuco, o mal espirital, o vicio mayor era murmuração, & na lingua se via o fogo; com males, & contagios, com febres agudissimas; *Sagittæ potentis acutæ*, com febres malignas, & ardentes castigou Deos esta terra: *Cum carbonibus desolatorijs.*

Murmurou o Povo de Israel no deserto: diz o Sa- grado Texto que o castigou Deos com serpentes de fogo: *Quamobrem misit Dominus in populum ignitos serpentes, ad quorum plagas, & mortes plurimorum.* São Bernardo diz q̄ neste castigo quiz Deos ajustar a pena com a culpa, mostrar no castigo das Serpentes o peccado da murmuração: *Quare serpentibus perierunt, nisi quia serpens venenosus est; & omnis, qui murmurat, venenum Diaboli habet in lingua?* Porque naquelle Povo havia murmuração, houve castigo de serpentes: porque como o que murmura tem na lingua o veneno do Diabo, justamente com mal venenoso das serpentes foy castigado o Povo de Israel com tantas mortes: *Et mortes plurimorum.* Hũa lingua murmuradora, hũa lingua de praga, he hum veneno, he hum fogo: pois que remedio melhor para mal que não tem emenda? Serpentes de fogo: *Ignitos serpentes.* Nesta terra, (& muyto mais neste paiz do Recife, onde começou o mal contagioso) havia linguas muyto más, muyto diabolicas, & venenosas, porque se lhes não dava de infamar casas honradas, de desacreditar pessoas tal vez innocentes:

Num.
21.6

D. Ber
nar-
dus
Serm.
47.

tes: pois por isso foy castigada esta terra, & o Recife mais que todas as outras partes de Pernambuco, com serpentes de fogo, com mal tão venenoso, com febres tam ardentes, de que morreraõ tantos: *Misi Dominus in populum ignitos serpentes, ad quorum plagas, & mortes plurimorum.* Como nesta terra tudo he morderem-se huns aos outros, & despedaçarem-se com linguas de praga (especialmente nas conversações do Guindaste, & Praça do Recife, onde he mayor o ajuntamento deste Povo) foy justo que se visse comprida a profecia de Habacuc: *Con-surgent qui mordeant te: & suscitabuntur lacerantes te: quia tu spoliasti, spoliabunt te.* Bem he q̄ os q̄ tiraõ a honra a seu proximo, que os q̄ mordem murmurado, se levante que os morda; hum mal, que se chama dos que o participaraõ, a Bicha de Pernambuco. He muyto justo que quem despedaça as vidas; & despoja da honra a seus proximos, seja despedaçado, & despojado da vida: *Spoliasti, spoliabunt te.* Do castigo tão justo, & proporcionado ao peccado, podeis inferir com certeza que em quanto houver em Pernambuco linguas de praga, linguas infamatorias, ha de haver pragas, & castigos do Ceo: porque o remedio das mãs linguas, diz o Real Profeta, que he castigo, & mais castigo, até que venha a dar no eterno: *Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi ad linguam dolosam? Sagittæ potentis acutæ, cum carbonibus desolatorijs.*

Hab.
2,7. &
8.

No peccado da lingua ha outro mayor veneno, que he o da lingua terceira, lingua cizaniaria, lingua diabolica,

lica, pela qual diz o adágio: Leve a fortuna tantas agulhas ferrugentas. Entre as Parabolâs de Christo (que parabolâs, & metâforas era o uso, estillo, & genio de

Marc. Christo immutavel: *Sine parabola autem non loquebatur eis:*

4. 34. & por isso com todo o fundamento, & ração são tão validas no Pulpito, & tam bem recebidas do auditorio as metâforas:) entre as Parabolâs de Christo (dizia eu) ha hũa, que se chama da Cizania, pela qual sabemos como he vicio proprio do Diabo o semear cizanias, o metter enredos entre os amigos, parentes, & visinhos. Hum homem (diz Christo) tinha hũa rica seara de trigo: em hũa occasião em que todos os seus criados estavam dormindo, veyo hum homem inimigo do senhor do campo, & semeou por entre o trigo a cizania: *Venit inimicus*

Mat. *ejus, & super seminavit zizania in medio tritici.* Explicou th. 13. Christo a Parabola, & disse que o inimigo que sobresemeou a cizania era o Diabo: *Inimicus autem, qui seminavit*

25. *ea, est diabolus.* Sò o Diabo pôde ser Author da cizania:

Ibid. sò filhos do Diabo podem ter linguas terceiras: porque 39. sem hum grande odio, sem hũa grande enveja, não se pôde commetter hũa maldade tão perniciosâ como fazer inimigos aos que são amigos, semear discordias entre os Irmãos, botar a perder o fermoso campo de trigo com a semente da cizania, que he a immundicia das searas. Sò o Diabo que tanto mal quer aos homês, sò o Diabo enveioso do seu bem, sò o Diabo immundo pôde ensinar aos cizanarios tal vicio, & tal immundicia: *In-*

micus autem, qui seminavit ea, est diabolus.

Outro motivo tem o Diabo nas cizanias, nas linguas terceiras, que he o grande lucro que tira desse peccado; porque são muytos os peccados que nascem da cizania semeada: & mais quer o Diabo hum cizaniario, hū mexeriqueiro, do que outros grandes peccadores. Porque Doeg Iduméo mexericou a Saul que Achimelech favorecia a David, por semear esta cizania entre Saul, & Achimelech: que se seguiu? Colheo o Demonio desta cizania muytos peccados, muytos sacrilegios, muytas mortes: porque por amor da lingua terceira de Doeg matou Saul oitenta & cinco Sacerdotes, muytas mulheres, & meninos. Como he tão grande o negocio que faz o Diabo com a cizania, estima, & conserva mais os cizaniarios, do que outros quaesquer peccadores. Todos aquelles, que trasiaõ novas a Job das suas perdas, disiaõ que sò elles escapàraõ com vida para virem com aquellas embaxadas: *Evasi ego solus ut nuntiare[m] tibi: Effugi ego solus ut nuntiare[m] tibi.* Porq̃ naõ matava o Diabo tambẽ aquelles criados q̃ trasiaõ as novas a Job? Matou filhos, matou criados: porq̃ naõ matou os que trasiaõ as novas? Assim era elle tolo! Os criados que trasiaõ aquellas mãs novas a Job, são os mexeriqueiros, & cizaniarios, que mettem enredos, & inimizades: & o Diabo estima, & conserva com grande ardil os que andaõ com mexericos, os que semeaõ discordias, porque sabe o muyto que interessa por este peccado: sabe que para elle a cizania

nia he de grande proveito pelos muytos peccados que della nascem; & para Deos de grande offença, & abominação, pela grande perda que dá à seara da sua Igreja, como diz a Escriitura: *Detestatur anima ejus eum, qui seminat inter fratres discordias.*

Prov.
6.16.
& 19.

Oh quem tivera agora a virtude da lingua de Santo Antonio, para curar, & remediar as más linguas desta terra, linguas de praga, & linguas cizaniarias! Sò huma lingua como a de Santo Antonio, que ainda hoje está como viva, & frêscã, inteira, & incorrupta, pudera curar os contagios, os venenos da murmuração, pelos quais tem Deos castigado, & vay ainda castigando este pedaço do Brasil, esta lingua da America, donde se começou a espalhar o mal contagioso por todo o corpo desta Provincia. Sò aquella lingua bemditta (como lhe chamou o nosso Serafico Doutor São Boaventura tomando-a nas mãos: *O lingua benediçta:*) acho eu que he o remedio mais efficaz para as linguas dos maldizentes. Bem se sabe que a lingua de Santo Antonio no Pulpito era a espada velha da Igreja, espada de dous gumes affiada por ambas as partes, que cortando pelos vicios do mundo os curava, & remediava. Agora que como espada de David está no seu Templo de Padua como trofeo de tantas victorias, de tantos Golias degollados, de tantos Hereges convencidos, & peccadores reduzidos, bem pudera cõvencer, & reduzir as linguas de praga desta terra: Agora que está triunfando da morte, &

da

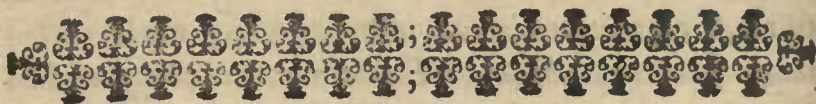
da corrupção pela lingua com que remediou tantas Almas: *Non dabis sanctum tuum videre corruptionem*: bem pondera (se Deos lho permittira) curar, & preservar as nossas linguas de contagios que causão contagios, de peccados que tam apestada trazem esta terra. Eu digo que não ha melhor remedio para más linguas, do que a lingua de Santo Antonio; que não ha outra espada semelhante à do Divino Portuguez para curar as linguas q̄ cortaõ como navalhas. *Non est huic alter similis*: disse David da sua espada, pela experiencia que tinha della degollando Gigantes. Da lingua de Santo Antonio, que foy espada com que degollou as Herégias, com que venceo peccados, temos grandes experiencias para curar linguas. Porque junto de Padua hum homem quiz invocar o Demonio por arte magica, appareceo-lhe o Demonio, & arrancou-lhe a lingua fôra: foy-se o homem ao Sepulcro de Santo Antonio, onde està como a espada de David pendurado o troféo da lingua do Divino Portuguez: pedio, rogou, perseverou; tanta foy a fé do homem da lingua arrancada, que lhe restituhio o Santo a lingua como dantes a tinha. Linguas ha nesta terra tam diabolicas, que bem merecião ser arrancadas, & que o Diabo as arrancasse como suas: mas he tam poderosa a lingua de Santo Antonio, que pôde dar, & tirar linguas, dar as boas, & tirar as más, se cõ fé o buscarmos, & lhe pedirmos que nos cure as linguas para que as Almas, & os corpos não morraõ pela lingua.

Oh lingua bemditissima! Pelo despacho da petição que se vos faz, em nome de toda esta terra vos dedico, & consagro hum voto, hum desejo de ter muytas linguas só para louvar a lingua que Deos vos deu tam sabia, tam santa, & tam prodigiosa: *Mihi autem dedit Deus dicere ex sententia: Dominus dedit mihi linguam eruditam.* Eu bem sey que ainda que tivera effes milhões de linguas, não havia de chegar a dizer a minima parte de vossos louvores. Atè isto quero que o diga outro Orador de mayor eloquencia, & de menos suspeita, o doutissimo Padre Francisco de Mendoça, húa das grandes Estrelas do Ceo da Sagrada Companhia de Jesv. *Si mihi sint linguæ centum, ora que centum: si linguis hominum loquar, aut Angelorum: si cuncta corporis mei membra vertantur in linguas; nullam partem consequi potero earum laudum, quæ debentur sacrosanctæ Antonij linguæ.* Se eu tivera cem linguas, & cem bocas, como diz Virgilio: se soubera todas as linguas, dos homês, & dos Anjos, como diz Saõ Paulo: se todos os membros do meu corpo se convertèraõ em linguas, como diz Saõ Hieronymo; não pudera dizer a menor parte dos louvores, que se devem à sacrosanta lingua de Antonio.

Supposta a impossibilidade da narraçãõ dos louvores da lingua de Santo Antonio; supposto o voto que lhe offerecemos, que não he mais que hum desejo sem effeyto por ser impossivel o que se deseja; vamos ás Sortes dos mottes que glosamos. Para as linguas de
praga

praga, & agulhas ferrugentas, para as linguas murmura-
 doras, & cizaniarias, já David apontou o premio, ou ca-
 stigo: *Quid detur tibi, aut quid apponatur tibi ad linguam dolo-
 sam? Sagitta potentis acuta, cū carbonibus desolatorijs.* Para q̄
 as linguas calladas, & emendadas por beneficio da bem-
 ditto lingua de Santõ Antonio sahe por premio huma
 custodia. O mesmo David pedindo a Deos boa lingua
 fala em custodia: *Pone Domine custodiam ori meo.* E para
 que he a custodia na boça? *Ne dicam detractiones:* Para
 não murmure, diz o TheSoureiro das Sortes. Logo hũa
 custodia he premio da lingua que não murmura. E por
 isso na lingua se poem o Sacramento, a lingua he a pri-
 meira sala que o recebe, a lingua purificada da sua mal-
 dade he a custodia em que se mette o Sacramento. quã-
 do se communga: *Pone Domine custodiam ori meo.* Para ^{Pfalm}
 purificar a lingua daquella universidade de maldades ^{140. 3}
 se toma o Senhor na lingua. Com hũa brasa purificou
 hum Serafim a liugua de Isaías: *Ecce tetigit hoc labia tua,* ^{Isaia}
 & auferetur iniquitas tua. A brasa, diz o Incognito que he ^{6.7.}
 Christo no Sacramento: *Sic ergo Christus in carne est quasi* ^{Inco-}
carbo. Grande Sorte! Grande premio! Hũa custodia ^{gnit.}
 que defenda, hũa brasa que purifique, tem a lingua no
 Sacramento do Altar para não ser de praga, para ser
 bem dita, & bem dizente, para ter graça em aumento, &
 Gloria sem fim.





DECIMA PRATICA.

Letatus sum in omnibus. Sap. 7.



U E haja na Sagrada Escritura quem ap-
prove orir, & folgar em hum valle de la-
grimas; o dançar, & cantar onde todos la-
mentaõ, & choraõ! *Quomodo cantabimus canti-*

Pfalm
136.4.

cum Domini in terra aliena? Diziaõ os Israelitas de terra-
dos da sua patria: Como havemos de cantar em terra
estranha? Se toda a terra he para nõs estranha, & sõ o
Ceo he a nossa patria; como diz o Sabio que tem tam
perfeyta alegria neste miseravel mundo: *Letatus sum in
omnibus?* E o que mais he, hũa alegria igual, & redonda
em todas as cousas prosperas, & adversas: *In omnibus, tam
prosperis, quàm adversis:* diz Hugo Cardeal. A este dizer
do Sabio sabio hoje hum motte bem alegre, & descan-
çado, a buscar sua sorte nas Sortes de Santo Antonio:
Davalhe o vento no chapeiraõ, quer dé, quer não.

Hugo
Car-
din.
ibi.

Os ventos podem ser bons, & máos; favoraveis, &

con-

contrarios. E alegrar-se hum homem com todos os vêtos, accommodar-se tantó com a bonança como com a tempestade, ter a mesma alegria na adversidade que na felicidade: *Letatus sum in omnibus*: he chegar ao cume da perfeçãõ, he fazer-se prototylo da mais heroica virtude. Cegou Tobias, & diz o Texto que se não entristeceu: *Non est contristatus contra Deum*: mas antes o seu coração sendo de carne se fez hum penhasco de firme no temor de Deos: *Sed immobilis in Dei timore permansit*: & como Sabio, & como Santo tam abalizado na paciencia, deu graças a Deos em todos os dias da sua vida pela cegueira, como se fora hum grande beneficio: *Agens gratias Deo omnibus diebus vitæ suæ*. Que Tobias desse graças a Deos antes de cego; bem fazia de se anticipar agradecido para ser mais beneficiado. Que Tobias desse graças a Deos no tempo da cegueira, no tempo adverso, essa era a fineza, & constancia mais admira. el da sua paciencia. Que Tobias depois de cobrar a vista desse graças a Deos, não he maravilha, pois era obrigação agradecer o beneficio. Mas dar graças a Deos em todos os dias da sua vida, em todos os tres estados, antes de cego, sendo, cego, & depois de cego; tam a'egre, contente, & agradecido no tempo adverso como no prospéro, *Agens gratias Deo omnibus diebus vitæ suæ*, pela mesma regra do Sabio: *Letatus sum in omnibus*; he o que Deos queria em Tobias para delle fazer hum exemplo de paciencia à posteridade: *ut posteris daretur exemplum patientie*

Tob:
2.13.Ibid.
14.Ibid.
14.Ibid.
12.

ejus:

ejus: he o que Deos desejava para com hum diamante Livrar outro, com Tobias armar outro Tobias, com hũ pay de tão heroica paciência em todas as occasiões prosperas, & adversas formar hum filho agradecido a Deos em todo o tempo: *Omni tempore benedic Deum*: porque na perpetua alegria em continuo louvor de Deos consiste a mayor perfeção, & a mais alta labedoria: *Latus sum in omnibus*.

Tob
4.20.

Mas esta alegria não se acha senão na boa consciencia: *Et rectis corde lætitia*, diz David. Como Tobias toda a vida servio a Deos, & foy creado no santo temor de Deos: *Nam cum ab infantia sua semper Deum tinuerit*:

Tob.
2.13.

por isso foy sempre alegre, & sempre agradecido a Deos. A alegria verdadeira, solida, & constante ha-se de fundar em Deos. Sem a Divina graça não pôde a Alma estar contente, & alegre; porque he a iguaria, que sô a pôde satisfazer, & contentar. *Ave gratia plena*: disse o Anjo da embaxada à Senhora. *Ave* no Texto Grego he

Luc.
1.28.

Gaude: Alegray-vos. E porque se ha de alegrar a Senhora? Pelo mais que disse o Anjo: *Gratia plena: Dominus tecum*: Porque está chea da Graça de Deos, & tem comfigo o dono da Graça. Quem está em graça, & quem tem a Deos comfigo, não pôde deixar de se alegrar: *ave: Gaude*: porque tem o fundamento da mais solida & perfeyta alegria. A mesma Senhora deu a rasão a Santa Isabel da sua grande alegria, dizendo: *Exultavit*

Ibid.
47.

spiritus meus in Deo salutari meo: Alegrou-se notavelmente

te o meu espirito em Deos que he a minha salvaçaõ: *In Deo salutari meo.* Porque o alicerse daquella maquina de alegria, he Deos; & sem Deos não ha alegria segura, ou gosto certo, & verdadeiro.

Pedio o Bom Ladrão a Christo o Ceb: *Dominè, memento mei:* responde o Christo: *Hodie mecum eris in paradiso:* Hoje te acharás commigo no Paraiso. A palavra, *Mecum,* parece que foy de mais; porque bastava q̄ Christo dissesse ao pretendente: Hoje estarás no Paraiso, hoje te salvarás: *Hodie eris in paradiso:* porque nẽ o Bom Ladrão pediu tanto, nem o Principe que o despachou podia dar mais. Logo escusada era a particula *Mecum?* Não era: diz Santo Ambrosio. *Pulchrè, Mecum eris: hoc est: Noli timere ne & tu cadas in paradiso sicut cecidit Adam.* Bellamente diz o *Mecum* no despacho do Bom Ladrão: Estarás commigo no Paraiso, porque estando commigo no Paraiso não cahirás delle como cahio Adam do seu Paraiso. Adam cahio do Paraiso, porque não teve a Deos por fundamento; poz o seu gosto no amor proprio: *Eritis sicut dij:* fundou-se no peccado quebrando o preceyto de Deos: *Qui comédit:* & quem poem o seu gosto, a sua alegria em cousas do mudo, & offensas de Deos, não lhe pòde durar muyto o prazer, não pòde deixar de cahir do Paraiso, de pèrder a alegria. Porém tu, Dimas, estando commigo no Paraiso não cahirás do Paraiso como Adam; porque na minha companhia tens muyto certo, & seguro o Paraiso, por eu ser a fonte, & a raiz da

verdadeira , & solida alegria : *Hodie mecum eris in paradiso.*

Porque sò em Deos he certa, firme , & continua a alegria, & o Paraíso que na terra pôde haver, David pôdo na sua arpa tantos versos de alegria, sempre diz que a alegria, a consolação, o prazer, seja todo em Deos , & na boa consciencia, porque sò sobre estes alicerces vay bem fundada a alegria: *Letamini in Domino, & exultate justi, & gloriamini omnes recti corde.* Haja Deos: *In Domino;* & boa consciencia: *Recti corde;* que logo a Alma andarà alegre. São Paulo tambem , com todos os seus trabalhos, peregrinações, & molestias, diz que nos alegremos repetidamente: *Gaudete in Domino semper: iterum dico gaudete.* E pôde haver tanta alegria , tanto gosto neste desterro, neste carcere, neste labyrintho; neste chaos, neste miseravel mundo, onde são mais os que trabalham , os que padecem, os que choraõ , & lamentaõ? Sim toda essa maquina de alegria , todo esse apparatus de gostos pôde haver nesta miseravel vida, *Gaudete, iterum dico gaudete,* se for fundada , & estribada em Deos: *Gaudete in Domino:* porque como Deos he a fonte & a raiz da alegria, (como diz São João Chrysofostomo: *Voluptatis radicem lucratius est, etenim habet latitiae fontem*) não pôde faltar a alegria no que tem a Deos, no que está em Graça de Deos; não pôde deixar de andar sempre alegre , ou dé, ou não dé o vento no chapeiraõ : *Letatus sum in omnibus.*

Oh quanta differença vay da alegria do Sabio à alegria

Psalm
31.

Philip
4.4.

Chry-
sost-
om

gria

gria do mundo! A alegria do mundo he triste, & cansada, caduca, & falsa. Os mundanos, ainda que parece andão alegres, & contentes, & que lhes não pesa de ter nascido; he dos dentes para fòra; que là por dentro padecẽ crueis tristezas nos remorsos da consciencia, nos encontros da fortuna, nos sustos, & sobressaltos da Alma devedora a Deos por tantas culpas. Não sey (diz o Angelico Doutor Santo Thomaz) como se pòdem rir os q̃ estãõ em peccado mortal; pois diz Christo: Bèaventurados os q̃ chorão, porq̃ ao pranto se seguirá a alegria, & ao riso, & alegria vãa seguirẽchão prãtos eternos. Mas isto he, porq̃ algũs peccadores sabẽ fingir, & dissimular as tristezas interiores cõ mascaras alegres. Ha risos de boca, & risos de coração. Abrahão, quando se lhe disse que havia de ter filho, rio-se: *Risit*: Sara, sua mulher, também se rio: *Sara risit*: porque ambos pela idade se achavão incapazes de terem filhos. Mas o riso de Abrahão foy riso de coração, diz o Texto: *Et risit, dicens in corde suo*: o riso de Sara foy riso de boca, foy riso postiço, como ella disse: *Risum fecit mihi Deus*. O riso, & alegria, com setem contrarios à dor, & tristeza, não se impedem em diversos lugares: pòde o riso estar na boca, & a tristeza no coração; pòde o riso, & a alegria estar no coração, & por fòra haver tristeza, segundo a divina polirica de Paulo: *Quasi tristes, semper autem gaudentes*: A alegria do mundo em sujeitos de farça, & fingimento pòde estar na boca com muyta tristeza no coração; & a alegria do justo, &

Ge-
nes.17

17.

& 18.

10.

Ge-
nes.

17.17

Ge-
nes.

17.17

nes.

21.6.

2. Co-
rint.6.

10.

do sabiõ pòde ser toda interior, & no èxtrínseco parecer tristesza: porque a alegria, & a tristesza são muy politicas, & mysteriosas, enganão muy facilmente a quem lhes não sabe o segredo da sua varia assistencia: *Quasi tristes,*

Hugo Car-
din.
ibidẽ. *semper autẽm gaudentes. Latitia sempiterna* (diz Hugo) *in corde eorum versatur, quorum Spiritus Sanctus habitator est.*

Esta alegria interior, & exterior, para ser a alegria perfeyta, ha-se de ver em todo o tempo, & em todas as acções: *Latatus sum in omnibus:* mas no tempo aduerso, na tribulação, na affronta, na perda (que são os encontros mais certos nesta vida; porque a ninguem se lhe tempèra a viola da Fortuna, que se lhe não quebre algũa corda) he que mais se agradece, & se admira a alegria. Dos Apostolos se conta por grande façanha o padecerem cõ alegria por amor de Jesu Christo: *Ibant gaudentes á conspectu consilij, quoniam digni habiti sunt pro nomine Jesu contumeliam pati.* Mas quem ensinou aos Apostolos o padecer alegres, o gostar das affrontas, o estimar as contumelias? O Divino Mestre, que sobre a alegria no padecer fez seu contraponto de cantar padecendo. Diz São Matheos que Christo foy cantando para o Horto de Gethsemani: *Hymno dicto, seu cantato.* Para mostrar a summa alegria que tinha em padecer por nosso amor, foy buscar os tormentos cantando, para nos ensinar a solfa do padecer com mayor contraponto que seus Discipulos, não só com o canto chão da alegria, mas a canto de orgão: quiz morrer como Cysne para nos ensinar como

Actor
5.41.

Mat-
th. 26
30.

Mestre

Mestre a levar não sò com paciencia , & prudencia os trabalhos, molestias, & adversidades desta cansada vida, mas com alegria, & regosijo. *Hymno cantato; Latatus sum in omnibus.*

Esta alegria do Sabio he para Deos o espectaculo mais agradavel que tem o mundo. *Ecce par Deo dignum, vir fortis cum mala fortuna compositus;* diz Seneca, de quem me valho agora , porque sem ser Catholico são muy Catholicas as suas sentenças. Não ha par mais digno dos olhos de Deos (diz elle) do que hum varão forte composto com a sua mã fortuna. Hum pontinho falta a este Author no seu par, para o fazer mais admiravel, & mais digno espectaculo dos olhos divinos, que he a alegria no padecer. Ser paciente, & forte na mã fortuna, firme, & constante na adversidade, he virtude heroica; he generosidade de animo; mas paciente, constante, & alegre, he a heroicidade mais soberana, he a fidalguia da virtude; porque o ser pobretè, & alegrete, he a sabedoria mais fina; de que se prèza o nosso Sabio. *Latatus sum in omnibus.*

De Falerio grande Filosofo , a quem se levantãrão tantas estatuas quantos dias tem o anno, se escreve, que, vindo-felhe dizer que o povo as derrubàra, respondeo: As minhas imagens poderãõ derrubar, & abater; mas não a minha virtude, & o meu merecimento. Venero o valor deste Sabio, admiro a sua constancia; mas falta ao diamante do seu coração o esmalte da alegria. Mais he-

roico, mais fino valor fora, se assim como se portou animoso, & constante, se mostiàra alegre. De outro Heroe sey eu (de quem he Chronista o proprio Deos) cujo valor, & constancia não teve semelhante; a quem o Demonio derrubou tantas estatuas viventes, como filhos, & criados; & depois de lhe tirar tudo, deixando-lhe sò a mulher para mais o affligir, o poz em hum monturo cuberto de chagas. Este por nome Job, prototypo da paciencia, columna da constancia, foy o Sabio mais sabio que os sette Sabios da Grecia; porque lendo de cadeira naquelle monturo, a que o reduzio a extrema calamidade, dittou a todo o mundo a materia da Paciencia, com seus notados de alegria. *Si bona* (diz a sua doutrina) *suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus?* Se recebem os os bens cõ alegria da mão de Deos, porque não receberemos os males cõ a mesma alegria? Se folgamos com as prosperidades, porque não folgaremos com as adversidades? *Si bona* (diz Hugo explicando a Job) *suscepimus ex misericordia, mala ex justitia suscipiamus.* Assim como recebemos os beneficios da Divina Misericordia, recebamos os trabalhos, & os castigos da mão da Divina Justiça. E nisto (diz o Eminentissimo Cardeal) nesta rasão que o Santo Job dava, neste argumento com que nos ensina paciencia com alegria, tinha Job sua consolação, sua alegria. *Et in hoc consolatur seipsum.* Job consolava-se, & alegrava-se padecendo, porque via a rasão, & o fundamento que havia para não

Job. 2.
10.

Hugo
Car-
din,
ibidẽ.

não sò se padecerem com paciencia, mas com alegria os trabalhos da vida; *Latatus sum in omnibus.*

Outro Job com menos annos, & mais alegria em todo o tempo prospero, & adverso, dando, & não dando o vento no chapeirão, foy Santo Antonio, de Padua pela sepultura, de Lisboa pelo nascimento. A generosa fortaleza de animo deste fiel Servo do Senhor na opposição que fez ao Géral de toda a Ordem Frey Elias, a paciencia, & alegria, com que sacrificou a vida, & a honra nas aras do zelo, à gloria de Deos; & bẽ publico da Ordem, bastava para o igualar com o S bio que em todas as cousas se alegrava. *Latatus sum in omnibus.* Frey Elias foy grande cabeça, mas muyto relaxado; & como tinha tanta authoridade, & entrada com os Summos Pontifices, dos quaes alcançou subrepticamente muytos Breves Apostolicos, foy introduzindo na Ordem abusos, & corruptelas contra a pureza da Regra; & com o poder, & astucia engenhosa, de que se valia, sempre a innocencia ficava deslufida, & a malicia triunfante; até que inspirado de Deos se resolveo Santo Antonio a oppor-se à relaxação de Frey Elias. Foy o Santo buscar ao Géral; & cõ todo o respeyto que se deve aos Prelados, lhe propoz. Como a mayor parte da Religião estava com grande sentimento de ver introduzidas tantas novidades em perjuizo da Regra, cuja observancia deixou tão encommendada o Santo, & Serafico Fundador. Que contra a Pobreza Evangelica, estreiteza, & vileza

vileza de habitos, Articulos principais da Regra, se manejavão dinheiros, & se profanavão os habitos, & outras muytas relaxações, & ruinas grandes se hião cada vez permittindo com o seu mão exemplo: que com humilde rendimento lhe pedja em nome dos mais zelosos, & observantes da Ordem, attendesse à consolação universal de todos, senão, que protestavão a todo o risco buscar o remedio, se a sua prudencia o não applicasse. Ouvio Frey Elias a proposta de Santo Antonio, & a resposta foy tratado mal de palavras, chamando-lhe atrevido, ignorãte, desobediente, & perturbador da paz. O que soffreu o Santo sem responder, com admiravel paciencia, & alegria: mas logo recorreo ao Summo Pontifice Gregorio Nono. O qual convocou a Capitulo Gêral, poz em juizo a Frey Elias, que como ardiloso apparentemente satisfazia aos cargos que lhe derão, se Santo Antonio se lhe não oppuzera com a verdade clara, & manifesta. Aqui irado, & cego da colera disse Frey Elias a Santo Antonio que mentia, diante do Pontifice. Mas então se vio o que era Santo Antonio na modestia, paciencia, & alegria, com que soportou aquella injuria: do que se seguiu dar ao Summo Pontifice as graças a Santo Antonio pelo espirito, zelo, & constancia, com que se tinha havido; & os Cardeais lhe rogãrão ficasse em Roma. Mas elle como Santo, & Sabio, humilde, & alegre, constante, & agradecido, se retirou para o Monte Alverne a buscar o centro da verdadeira alegria, que he
a Ora-

à Oração Mental: *Latificabo eos in domo orationis meae.*

Isaia
56.7.

Bom premio tem a Sorte da Alegria no Divinissimo Sacramento: huma Mesa bem rica, & alegre, em que se come, & bebe alegremente; porque a iguaria da Mesa he a mesma alegria, diz Chryssippo: *Escalatitia*; & o liquor que se bebe he o pay da alegria: *Vinum latificet cor hominis.* Como aquella Mesa consta de toda a delicia, & de todo o gosto: *Omne delectamentum in se habentem*; o que se poem àquella Mesa, pòde levar dalli alegria para todos os dias de sua vida: *Latatus sum in omnibus*: porque commungando leva a alegria com raiz, & tudo. Santo Antonio, que he Santo tam alegre, & de tão boa condição, que fazeis delle o que quereis, pela fonte da alegria que tem nos seus braços nos alcance aquella alegria, que he final certo da Graça, & disposição para a eterna Gloria do Ceo.

Chry-
sop-
pus de
laud.

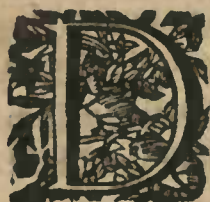
V.M.
Psalms
103.
15.





UNDECIMA PRATICA.

Divitias nihil esse duxi in comparatione illius. Sap. 7.



DOUS mottes bem encontrados sahemi esta tarde a desafio. Hum diz: Dai-me dinheiro, não me deis conselho; outro diz: Tir-te lá ganho, não me dés perda. Aquelle que quer dinheiro, & não conselho, traz por padrinho do desafio outro adagio, que diz: Tudo pòde o dinheiro. Este, que não quer ganhos que dêm perdas, tem outro proverbio que lhe faz costas dizendo: Mais val saber, que haver. O Sabio, que preside nesta Academia Antoniana, diz que todas as riquezas do mundo são nada: *Divitias nihil esse duxi in comparatione illius.* E já que a materia desta Prattica, & a contenda dos mottes he sobre dinheiro; hum Portuguez bẽ acunhado, & de bom peso, depois da disputa resolverá a questão.

Dai me dinheiro, não me deis conselho, diz ò primeiro

mêiro motte : porque o dinheiro he melhor que o conselho. O dinheiro he de mais prestimo que o conselho neste mundo: porque , quem dinheiro tiver fará o que quizer. O conselho não bate moeda: & o dinheiro bate, & combate os conselhos, porque quem tiver dinheiro logo terá quantos conselhos quizer, & quanto quizer dos conselhos. O dinheiro pôde tanto , que pôde ensinar , & dar conselhos. Sabe , & pôde tanto o dinheiro, que dos tolos faz avisados, dos nescios sabios : porque o dinheiro he hũa Universidade, onde todos estudaõ, dõde sahem grandes Letrados, & Doutores. Isto não he galantaria, he doutrina solida com Texto Sagrado. ^{Jerem} *6, 14.*
minore usque ad majorem omnes avaritiæ student : diz o Profeta Jeremias. A avareza he hum gèral de estudos, he hũa Athenas, hũa Salamanca, hũa Pariz, hũa Coimbra, em que todos estudaõ, de que sahem graduados muytos, que não sabem ler , nem escrever. Não vedes que tanto que hum homem tem dinheiro, he grande homê; tanto que tem thesouto, tem ciencia ? porque tambem ha thesouros de ciencia. Tanto que o homê tem quatro tostões, logo vereis como lhe applaudem os dittos, & tomão por sentenças quanto diz. Ainda não sabieis que o dinheiro faz Senecas, & Salamonos, faz os homês discretos , & Rhetoricos? Quando nasceo Minerva, Deosa da Sabedoria, espalhou Jupiter pelos Ceos ouro como chuva. Choveo ouro, nascendo a Sabedoria? E que tem o ouro com o saber ? Quiz a Antiguidade di-

zer que muyto sabe quem muyto tem, que o dinheiro he o mayor Doutor do mundo. Com que persiste o primeiro Proverbio no seu thema : Dai-me dinheiro, naõ me deis conselho.

Ha dous generos de dinheiro : dinheiro bem aconselhado, & dinheiro mal aconselhado. Dinheiro bem aconselhado, he o que se gasta em obras pias, he a moeda com que se compra o Ceo: dinheiro mal aconselhado, he o que se gasta em vaidades do mundo, & offensas de Deos. Bom dinheiro teve Zacheo, dinheiro bem aconselhado, porque bem repartido, & despendido. *Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus* : Do dinheiro que tenho (diz Zacheo a Christo) parto com os pobres. *Et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum*: E se devo, dõbro a restituizaõ para mayor descargo da minha consciencia. Tantoque Christo vio o dinheiro de Zacheo tam bem aconselhado, tam bem empregado, logo lhe deu o Ceo pelo seu dinheiro : *Hodie salus domini huic facta est*. Santo Ambrosio vendo o negocio que Zacheo fez com Christo, vendo a sua fazenda tam bem repartida, & negociada, vira-se contra os ricos de máo dinheiro, de d'nheiro mal aconselhado, & diz assim. *Discant divites non in facultatibus crimen habere, sed in his, qui uti nesciunt*. Aprendaõ os rios a naõ pòr culpa ao dinheiro, senaõ aos que usaõ mal delle. Porque se as riquezas saõ laços, & perdições para os que as empregão em vicios; saõ aju das, & meyos para os que as repartem bem.

Luc.
19.8.

Ibid.

Ibid.9.

D.
Ambr
super
Luc.
lib. 8.

bem: *Sicut impedimenta improbis, ita bonis sunt adjumenta.*

D.
Ambr
de of.

Muytos ricos Santos. Abraham foy rico, & Santo: David rico, Job rico, São Luiz Rey de França rico. A riqueza he como materia prima: o modo, com que se usa della, he a fôrma, que nella se imprime. As riquezas, de sua natureza não são más; o modo com que se usa dellas, he o que lhes dá a boa, ou mà denominação, o que as faz meritorias, ou peccaminosas. A riqueza q̄ se gasta no culto divino não he muyto santa? A riqueza que se despêde pelos pobres não he boa? Pois logo não são más as riquezas de sua natureza; as applicações ao bem, ou ao mal, são as que as fazem boas, ou más. *Et psalm*
repulit tabernaculum Joseph: & tribum Ephraim non elegit. 77 67.
Diz o Psalmista que Deos reprovou o tabernaculo de Joseph, & não escolheo a tribu de Ephraim. E porque não diz que reprovou a tribu de Ephraim como reprovou o tabernaculo de Joseph? Porque *Ephraim* (diz o nosso Cardeal) quer dizer fertilidade, riqueza: & Deos não reprova aos homens terem riquezas, porque ter riquezas não he peccado: *Habe enim divitias non est in vitio.* A cobiça, a ambição, o mà uso das riquezas, he o que se reprova. Por isso se diz que ainda que Deos reprovou a Joseph, não reprovou a Ephraim; porque a riqueza não se hade reprovar, porque de si não he má: he mà no mà, pelo mal que usa della; he boa no bom, porque a sabe empregar bem.

Hugo
Car-
din.
ibi.

De Joseph de Arimathea, varaõ pio, & illustre, que

Luc.
23. 50.
Mat-
th 27.
57.

concorreo tam largo como animoso para o descendi-
mento, & sepultura de Christo, diz Sam Lucas que era
bom homem, homem santo: *Vir bonus, & justus*: & Sam
Mattheos disse que era rico: *Venit quidam homo dives*. To-
dos os E vangelistas foraõ allumiados do E spirito San-
to, & concordes na Historia de Christo: como logo va-
riãraõ Lucas, & Mattheos nas informações que nos dam
de Joseph? Hum diz que era bom homem, homem de
virtude; outro diz que era rico? Se ambos quieriam dar
boa informaçã, porque se não uniraõ ambos a dizerem
que era bom, ou a dizerem que era rico? Uniraõ-se am-
bos na sustancia do louvor, ainda que discrepassẽ na
diversidade do nome. Como Joseph despendeo fazen-
da no serviço de Deos, como concorreo com o gasto do
descendimẽto, & sepultura de Christo, como empregou
tam bem a sua riqueza; o mesmo era ser louvado por
rico que por bom, por bom que por rico. A riqueza, &
a bondade equivocã-se: a riqueza bem despendida faz
a quem a despende bom: *Vir bonus, & justus*: & o homẽ
que he bom faz boa a sua riqueza: *Quidam homo dives*.
Daqui se infere que as riquezas não tem culpa de as em-
pregarem em culpas; são mãs nos mal aconselhados,
nos perdidos, & perdularios; & boas nos que usãõ bem
dellas, nos que são bem aconselhados em as distribuir:
Com que o motte, Dai-me dinheiro não me deis conse-
lho, pegando-se ao dinheiro bem aconselhado quer pôr
si a sentença: & como tem dinheiro, ou se poem da par-
te

te do dinheiro, está arriscado a vencer.

Ouçamos agora a outra parte. Tir-te lá ganho, não me dês perda. Respondendo ao primeiro discurso, diz que se alguns foraõ ricos, & Santos, os mais dos ricos foraõ peccadores: que não de balde deu Christo hum ay sobre os ricos, que he final de reprovaçaõ: *Vae vobis divitibus, quia habetis consolationem vestram*: & chegou a dizer que o Ceo estava interdito para o rico: *Dives difficili intrabit in regnum calorum*; & para os pobres aberto: *Beati pauperes spiritu*. E a ralaõ de se dificultar a salvaçaõ ao rico, & abrir se tanto o Ceo para o pobre, he: que assim como por socorrer aos pobres faz o esmoler o seu thesouro no Ceo: *Habebis thesaurum in Calo*; assim pela riqueza faz o rico o seu thesouro no Inferno. *Dives cum dormierit, nihil secum auferet*. O rico (diz o Santo Job) quando morre, nada leva com si: porque o seu thesouro tem-no já posto seguro no Inferno, diz Hugo: *Verum tamen in inferno habebunt thesaurum*. Como não fizeraõ thesouro no Ceo com as riquezas, como podiaõ fazer; achaõ-se na morte só com o thesouro no Inferno. Mas que thesouro? O que lhes dà Sam Paulo: thesouro de ira: *Thesaurizas tibi iram*.

Ainda que os contrarios digaõ que as riquezas são boas para fazer boas obras, & que não he máo o ter para fazer bem ao: pobres; com o mesmo passo de David, *Et repulit tabernaculum Joseph, & tribum Ephraim non elegit*, com o mesmo Expositor allegado, se responde contra as riquezas.

quezas. Se Deos não reprovou a Ephraim, não o elego : *Quia licet habere divitias malum non sit secundum se , non tamen est bonum: magis autem est fugiendum , quam elegendum, quia licet non sit malum, tamen valdè periculosum est.* Aindaque o ter riquezas não seja mão *secundum se* , aindaque não seja peccado a riqueza ; devemos não sò deixar de as eger, mas fugir dellas pelo perigo que tem, segundo os ays da Escritura , & experiencias do mundo. E aindaque se diga que as riquezas são pedras, ou tijolos para passar o lodo, são pouco leguros : porque arrisca-se o que passa por cima das pedras a torcer o pé, ou a pedra, & dar comsigo no lodo, dar comsigo no Inferno. Por serem tam arriscadas , & nocivas as riquezas; a Providencia Divina escondeo nas entranhas da terra o ouro , a prata, as pedras preciosas, como mãy que esconde ao filho o solimaõ porque o não tome, ou a faça porque se não fira.

O nosso Sabio despreza tanto as riquezas ; que as põem no valor do nada : *Divitias nihil esse duxi in comparatione illius:* & sobre esse nada das riquezas , mostra por metaphoras quam nocivas, & perigosas são as riquezas. *Omne aurum in comparatione illius arena est exigua:* O ouro he area; & a prata lodo : *Et tanquam lutum aestimabitur argentum.* O melhor, & o mais precioso das riquezas, he area, onde se nanfraga ; he lodo, onde se escorrega : que tam nocivas , & perigosas acha o Sabio que são as riquezas. Em comparação (diz elle) da Sabedoria, *In comparatione*

ne alius, toda a riqueza do mundo he nada: *Nilil: ou hũa pouca de areia, & de lodo: *Arena est exigua: & tanquam lutum aestimabitur.* Sõ a Sabedoria he riqueza, & a riqueza do mundo ignorancia. A riqueza he dote da Sabedoria: porque dando Deos a Salamaõ a sabedoria, *Dedit tibi cor sapiens,* logo lhe deu a riqueza sem lha pedir: *Quae non postulasti, dedi tibi: divitias scilicet.* A riqueza do mundo he louca. Plutarco chamava a riqueza de Domiciano lucura de El Rey Midas: porque era tam louco na sua riqueza, que tanto dourava o Templo de Jupiter, como o retrete das concubinas. Com que o ser Sabio he ser rico; o ser rico he ser louco: porque as mais das riquezas do mundo se gastaõ em locuras, se conuõmem em vicios, & torpezas, por serem muytos os prodigos que com as riquezas que gastaõ nos vicios, *Dissipavit substantiam suam vivendo luxuriose,* compraõ a pobreza: *Capitegere.* E concluindo o meu discurso, diz o segundo mote: Tir-te là ganho naõ me des-perda: porque mais val saber que haver.*

3. Reg
3. 12.
& 13.

Luc.
15. 13.
Ibid.
14.

Lembrados estareis que disse no principio, que hum Portuguez de peso, & cunho havia de resolver a questãõ do dinheiro, compor a contenda dos mottes sobre as riquezas do mundo. Sabeis quem he o dobrãõ Portuguez que ha de ser o Juiz desta causa? He o Divinõ Portuguez Santo Antonio, dobrãõ soberano pelas muytas vezes que o dobrou, & multiplicou Deos em varias partes: dobrãõ, & Portuguez bem acunhado pelas insigni-

as com que o pinta a Igreja. O Serenissimo Rey, & Senhor Dom Joáo o segundo fez os dobroens que chamamos Portuguezes, & poz-lhes por cunhos as Quinas de Portugal, & hũa Cruz. Santo Antonio he Portuguez bem acunhado: tem por cunhos hũa Cruz, & hum Menino sobre hum livro: naõ tem as Quinas, porque essas são Armas de seu Padre São Francisco. Em lugar das Quinas tem o Menino Jesus, que para o fazer Portuguez de mayor peso, & valor se fez menor nas mãos do Menor, para que pelos cunhos se avaliasse a moeda; para que vendo os homens aquelle Portuguez, aquelle dobrão com tais cunhos, soubessem quanto tinha de Deos Antonio, & quam Divino era aquelle Portuguez. *Cujus est imago hæc, & superscriptio?* Que armas, que cunhos tem este Portuguez? Tem as armas de Deos, a Cruz: tem o mesmo Deos por cunho, o Menino Deos. *Reddite ergo quæ sunt Cesaris, Cesari; & quæ sunt Dei, Deo.* Day a Deos o que he de Deos, & a Cesar o que he de Cesar: disse Christo vendo o dinheiro do tributo de Cesar. Se a imagem, & cunho de Santo Antonio he de Deos, demos a Deos o que he de Deos, chamemos-lhe a Santo Antonio Divino Portuguez. E como tal, darà a sentença sobre o dinheiro da contenda, sobre a cõtenda dos mortos. Ouvi a sentença em hum caso que succedeo a São Antonio em Napoles.

Hũa mulher viuva tinha hũa filha muyto bem parecida, mas pobre. Temendo a formidavel cara da necessidade,

teffidade, determinou, para se livrar da pobreza, valer-se do thefouro que tinha na belleza da filha, dizendo-lhe: Filha, não ha mayor deshonra no mundo, do que a pobreza. Diz o dittado antigo: Quem diz que pobreza não he vileza, nam tem sifo na cabeça. De que nos aproveita a nobreza da geração sem o necessario para a vida? Que nos aproveita a qualidade, se nos falta a substancia? Que val essa opiniaõ, se vivemos tam despresadas; se perecemos com tantas necessidades? Sò a tua fermosura pòde remir esta oppressão, & livrar nos da miseria que padecemos. Dos-moços que te galanteaõ busca hum mais do teu gosto, & que possa remediar-nos; que eu já não posso sustentar a honra com tanto trabalho. Ficou a donzella assombrada com tam desalmada proposta. E depois de chorar muyto; (que foi a reposta que deu à mãy) como era devotissima de Santo Antonio, & amante da honestidade, entrou em hum Convento de São Lourenço, onde està hũa rica Image de Santo Antonio: & fazendo oraçaõ, disse: Meu Santo, o perigo em que estou de offender a Deos, & a minha Alma, nasce da extrema necessidade, & temeraria resolução de minha mãy: vòs haveis de ser o Protector, & guarda da minha honra. A penas disse isto, quando o Santo estendeo o braço, & largou hum papelinho, dizendo: Toma esse papel, & vay com elle a Fulano mercador rico nesta Cidade, & dize-lhe em meu nome, que te dé em dinheiro o que pesar esse papel. Tomou a

moça o papel; buscou o mercador, & deu-lhe o recado do Santo. O mercador vendo o papel, & ouvindo o recado, entre confuso, & risonho, disse á moça: Tem bõ gosto o que ha de casar com vossa mercê, pois por tam pouco que pesará este papel se dà por pago! Eu faço o que manda Santo Antonio. Poz o papel na balança, & da outra parte a mais pequena moeda que tinha; foy inclinando tanto para baixo a balança em que estava o papel, que para a igualar foraõ necessarios quatrocentos éscudos de prata. Este prodigio trouxe à memoria do mercador hũa promessa, que elle tinha feyto a Santo Antonio, de hũa alampada de prata daquelle mesmo preço que pesava o papel: & vendo que o Santo o executava pela divida da promessa, melhorou a esmola entregando o dinheiro à donzella, com o qual se remediou a necessidade da mãy, & a filha se livrou do perigo em que estava de offender a Deos. Neste caso resolve Santo Antonio a questão dos dous mottes contendentes sobre dinheiro: dando o papelinho para se dar o dinheiro de esmola para aquella necessidade tam urgente, approva do primeiro motte o dinheiro bem acõ-felhado. *Sapiens non amat divitias, sed mavult*: diz Seneca. O Sabio não ama as riquezas, porque as tem por nada: *Divitias nihil esse duxi*: mas sò as quer para as empregar bem, como foy o dinheiro deste mercador bem empregado por ordem, & disposição de São Antonio. E fazendo o Santo ao mercador restituir a alampada, que

que devia, approva o segundo motte no dizer: Tir te lâ ganho, não me dês perda: porque o ganho do que se deve, mayor perda he do que ganho.

Conciliados os dous mottes no modo, & fôrma que se ha de usar com as riquezas, & haveres do mûdo, busquemos as Sortes, que lhes dà o Sacramento. Ao Daiminho, nam me deis conselho, ao dinheiro bem aconselhado, & ao que nam quer o ganho que lhe dê perda, sahe por sorte hum poço de dinheiro nesta letra: *Qui me invenerit, inveniet vitam, & hauriet salutem à Domino. Quasi à puteo* (diz o nosso Fideli) *pleno delicijs ac divitijs.* O Sacramento do Altar he hũ poço de riquezas para que se quer, & sô faz estimação das verdadeiras riquezas. Mas como se poderão tirar riquezas daquelle poço se fundo, se falta o balde, ou caldeirão, & a corda? A corda nos remediará Santo Antonio com o seu cordão. E o balde? O Menino Jesus, que nam debalde está nas mãos de Santo Antonio, servirá de caldeirinha de prata, ou de ouro para nos tirar do poço do Sacramento riquezas do Cco, a agua viva da Graça, a agua da vida eterna.

Prov.
8.35.
Benedictus
Fideli
referens
Aug.
Cardin.
ibidē.





DUODECIMA PRATICA.

Et sine invidia communico, & bonestatem illius non abscondo. Sap. 7.



BAZEIS orelhas de mercador? diz o morte deste dia contra os que por enveja nam daõ o que tem , nam communicão o que sabem, não fazem o que podem. Por se livrar o Sabio de avareza tam baixa, de vicio tam vil, diz que communica sem enveja, & que nam esconde o bem que pòde comunicar. A Enveja nam quer communicaçãõ ; a caridade he toda communicativa , por ser opposta à Enveja. Moysès repartio o governo por settenta homens , por não pòder com o peso de tantos negocios : os tocados da enveja levavaõ a mal que além de Moysès houvesse outros que governassem: Como alguns dos settenta elegidos para o governo tinham o dom de profecia , não querião os envejosos que houvesse outro Profeta mais que Moysès: recorrerão a Moysès.

Moyfès, que os suspendeffe do officio: *Prohibe eos.* Ref- Num.
pondeo Moyfès como Santo, & Sabio: *Quis tribuat ut* 11.28.
omnis populus prophetet, & det eis Dominus Spiritum suum? 29. *ibid.*

Quem ha de agora tirar a todos que profetizé, se Deos lhes déu effe espirito; Se Deos quer que este, ou aquelle tenha o que vós não tendes; porque haveis de querer impedir o que Deos dà, & faz mercê aos outros. *Prohibe eos?* Esta prohibiçãõ bem mostra a opposiçãõ, & differença, que ha entre a Enveja, & a Caridade. A Enveja quer hum sò Propheta, hum só Moyfes; a Caridade quer que todos sejaõ Profetas, quer que o bem se cõmunique a todos. Os que não querem que haja muytos Profetas, muytos Sabios, muytos Moyfes, muytos homens grandes; estes que não querem ver o bem commum, o bem communicado, senão escondido; he final que se dõem de algũa chaga que tem da Enveja. Por isso o Thema diz que o Sabio sem enveja communica, & não esconde o bem, pela caridade que tem com todos: *Et sine invidia communico, & honestatem illius non abscondo.*

Duas pensoens notaveis tem a Enveja: (diz S. João Chrysoftomo) fazer mal a quem enveja, & bem ao envejado. O enveioso he tão cego, que para si busca a ignominia para o envejado a gloria: *Invidia, quæ semper sibi inimica est: nam qui invidet, sibi quidem ignominiam facit; illi autem, cui invidet, gloriam parit.* He inimiga de si a Enveja: por fazer mal a outrem, o fará a si: por ver hum olho quebrado, quebrará dous olhos seus: sò por fazer mal, se

se lhe não dà de morrer. A terceira praga do Egypto
 forão mosquitos: *Omnis pluris terra versus est in sciniphes per*
 Exod. 8.17. *totam terram Ægypti.* Grandes Faraós, grandes peccado-
 res tem o Brasil, porque nelle he como natural a praga
 de tantas castas de mosquitos. E se os mosquitos, mais
 que as outras pragas, & castigos do Ceo, affombrarão tã-
 to o Egyto, que então conheceo q̄ estava a ira de Deos
 sobre elle: *Digitus Dei est hic:* senão affombra, como nam
 acaba de conhecer este Egyto da America que Deos o
 castiga, védo sobre si tantas pragas sobre a dos mosqui-
 tos (de que se não faz caso) tantos dedos de Deos sobre
 esta terra? Mas tornemos aos mosquitos. Diz o nosso
 Cardeal Hugo que o mosquito he figura da Enveja:
Sciniphes, idest invidia. Em que se parece o mosquito cõ
 a Enveja? Não sò por ser adulator que cantando mor-
 de, mas porque mordendo morre, & por morder não se
 lhe dà de morrer, mordendo espera a morte à pé quedo:
 & por isso morrem tantos como mosquitos, porq̄ mor-
 dem como envejosos. Destes envejosos ha tantos em
 toda a terra como mosquitos: mas que morrão hão de
 morder, hão de fazer mal a quem envejão. Em Baby-
 lonia havia muytos Sarrapas, mas Daniel a todos ven-
 cia na sabedoria: *Daniel omnes superabat.* Por esta vanta-
 gem lhe tinhão enveja os Sarrapas, & como mosquitos
 o mordião, & vendo o tam valido do Rey, buscavão
 occasião para o tirarem do valimento, & estimação, em
 que estava: tanto fizerão, tanto zunirão os mosquitos
 da

Ibid.
 19.1

Hugo
 Car-
 din.
 super
 1. Ialm
 77.
 tom.
 2. pag.
 204.

Dan.
 6.3.

da Enveja nas orelhas do Rey mordendo na opinião de Daniel, (*Adstipulante invidia*, diz Theodoro) até que fizerão dar com elle no lago dos leões. Isto fizerão os Satrapas a Daniel: & o que Daniel fez pelos Satrapas, o dirá este Texto: *Sapientes Babylonis ne perdas*. Satrapas a sollicitar a morte de Daniel diante do Rey; & Daniel a livrar da morte os Satrapas, quando o Rey os queria matar. Os Satrapas sabendo que o Rey os queria matar, não se lhes dava de morrerem; sò que se tirasse a vida a Daniel he que procuravaõ. Esta he a monstruosidade da Enveja, a malignidade, a cegueira deste vicio; que não reparando no proprio danno, sò o alheyo he que busca.

Aos Fariseos chamava o Bautista viboras: *Progenies viperarum*. E com grande fundamento: porque os Fariseos eraõ muyto envejosos, por enveja crucificaraõ a Christo: *Sciebat enim quòd per invidiam tradidissent eum*. E como as viboras parindo morrem; (como diz Santo Agostinho: *Dum filios parturiunt, sibi moriuntur*) viboras são os envejosos, pois morrem por fazer mal, pois se lhes não dà de morrerem sò pelo parto do danno que fazem. Este he o lucro, que se tira do officio da Enveja: fazer se mal a si, pelo fazer a outrem. Este he o negocio dos q̄ fazem orelhas de mercador, que por enveja não communicão o bem, escondem o beneficio. He boa mercancia a do envejoso, com perda propria buscar o danno alheyo! He boa ganancia, antes perder os proprios bens,

& a propria honra, do que ver bem no proximo! Antes ser despojado, & infamado, do que ver o outro que lhe faz sombra applaudido, & estimado!

Lançou Christo do Templo a huns mercadores, que o profanavaõ com vendas, & contratos, & não sò lhes impedio os seus lucros, mas chegou a açoutalos cõ suas mãos, & a bota' os fõra do Templo com castigos, & affrontas: com todo esse rigor, & aspereza, não se diz que os tais expulsos tivessem ira, ou indignação algũa contra Christo. Mas depois que viraõ a Christo fazer milagres, depois que o viraõ aclamado por Filho de Deos dos meninos da rua, então he que se indignaraõ: *Videntes*

Mat.
th. 21.

15.

autem principes Sacerdotum, & Scribae, mirabilia quae fecit, & pueros clamantes in templo, & dicentes: Hosanna filio David; indignati sunt. Ha caso como este! Não se indignão estes negociantes de Christo lhes tirar os seus lucros, nam sentem perdas, & dannon da fazenda, nem com a affronta dos açoutes se alterão; sò com os milagres, sò com os applausos de Christo se indignão: *Indignati sunt!* Oh Enveja refinada! Não se te dà das perdas da vida, da honra, da fazenda, & sò sentes as felicidades alheas? He desesperado vicio este, pelo qual morrem, & arreventão os nescios de verem o bem alheyo. A Igreja chama a Judas mercador, porque vendeo a Christo; & pessimo, porque fez orelhas de mercador a tantos Sermoens, que Christo lhe fez: *Judas mercator pessimus.* A mercancia de Judas, segundo o que Pilatos disse, foy de Enveja: *Scie-*

bat

bat enim quòd per invidiam tradidissent eum. E como Judas ^{Mat-}
 foy mercador de Enveja, mais pode nelle a Enveja do ^{th. 27.}
 que a mercancia: porque do lucro da venda não fez ca- ^{18.}
 so, lançando o dinheiro no Templo; da honra, & da vi-
 da, muyto menos, porque se enforcou. E por ser tam
 envejofo, que da Enveja fez negocio, morreo arrebenta- ^{Actor}
 do: *Suspensus crepuit medius*: Porque dos envejosos he ^{1. 18.}
 proprio o arrebentarem com raiva de verem a felicida-
 de alhea. Hyarbitas, contaõ que envejofo da facundia
 de Timagenes quiz tanto esforçar se pelo igualar, que
 arrebentou pelo corpo, porque arrebentava com enveja:
 E se os lucros dos que fazem orelhas de mercador, dos q̄
 são inimigos de si propios por fazerem mal ao proximo:
 se as ganancias da Enveja são perdas de fazenda,
 honra, & vida, pela indignação dos aumentos, & felicida-
 dades alheas: se o fim deste desesperado vicio he arrebe-
 tar, em castigo de arrebentar com enveja; não quero eu
 (diz o Sabio) ser taõ grande inimigo meu, ter tanta per-
 da, & ignominia da alma, & do corpo, por não commu-
 nicar o bem, por esconder o beneficio: *Et sine invidia cõ-*
munico, & honestatem illius non abscondo.

He a Enveja justa pena de si mesma: não sò mata a
 quem a tem: *Parvulum occidis invidia*: diz a Escriptura; Job. 5.
 mas até aos visinhos faz mal, como diz o Proverbio: 2.
 Nem o envejofo medrou, nem quem a par delle morou.
 Mas assim como he tam nociva para si, he util, & ren-
 dosa para os outros: para o que enveja, ignominiosa; pa-

ra os envejados gloriosa. Os mais mordidos, os mais perseguidos da Enveja, são os que mais crescem, enriquecem, & medram: a mesma emulação parece que lhes negoceia as fortunas, & os aumentos, & lhes pare as glórias. Sonhou Joseph, o filho de Jacob, com hũa pava, pelas quaes se entendia, que havia de ser adorado de seus Irmãos, que como a Senhor, & Principe lhe haviam de tributar vassallagem: este sonho foy causa (diz a Escritura) de odio, & enveja contra Joseph: *Invidia, & odij fomitem ministravit.* Torna Joseph a sonhar, mas muyto mais alto, & soberano, foy o segundo sonho; porque se vio lá nessas Esferas celestes adorado do Sol, da Lua, & das Estrellas: *Vidi per somnium, quasi solem, & lunam, & stellas indecim, adorare me.* Porque o primeiro sonho dos feixes causou enveja; no segundo sonho passou, ou subio o envejado, da terra ao Ceo, dos feixes às Estrellas: tanto cresceu Joseph com a enveja de seus Irmãos, tanto o sublimou a enveja, que o poz não nas pontas da Lua, mas sobre a Lua, sobre o Sol, & sobre as Estrellas, adorado dos proprios Irmãos que o envejavaõ. Por permiffam divina, assim succede: que a quem o invejoso deseja ver abatido, escurecido, & annihilado, mais o aumenta, & sublima: *Illi autem, cui invidet, gloriam parit.*

Se Joseph não fora tam envejado; não fora tam crescido, não fora tam altamente adorado: se não fora mordido, perseguido, & vendido, não fora depois o Principe do Egypto, adorado do Sol, da Lua, & das Estrellas, em

seus Pays, & Irmãos. Se Jacob não fora detrahido de Esaù; não lhe acrescentara Deos tanto a casa na volta que fez pelo Rio Jordão, por onde tinha passado com hum pão na mão: *In baculo meo transivi Jordanem*. Se Abel não fora tam envejado de Caim; não se ouviraõ delle tantas memorias, & honras por estes Pulpitos, não fora a mais propria figura de Christo. Se David não fora tão odiado, & perseguido de Saul: *Non reëtis ergo oculis Saul aspiciebat David*; não chegara David, não digo ao throno, mas a ter hum coração semelhante ao de Deos: *Inveni virum secundùm cor meum*: não chegara a ser o Santo Antonio daquelles tempos, pelo qual fasia Deos maravilhas; por amor do qual, depois de morto, favoreceo o Reyno de Israel: *Protegamque urbem hanc, & salvabo eam propter me, & propter David servum meum*. Com que as mesmas Envejas daõ thronos, daõ riquezas, dam honras, & dam divindades aos envejados.

Ninguem foy mais envejado, nem mais perseguido de emulos, do que o Salvador do mundo: os milagres eraõ os incentivos da Enveja: *Hic homo multa signa facit*. E entãõ Christo para mais fazer raivar, & confundir os envejosos, fasia dos milagres trofêos. Curou o Paralytico da Piscina, & mandou lhe levar o leito às costas: *Tolle grabatum tuum, & ambula*: do leito fez triumpho para confusão da Enveja, diz Chrysofostomo: *Lectulum illum quasi in triumpho portari jussit*. A moça, que resuscitou, mandou que lhe dèssem de comer: *Et dixit dari illi man-*

ducare. Ao Leproso, que sarou, disse que se mostrasse ao
 Mat- Sacerdote: *Ostende te Sacerdoti*. Tudo theatros, triun-
 th. 8. 4. fos, publicidades, ostentaçoens contra a Enveja: para que
 os emulos se confundissem vendo tantas maravilhas,
 vendo que quanto Christo mais envejado, tanto mais
 glorioso, & applaudido Melhor he logo ser envejado
 do que enveioso, onde ninguem se livra de emulos. *Malo
 invideri, quàm invidere*: dizia bem o discreto Seneca. To-
 das as perdas, & infamias, são dos envejolos; todas as
 melhoras, aumentos, glorias, & applausos, dos enveja-
 dos: Pois (diz o Sabio) fòra de toda a enveja communi-
 co, & não escondo todo o bem, que posso fazer: *Et sine
 invidia communico, & honestatem illius non abscondo*.

Os mayores triunfos, que da Enveja se alcançaraõ á
 imitação de Christo, são os que celebramos nestes anto-
 nomasticos dias de Santo Antonio. Este foy o Sabio,
 que sem enveja communicou os rayos de sua prodigio-
 sa sabedoria, & santidade a toda a Igreja, vivo, & morto;
 por obras, & por escritos: *Sine invidia communico: idest, Dei
 gloriam, & proximi utilitatem in doctrina sua querere*: diz o
 nosso Thesoureiro. Por communicar tanto este Santo
 ao mundo os seus talentos, foy envejado do primeiro
 Sap. inventor da Enveja: *Invidia autem diaboli*. Vendo o Dia-
 3. 24. bo os copiosos fruttos de penitencia, que Santo Anto-
 nio colhia dos seus Sermoens; como fraco, & falso, está-
 do o Santo dormindo, lhe appareceo na monstruosa fi-
 gura de hum Ethiope; apertou-lhe a garganta, toman-
 do-lhe

do-lhe a respiração para lhe tirar a vida. Espertou o Santo, & logo invocou a nossa Senhora com o seu Hymno. *O gloriosa Domina*; acodio a Soberana Virgem, & repetindo o triunfo da antiga Serpente pisandolhe a ca-
 beça: *Ipsa conteret caput tuum*: desappareceo a visão; fi-
 cou Santo Antonio livre, & consolado, rēdendo as gra-
 ças à sua Padroeira pelo livrar da envejosa Serpente.

Ge-
 nef.
 3.15.

O mesmo espirito da Enveja incitou a muytos peccadores, & Hereges, a intentarem tirar a vida, & o credito a Santo Antonio. Hum sò exemplo direy, dos muytos que pudera contar. Certo Herege convidou a Santo Antonio: poz-lhe na mesa hum capão. Estranhou o Santo a iguaria, por ser sexta feyra. Não tenho outra cõusa: (disse o Herege,) & os Ministros do Evangelho podem comer de tudo o que se lhes poem na mesa. Fez Santo Antonio o sinal da Cruz sobre o capão; converteo-se em peyxe; trinchou, comeo: & o Herege tambem comendo, & guardando os ossos no guardanapo. Acabada a mesa, vay o Herege buscar o Bispo, & diz-lhe: He bom Santinho Frey Antonio! Em sexta feyra comeo hum capão em minha casa. E descobrindo o panno para mostrar os ossos, os achou convertidos em espinhas de peyxe. Admirado, & confuso o Herege, acrescentou mais a opinão que o Bispo tinha de Frey Antonio; & logo alli confessou seus erros, & converteo-se á nossa Santa Fè: & o Demonio (cujo peccado he sò Enveja, como diz Santo Agostinho: *Invidia, vitium diabolicum, quo solo*

D.
 Aug.
 de ver
 is Do
 mini
 super
 Mat.
 th.

diabo

diabolus est reus) ficou outra vez com a cabeça quebrada por Santo Antonio. Mas porque sò quem tinha tanto de Deos, que o tinha de sua mão, podia vencer, & triunfar do Basilisco, da Vibora, & Serpente Infernal; nós, q̄ de fracos cahimos tantas vezes, ou nas Scyllas de envejofos. ou nas Carybdes de envejados; assim como pedimos a Deos que por intercessão dos Santos nos livre das traiçoens do Diabo: *Ab insidijs diaboli libera nos Domine*: peçamos ao mesmo Senhor, que por meyo de Santo Antonio, que tam envejado foy nos livre das cavillaçoens da Enveja, porque tudo he Diabo.

Para o motte da Enveja boa Sorte nos dà o Sacramento, bom premio: Habito de Christo com tença.

Vincenti dabo edere de ligno vita, quod est in paradiso Dei mei.
 He Texto do Apocalypse. Ao que vencer, dar-lhe hey da arvore da vida, que està no Paraíso. Santo Thomaz entende pela arvore da vida o Sacramento do Altar:

Quia esus hujus arboris vitam dat mundo. Saibamos que he o que se ha de vencer para se alcançar tam grande premio. Ha-se de vencer o vicio opposto á Caridade, que he a Enveja: porque o Bispo de Epheso, a quem Deos escrevia por Saõ Joaõ, era falto de caridade: *Habeo adversum te, quod charitatem tuam primam reliquisti.* Quem não fizer orelhas de mercador, quem communicar sem enveja o bem que puder fazer: *Et sine invidia communi-*
co: quem fizer obras de caridade, quem vencer o monstro da Enveja, terà nesta vida (por premio da Caridade

A poc.
2.7.

D.
Tho-
m. in
cap. 2.
Apo-
cal.
Ibid. 4

de opposta à Enveja) hum Habito de Christo com a
Medalha do Sacramento, habito da Divina Graça,
que he habito de Christo, que sò elle o póde dar,
com a tença da vida eterna: *Qui manducat*
hunc panem, vivet in æternum.

Joan.
6.59.





DECIMA

T E R C I A

P R A T I C A

CONCLUSAM DA TREZENA.

*Quoniam ipse sapientia dux est, & sapientium
emendator. Sap. 7.*



ODO o Catholico no fim da obra que publica se sujeita à correção, & emenda da Igreja. Quem erra, & se emenda, a Deos se encommenda: diz o motte da ultima Sorte. A que Mesa, a que Tribunal, se havia de offerrecer a obra desta Trezena, para ser emendada, & approvada, senão à Mesa, ao Conselho, ao Juizo da Sabedoria Sacramentada? *Sapientia edificavit sibi domum, & proposuit mensam suam.* Naquelle soberana Mesa, como em Tribunal Supremo, assiste a Real, & Divina presença do Emendador dos Sabios, do

Prov.
9.1.&
2.

do Author da Sabedoria: *Ipse sapientiae dux est, & sapientium emendator.* Quem havia de julgar as Sortes destes dias, & dar os premios dellas: Quem havia de authorizar, & approvar as Sortes por louvores proprios, & dignos do Santo Portuguez, do Santo da melhor Sorte; senão aquella Sabedoria, que para emendar o mundo com tam discreta suavidade preparou aquelle convite, traçou aquelle manjar?

Formou Deos o homem de hum pouco de barro: *Formavit igitur Dominus Deus hominem de limo terra.* Peccou este homem: empenhou-se a Santissima Trindade na sua reforma, assim como se tinha empenhado na sua creação: *Faciamus hominem.* O Padre Eterno mandou o Filho: *Misit verbum suum;* o Filho foy o Medico; a Humanidade, que tomou, a medicina: *Et sanavit eos;* o Espirito Santo tambem veyo à reforma: *Emittes Spiritum tuum, & creabuntur: & renovabis faciem terra.* Aqui perguntaõ os Theologos: Porque encarnou o Verbo, & não o Padre, ou o Espirito Santo? Como o homem peccou appetecendo a sabedoria, que se attribue ao Filho; foy muyto conveniente, que o Filho reformasse o homem, q̄ a perda de Adam se restaurasse pelo Verbo Eterno, que he a Sabedoria do Padre. *Conveniebat certè detrimenti instaurationem fieri per divinum Verbum, quod est Patris Sapientia:* diz o nosso Carthagea. Da mesma sorte na restauração dos filhos de Adam. Peccou o homem comendo: *Qui comedit:* pois emende se comendo: *Caro mea verè est*

Sap. 7.

15.

Ge.

ref. 2.

7.

Ge.

nes. 1.

26.

Pfal n

106.

20.

Ibid.

Pfal m

103.

30.

Car.

thage

na lib.

2.

Hom.

mil 3.

Ge.

nes. 3.

6.

Joan.

6. 56.

cibus. A frutta sem paõ fez mal a Adam: pois comaõ a frutta com paõ os filhos de Adam, & naõ adoceraõ do mal de Adam. Se o primeiro erro foy appetecer hum homem de barro o saber como Deos: *Eritis sicut dij, scientes*: o Emendador dos Sabios, *Et sapientium emendator*, o emendarà com hũa iguaria que a tudo sabe: *Omne delectamentum in se habentem.*

Ge-
nes. 3.
5.

Pfaln
48. 21.

Philip
3. 21.

O painel do homẽ feyto ao pincel divino pela imagem da Trindade ficou tam de forine pelo peccado, q̄ chegou David a dizer que de imagem da Trindade, se tornou no mayor borraõ da Natureza, no mayor bruto dos animais: *Homo cùm in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis.* Para renovar, & reformar a imagem da Trindade tam affeada, & deslustrada pelo peccado, fez Christo a lamina do Sacramento do Altar: & por aquella lamina do Emendador dos Sabios, dos que quizerãõ ser Sabios como Deos, *Sicut dij, scientes*, se reforma o painel do homem, a imagem da Trindade. *Reformat bit corpus humilitatis nostræ configuratum corpori claritatis suæ.* Diz Saõ Paulo, que no dia do Juizo, na reforma gèral do mundo, ha Deos de reformar, & glorificar o corpo do homẽ pelo corpo de Christo resuscitado. Pois tambem antes deõssa ultima reforma, por meyo do Sacramento do Altar (õnde està o Corpo de Christo reformado, & glorioso; onde està o reformado, & o Reformador) se reforma, & emenda o peccador: & com altissima sutileza: porque se comendo se deformou, comendo se reforme.

forme. O assumpto está proposto, a última Sorte declarada, o motte já ditto, o premio exposto: peçamos a Graça.

Ave Maria.

Et sapientium emendator.

Que se fizesse o Sacramento do Altar para emenda do mundo, quero eu que o diga David: *Tollite hostias, & introite in atria ejus*: Tomay, recebey as hostias, & entray nos atrios de Deos. Que estas hostias sejam as Sacramentais, com as quais como penhores da Gloria podem os que commungão entrar nos Paços eternos, não têm duvida: mas que logo abaixo das hostias recebidas, diga o Profeta Rey que emendou Deos o mundo, *Etenim correxit orbem terræ*, he o que queremos. Por ser acção muy digna da Sabedoria Divina, desfazer o erro pelo mesmo meyo por onde se commetteo; he empresa muyto propria de hũa Omnipotencia Divina assumpto bizarro de hum Amor infinito, dar a comer o remedio, assim como se deu a comer o engano. *Nolite conformari huic seculo, sed reformamini in novitate sensus vestri*. Discipulos meos (diz São Paulo) não vos conformeis com os estillos, & leys do mundo, mas trattay de vos reformar novamente. *Reformamini, qui in Adam fueratis deformati*: diz Hugo. Que novidade pôde haver mais propria, & mais efficaç, & proporcionada para a reformação do hómem, do que a Mesa do novo Rey, como chama Santo Thomaz áquella Divina Mesa: *In hac mensa*

Psalm
95. 8.

ibid.
10.

Roman.
12. 2.

Hugo
Cardin.
ibid.

novi Regis? Se o Adam velho se quizer fazer novo, comã na Mesa do novo Rey, & ficarã renovado. Os filhos de Adam peccador, se quizerem suavemente reformar-se, comã naquella Mesa; & verãõ como (por divina filosofia) pela mesma causa, por onde se fez a culpa, se desfaz; experimentarãõ como pela comida do Corpo de Christo se reforma, o q̄ pela comida do pomo vedado se deformou: *Sed reformamini in novitate sensus vestri: In hac mensa novi Regis.*

He de Fè, que Deos a todos quer salvar, a todos quer metter no Ceo. Com tudo quando Christo chega a convidar, he por diverso estillo: em hũa occasiãõ chama a todos: *Venite ad me omnes;* & em outra não chama a ninguem, mas poem no livre alvedrio de cada hum o seguir o caminhõ da salvaçãõ: *Siquis vult post me venire.* E qual serã a rasiãõ de tam differentes convites? Os mesmos Textos referidos a daõ bem clara. Quando Christo convida a todos, fica-se em que chama para o refeitório: *Et ego reficiam vos:* quando poem na liberdade de cada hum a aceitaçãõ de convite, he porque chama para a Cruz: *Tollat crucem suam.* Para o Ceo por meyo da Cruz, vã quẽ quizer; *Si quis vult;* para o Ceo por meyo do Sacramento, venhaõ todos: *Venite ad me omnes.* A primeira voz (que he para o regalo) he imperiosa, *Venite;* a segunda (que he para a Cruz) he como de cortesia: *Si quis vult.* E a rasiãõ he: que como a nossa natureza mais se inclina ao descanço, & regalo da Mesa, do que à mortif-

mortificação da Cruz, por isso vemos alargar-se tanto o convite da Mesa; *Omnes*; & apoucar-se tanto a vocação da Cruz; *Si quis*. Da rasão passemos à experiencia. No Cenaculo achou-se Christo com todos os Apostolos, na Cruz com hum sò; porque no Cenaculo estava a Mesa posta, havia que comer, & beber. No Calvario que havia? Cruz, cravos, chagas, espinhos, tormentos, affrontas, feis, & vinagres. Estas eiaõ as iguarias da Mesa do Calvario; por isso sò hum Discipulo appareceo no monte da myrrha, & todos os mais se foraõ a monté, tanto que faltou a Mesa do Cenaculo, tanto que não houve refeitorio. *Discipuli omnes, relicto eo, fugerunt.*

Mat-
th. 26.
56.

Os homens que são Catholicos, não arrenegão da Cruz, mas fogem muyto bem della; porque naturalmête fogem das mortificações, que são os fruttos da arvore da Cruz; & muytos farão o final da Cruz à Cruz, sò pela inclinação com que anheiaõ as delicias, & regalos do mundo. Entaõ Christo (como Emendador sapientissimo, *Sapientium emendator*) na inclinação, no genio que os homens tem ao descanso, & regalo, lhes armou o amoroso laço, pondo-os à sua Mesa; pesca-os pelo beijo, pela boca os pesca dandofelhes a comer. Com a isca da refeição, *Et ego reficiam vos*, pesca a todos; *Venite ad me omnes*; com o titulo de convidados, enfeitiça-os em hum bocado, a som de festa, & banquete, ao som de regosijo, como diz o Psalmista; *In voce exultationis: sonus epulantis*; com o interesse de comer, & beber, & levar boa vida (q̄ não

Psalms
41. 5.

Joan.^{6.15.} não he menos que a eterna. *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam eternam*) reforma, & emenda admiravelmente o mundo.

Dous Discipulos de Christo caminhavaõ para o Castello de Emmaüs como desesperados por incredulos. Encontra-se o Divino Mestre com elles em trajos de peregrino; arma-se a practica sobre a Resurreiçaõ de Christo, de que hiaõ duvidosos; começa o peregrino a pregar peregrinamente cõ todas as Escrituras, com todos os Profetas; & elles como dantes, cegos, & pertinazes. Chegaraõ ao Castello de Emmaüs; obrigado Christo dos mesmos Discipulos entrou dentro, assentou-se à Mesa, tomou o paõ nas mãos, consagrou o, & deu-lhes a Communhaõ; de repente abrem os olhos os Discipulos, que estavaõ cegos da incredulidade, do Mysterio da Resurreiçaõ; *Aperti sunt oculi eorum*; & conheceraõ logo claramente que era Christo resuscitado o que se lhes dava sacramentado no paõ que recebiam; *Cognoverunt eum in fractione panis*. He prova notavel de quanto mais pôde o Sacramento do Altar para converter, & reformar, do q̃ todos os mais Sacramentos, & Mysterios da nossa Fé. Toda a Sagrada Escritura prégada pelo mesmo Christo, em todos os mysterios, & virtudes que contêm; a mesma Payxaõ de Christo applicada pelo mesmo Senhor, não pode converter os Discipulos, não pode reformar a sua incredulidade, nem emendar o seu erro; se não o paõ, em que Christo se Sacramentou; *Cognoverunt eum*

Luc.
24.31.

Ibid.
35.

em in fractione panis. Discretissima, & suavissima foy logo a traça de reformar, & emendar os peccadores cõ hum Sacramento tam comestivel, com hum Mysterio tam suave, & saboroso: *Sapientia edificavit sibi domum, & proposuit mensam: Quoniam ipse sapientie dux est, & sapientie emendator.* E se o motte da ultima Sorte diz: *Quem erra, & se emenda, a Deos se encomenda; ao Santissimo Sacramento o agradeça, pois cõ taõ suave, & amorosa traça reforma, emenda, & restaura o mundo todo, como diz S. Eligio na Homilia 11. Sacramento Eucharistie totus mundus subjugatus est.*

Eligi-
us Ho
mil. 11

Naõ sõmente com o Sacramento sujeitou Christo o mundo, restaurando, & reformando os peccadores; mas quiz tambem dar substitutos da reforma, & emenda do mundo. Diz o Espirito Santo no mesmo Capitulo da Epistola de S. Antonio, que o Filho segunda Pessoa da Trindade he espelho, & imagem do Padre Eterno: *Speculum sine macula Dei majestatis, & imago bonitatis illius* Se o Padre Eterno tem seu espelho, & imagem no Filho; o Filho, como Filho de tal Pay, feyto Homem tambem quiz ter espelho, & imagem nos homẽs. Se toda a Trindade fez o Homem para ter nelle sua imagem: *Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram; esse proprio* Deos feyto Homem tambem fez dous homẽs como espelhos, & imagens suas. E quais sãõ elles homẽs, que se possaõ chamar imagens de Christo, espelhos, & imagẽs da imagem do Padre Eterno? Sãõ dous, Pay, & Filho:

Sap.
7. 26.

Gen.
1. 26.

S. Francisco, & S. Antonio. S. Francisco he imagẽ de Christo Crucificado, porq̃ nelle imprimio as suas Chagas: S. Antonio he espelho, & imagẽ de Christo Sacrametado, pelas insignias do Sacramento cõ que o pintaõ. A Cruz he insignia particular do Sacramento, pela representaçã da Payxaõ: *Recolitur memoria passionis ejus*: o Menino Jesus he a principal joya do Sacramento, porq̃ na fõrma de Menino costuma Christo apparecer na Hostia Sagrada, como consta de muytas Historias Ecclesiasticas. Notavel semelhança! O que he o Sacramento por dentro, he por fõra S. Antonio na pintura da sua imagem: o q̃ he invisivel no Sacramento, he visivel & patente em S. Antonio pelas insignias de que està adornado.

Apoc. 3.1. Vio S. Joã Evangelista hum livro escrito por dentro, & por fõra: *Librum scriptũ intus, & foris*. S. Bernardo, & Hugo, dizẽ que este Livro do Apocalypse he o Sacramento do Altar: *Corpus Christi, quod est in Sacramento, liber esse poterit signatus sigillis septẽ*. Ser o Livro do Sacramento escrito por dentro, ter por dẽtro a estampa viva, substancial, & gloriosa de Christo, a Fẽ o confessa: mas ser o Sacramento Livro escrito por fõra, he duvida q̃ se naõ põde valer da Fẽ, porq̃ por fõra do Sacramento naõ lemos, nem vemos escritura algũa. O Cardeal Hugo, o mais empenhado nesta Trezena, & Thesoureiro das Sortes, (por naõ faltar na ultima) expondo a escritura de dentro, & de fõra do Livro do Sacramento, diz desta maneira:

maneira : *Scriptus intus consolationibus ; & suavitatibus.* A
 escritura de dentro, lam aquellas suavidades , & con-
 solações , com que dissemos reformava , & emendava
 Deos o mundo. E a escritura de fôra ? Sam as especi-
 es, que nos encobrem o que està por dentro : *Scriptus fo* Hugo
ris, quia latens sub speciebus. E que escritura , que estam- Car-
 pa, que letreiro he o que se vê nas especies de fôra ? O din,
 que se vê na Hostia por fôra como escrito , ou estam- ibidẽ.
 pado , he huma Cruz, ou hum Christo. Pois essa he a
 escritura , ou pintura de Santo Antonio : a Cruz em
 huma mão ; Christo , na fôrma que costuma appare-
 cer no Sacramento , na outra mão sobre hum livro
 para mayor sinal do livro do Apocalypse : *Librum*
scriptum intus, & foris.

Se o Seraphico Patriarcha he Livro de Christo Cru-
 cificado , por se verem nelle escritas , & impressas as
 Chagas de Christo ; Santo Antonio he o Livro de
 Christo Sacramentado , por estar nelle escrito por fô-
 ra o que està por dentro no Sacramento. Se a Sam
 Francisco chamaõ Christo de burel, por ser espelho do
 Santo Crucifixo ; Santo Antonio chame-se Sacra-
 mento de sayal , por ser na pintura da sua figura ima-
 gem do Mysterio da Iê. Pois vemos que o que està
 occulto , & encerrado no Sacramento , està por espe-
 lho, & imagem desencerrado em Santo Antonio : pa-
 raque o Livro que està fechado com sette Sellos (que
 sam as sette maravilhas do Sacramento) se veja , &

adore aberto nas insignias , & armas do Divino Portuguez : para que os Portuguezes tenhaõ na terra a gloria de verem no mesmo Sinctuario o mysterioso Livro do Apocalypse escrito por dentro , & por fõra: para que no Ceo Franciscano logre a Igreja Catholica em Francisco , & Antonio os dous espelhos , as duas imagens dos mayores Mysterios que tem a nossa Fé: *Speculum sine macula, & imago bonitatis illius.*

He Santo Antonio imagem de Christo Sacramentado , nam só pelas insignias da sua pintura , mas pela bondade que imitou do Sacramento: *Imago bonitatis illius*: porque o paõ da sua doutrina (*Panis est verbum Dei*, diz Hugo) foy paõ suavissimo , como o paõ do Sacramento: *Pane suavissimo de Cælo præstato*. Foy tam suave a Predica de Santo Antonio , foy tanta a graça do seu prègar , que toda a creatura gostou della. Ninguem prègou como Santo Antonio , ninguem guardou ao pé da letra o *Prædicare Evangelium omni creaturae* , como o nosso Divino Portuguez. Prègou mais que todos a toda a creatura , porque prègou a creaturas , a que os Apostolos não prègaram: prègou a quem Christo mandou prègar , & prègou a quem Christo nam prègou , porque prègou nam só aos homens, mas prègou aos peyxes, prègou aos brutos ; & o que mais he , que com maravilhoso fructo , porque converteo os brutos com mais facilidade do que se convertem os homens. Neste prodigioso modo de prègar

Marc.

16.15.

gar se parecéo o Pay com o Filho: Sam Francisco prégou ás aves , Santo Antonio aos peyxes. Mas (com licença de nosso Padre) no paõ da Predica nosso Irmão Santo Antonio excedeo a nosso Padre Sam Francisco : mayores maravilhas , mayores concursos teve a Predica de Santo Antonio. O Padre Hieronymo Plato , insigne sujeito da Sagrada Companhia de J E S V , falando do paõ deste Santo Portuguez, descrevendo a suavidade da sua doutrina , o attractivo da sua eloquencia; conta, que trinta mil homens ouviam prégar a Santo Antonio sem estrondo algum no meyo de hum campo , por nam caberem nas Igrejas os seus ouvintes. Sinco paens repartio Christo no deserto por sinco mil pessoas : Santo Antonio por trinta mil pessoas repartia o paõ da palavra de Deos , & ainda sobejava mais paõ que o das doze alcofas do banquete de Christo. *Quid igitur* (diz o grande Plato , cu Plataõ da Companhia de J E S V) *Quid igitur unquam tale Demosthenes?* Onde , ou quando se vio tal Demosthenes, tal Orador , tal Prégador , com tanto paõ , & com tanto auditorio , como Santo Antonio ? Era Santo Antonio imagem da Sabedoria Encarnada , & Sacramentada , era imagem da imagem do Padre Eterno, tinha o paõ tam suave, & gostoso como o do Sacramento : por isso attrahia reformando , & emendando, como substituto de Christo Sacramentado , como Vice Emendador do mundo: *Et sapientium emendator.*

Hier.
Plato
è So-
cietat.
te Jesv
lib 2.
de
bon,
stat.
Relig.
Cap.
32.

Tenho mostrado a suavissima reforma , & discretissima emenda do mundo , no Mannà , & na Arca: (que tudo andava junto) o Mannà , he o Sacramento ; a Arca , Santo Antonio ; que assim lhe chamou Gregorio Nono. A traça da emenda do mundo , foy do Sacramento ; a imitaçam , & substituiçam , de Antonio ; ambos Sacramentados , ambos no Livro do Apocalypse eserito por dentro , & por fôra , ambos empenhados nas Sortes desta Trezena , o Sacramento como thesouro dos premios das Sortes, Antonio como vaso dos mottes: ambos, mais que todos , empenhados , & interessados na ultima Sorte da Trezena , que he a Emenda do mundo. Na qual verdadeiramente se cifraõ todas as Sortes , que se praticaram nestes treze dias : a primeira Sorte das Companhias , a segunda Sorte dos Desejos , a terceira Sorte da Oraçam , a quarta Sorte da Rafam , a quinta Sorte do Fingimento , a sexta Sorte da Ambigam, a septima Sorte da Saude, & Gentileza, a oitava Sorte da Luz, a nona Sorte da Lingua , a decima Sorte da Alegria , a undecima Sorte das Riquezas , a duodecima Sorte da Enveja , a ultima Sorte (como remate del todas , & em que todas as boas fortes se vem a resumir) a Emenda do mundo.

Todas estas Sortes com estarem nas mãos de Deos: *In manibus tuis sortes mee*: com toda a Santissima Trindade governar estas Sortes ; o Padre como Juiz , o Fi-

lho como Distribuidor na fôrma de innocente, o Espirito Santo como Escriptor: com o Santissimo Sacramento ser o thesouro, donde se tiraraõ os premios das Sortes: sempre sam Sortes de Santo Antonio, attributos do seu merecimento, milagres do seu Cordam. A Rainha Esther pedindo a Deos boa sorte, falla em corda ou faz da sorte cordinha: *Exaudi de precatio: in meam, & propitius esto sorti, & funicula tuo.* O Santo da corda, bem o deveis de conhecer pelas muytas vezes que o prendeis para vos fazer o que quereis, para vos dar boa sorte, para vos de parar as cousas perdidas, de que he singular Advogado. Eu nam louvo, nem condenno o prenderes a Santo Antonio, & fazeres-lhe outras indecentes tyrannias: mas sempre louvarey o valeres vos da sua Corda, o pegares vos ao cabo da sua intercessaõ, especialmente para alcançares a forte da Emenda da vida, que he a forte das fortes, por ser elle, & o Sacramento, os que mais concorrem para essa forte. A os treze dias do Nascimento de Christo guiou humma Estrella aos Magos para a lapa de Belem: (Estrella corre parellas com sorte; porque ter boa Estrella, he ter boa sorte,) & qual foy a boa sorte, que tiraraõ os Magos da sua Estrella? Foy a emenda do caminho na volta para o Oriente: *Per aliquam viam reversi sunt in regionem suam.* Belem, onde a Estrella poz os Magos, quer dizer casa de paõ: *Betlehem, Domus panis.* A Estrella dos Magos poz-se sobre o lugar,

Esther
13.17.

Matth. 2.
12.

Ibid. 9. gar , onde estaua o Menino Deos: *Supra, ubi erat puer:* paraque entendessemos que o Sacramento na significação de Belem, & Santo Antonio , onde o Menino Deos se poem, onde tem o seu Ubi, *Ubi erat puer,* foram os que concorreram figurativamente para a boa sorte dos Magos, que foy emenda tanto do caminho como das vidas , porque melhores sahiram os Magos da Lapa de Belem, do que entraram. Para a emenda, & reforma do mundo, com aquella suavidade, & efficacia que temos discursado, o Sacramento do Altar, & Santo Antonio, sam tam unidos, & semelhantes, que ambos fazem hum Reformador, & Emendador do mundo: *Quoniam ipse sapientia dux est, & sapientium emendator.*

Posto que Christo, & Santo Antonio, hum com o poder, outro com a intercessam, nos dam sortes, & premios; elles tambem tem suas sortes. Santo Antonio tem a sorte em Christo, que por premio de sorte o tem na mão; & como a Irmaõ, parece, que està o Santo dizendo ao Menino, como lá disse hum Irmaõ a outro, Judas a Simeão: *Ascende mecum in sortem meam:* Entray comnigo na minha sorte, que he defender, & remediar o mundo. E Christo tem sua sorte nos braços de Santo Antonio. Os que vam ao Ceo, acham a sua sorte entre os Santos que là estaõ: *Et inter Sanctos fors illorum est:* o Santo dos Santos veyo do Ceo á terra á buscar sorte: nam se contentando com a que tem no seyo

Judic.
1.3.

Sap.5.
5.

seyô do Eterno Padre, & nos braços da Virgem Santissima, veyo se pôr nas mãos de Santo Antonio, tendo por delicia, & bemaventurança na terra a companhia, o consorcio de Santo Antonio: *Delicia mea, esse cum filijs hominum.* Além das sortes que Santo Antonio tem em Christo, & Christo nelle têm outra sorte nesta Trezena. Em algumas partes pintam a Santo Antonio com huma açucena na mão, como insignia da sua Virgindade. Aqui nam tem açucena, porque tem Cruz: mas por ter de mais na Trezena das Sortes outra nova Sorte, teve neste anno huma Açucena, que lhe fez a Festa da Trezena, pelo estado de Virgem: *Sicut lilium inter spinas.* Nam pôde deixar de ter boa Sorte a Donzella, que mereceo a Deos ser Sorte de Santo Antonio em occasiam de Sortes, substituta da sua açucena, exemplo de seus favores. Todos os mais, que botarão Sortes nesta Trezena, assistindo, & fazendo oraçam nestes dias a Santo Antonio; (que foy o dinheiro das Sortes) além dos premios que nas Praticas se repararão, podem com grande confiança esperar do Divino Portuguez todas as boas Sortes, & felicidades que desejaõ, pela ventura que tiveraõ de dar Portugal ao Ceo tam grande Santo. O ditoso Portugal, o ditosa Religiam, o ditoso Convento do Recife, Orago de Santo Antonio: louvay todos a Deos pela Sorte, que tendes, & des-tes a Deos, naquelle Divino Portuguez: princi-

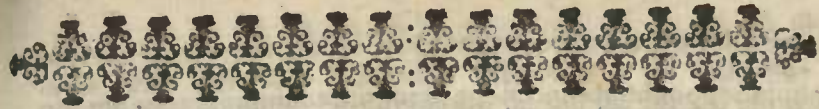
Prov.
8.31.Cant.
2.2.

palmente pela ultima, & melhor Sorte da vida,
 que he a emenda, & reformar de costumes, para
 que todos por meyo do Santo das Sortes al-
 cançemos a Sorte da Divina Graça
 com o premio da eterna Glo-

ria: *Quam mihi, & vobis.*

L A U S D E O.

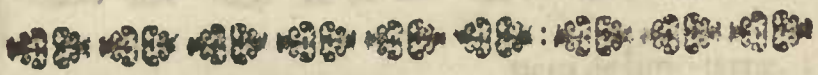




L I C E N C A S.
DO SANTO OFFICIO.

V I S T A S as informações, pode-se imprimir o livro de que esta petição tratta cujo titulo he Sortes de Santo Antonio, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 30. de Abril de 1694.

Pimenta. Noronha. Castro. Foyos.



Q U E se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & ordinario, & depois de impresso tornará à Mesa para se taxar, & conferir, & tem isso não correrá. Lisboa 29. de Julho de 1694.

Mello P. Lamprea. Marchão. Ribeyro. Serqueira.



P O D E - S E imprimir o livrinho de que esta petição faz menção, & depois tornará para se conferir, & se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 9. de Julho de 1694.

Serraõ.



INDICE DOS LUGARES DA SAGRADA ESCRITVRA.

Ex Libro Genesis.

CAP. 1. v. 4. Et vidit Deus lucem quòd esset bona. 101.

V.26. Faciamus hominem ad imaginem, & similitudinem nostram. 147. & 153.

Cap. 2. v. 7. Formavit igitur Dominus Deus homi-

nem de limo terræ. 147.

V. 18. Non est bonum esse hominem solum. 6. Faciamus ei adiutorium simile sibi. 6.

Cap. 3. v. 5. Eritis sicut dij. 40. 67. 113. 148.

V. 6. Tulit de fructu illius. 6.

Qui comêdit. 6. 40. 113.

V. 12. Mulier, quam dedisti mihi. 6. & 54.

V. 13. Quare hoc fecisti? 54.

*

V. 14.

Indice dos Lugares

- V.* 14. Maledictus es inter omnia animantia. 55.
Terram comedes. 55.
- V.* 15. Ipsa conteret caput tuum. 143.
- V.* 17. Maledicta terra. 5.
& 55.
- V.* 19. In sudore vultus tui vesceris pane. 55.
Pulvis es. 67.
In pulverem revertentur. 55. & 67.
- Cap.* 6. *v.* 2. Videntes filij Dei filias hominū quod essent pulchrae. 41.
- V.* 12. Omnis caro corruerat viam suam. 5.
- Cap.* 17. *v.* 17. Et risit, dicens in corde suo. 115.
- Cap.* 18. *v.* 10. Sara risit. 115.
- Cap.* 21. *v.* 6. Risum feci mihi Deus. 115.
- Cap.* 32. *v.* 10. In baculo meo transivi Iordanem. 141.
- Cap.* 37. *v.* 8. Invidia, & odij fomitem; ministravit. 140.
- V.* 9. Vidi per somnium, quasi Solem, & Lunam, & Stellas undecim adorare me. 140.
- Ex Libro Exodi.*
- Cap.* 8. *v.* 17. Omnis pulvis terrae versus est in sciniphes per totam terram Aegypti. 136.
- V.* 19. Digitus Dei est hic. 136.
- Cap.* 17. *v.* 11. Cumque levaret Moyses manus, vincebat Israël. 30.
Superabat Amalec. 30.
- Ex Libro Numerorum.*
- Cap.* 11. *v.* 28. Prohibe eos. 135.
- V.* 29. Quis tribuat ut omnis populus propheteret, & det eis Dominus Spiritu

Spiritum suum? 135

V. 34. Sepulchra concupiscentiæ. 25.

Ibi enim sepelierunt populum, qui desideraverat. 24.

Cap. 21. v. 6. Quaobremisit Dominus in populum ignitos serpentes, ad quorum plagas, & mortes plurimorum. 102.

Ex Libro Josue.

Cap. 9. v. 23. Sub maledictione eritis. 58.

Ex Libro Iudicum.

Cap. 1. v. 3. Ascende mecū in sortem meam. 160.

Ex Lib. 1. Regum.

Cap. 15. v. 23. Pro eo ergo quod abjecisti sermonē Domini, abjecit te Do-

minus ne sis Rex. 53.

Cap. 18. v. 9. Non rectis ergo oculis Saul aspicebat David. 141.

Cap. 21. v. 9. Non est huic alter similis. 107.

Ex Libro 2. Regum.

Cap. 12. v. 13. Peccavi. 53.

Cap. 13. v. 4. Quare sic attenuaris macie fili Regis per singulos dies? 9.

Thamar sororem fratris mei amo. 9.

V. 5. Cuba super lectum tuum; & languorem simula. 10.

V. 15. Ita ut majus esset odium, quo oderat eam, amore quo antè dilexerat. 43.

V. 21. Contristatus est valdè. 10.

V. 37. Luxit ergo David filium suum tunctis diebus. 10.

Indice dos Lugares

Ex libro 3. Regum.

Cap. 3. v. 12. Dedi tibi cor sapiens. 129

V. 13. Quæ non postulasti, dedi tibi, divitias scilicet. 129.

Cap. 11. v. 4. Depravatum est cor ejus. 19.

Cap. 12. v. 14. Pater meus cecidit vos flagellis, ego autem cædam vos scorpionibus. 190.

Ex Lib. 4. Regum

Cap. 19. v. 34. Protegamq̄ urbem hanc, & salvabo eam propter me, & propter David servum meum. 141.

Ex Lib. Tobie.

Cap. 2. v. 12. Ut posteris daretur exemplum pa-

tientia ejus. 111.

V. 13. Nam cum ab infantia sua semper Deum timuerit. 112

Non est contristatus contra Deum. 111.

V. 14. Sed immobilis in Dei timore permanfit. 111.

Agens gratias Deo omnibus diebus vite sue. 111.

Cap. 4. v. 20. Omni tempore benedic Deum. 112.

Ex Libro Esther.

Cap. 13. v. 17. Exaudi deprecationem meam, & propitius esto sorti, & funiculo tuo. 159.

Ex Libro Iob.

Cap. 1. v. 15. Evasi ego solus ut nuntiarem tibi. 105.

V. 16. & 19. Effugi ego so-

scelus ut nuntiarem tibi. 105.
 Cap. 2. v. 10. Si bona suscepimus de manu Dei, mala quare non suscipiamus? 118
 Cap. 14. v. 1. Homo natus de muliere, brevi vivens tempore, repletur multis miserijs. 77.
 V. 2. Quasi flos egreditur, & conteritur. 78.
 Cap. 17. v. 3. Pone me juxta te, & cujusvis manus pugnet contra me. 30.
 Cap. 27. v. 17. Argentum innocens dividet. 2.
 V. 19. Dives cū dormierit, nihil secum auferet. 15 1

Ex Libro Psalmorum.

Psal. 3. v. 7. Non timebo millia populi circumdantis me. 32
 Exurge Domine, salvū me fac Deus meus. 32
 Psalm. 4. v. 9. In pace in id-

ipsum dormiam, & requiescam. 17.
 Ps. 5. v. 11. Sepulchrū patēs est guttur eorū: Linguis suis dolosè agebāt. 100
 Psalm. 11. v. 9. In circuitu impij ambulant. 18.
 Psalm. 12. v. 4. Illumina oculos meos, ne unquā obdormiā in morte. 114
 Psalm. 15. v. 10. Non dabis sanctū tuum videre corruptionem. 107.
 Psal. 16. v. 15. Satiabor, cū apparuerit gloria tua. 15.
 Psalm. 17. v. 10. Inclina vit cælos, & descēdit. 39.
 Psalm. 18. v. 6. In sole posuit tabernaculū suū. 99.
 Psalm. 22. v. 5. Parasti in cōspectu meo mensam, adversus eos qui tribulāt me. 72.
 Psalm. 23. v. 8. Quis est iste Rex gloriæ? 74.
 V. 10. Quis est iste Rex gloriæ? 74.
 Psalm.

Indice dos Lugares

- Pfalm.* 30. v. 16. In manibus tuis sortes meæ. 2. & 188.
- Pfalm.* 31. v. 11. Latamini in Domino, & exultate iusti, & gloriimini omnes recti corde. 114.
- Pfalm.* 32. v. 17. Fallax equus ad salutem. 20.
- Pfalm.* 36. v. 30. Os iusti meditabitur Sapientiam, & lingua ejus loquetur iudicium. 97.
- Pfalm.* 37. v. 10. Domine, ante te omne desiderium meum. 17.
- V. 11. Et lumen oculorū meorum, & ipsum non est mecum. 72.
- Pfalm.* 41. v. 5. In voce exultationis sonus epulantis. 151.
- Pfalm.* 44. v. 3. Speciosus formā præ filijs hominum. 97.
- Pfalm.* 48. v. 15. Mors depascet eos. 15.
- V. 21. Homo cū in honore esset, non intellexit: comparatus est jumentis. 40. & 148.
- Pfalm.* 62. v. 7. In matutinis meditabor in te. 33.
- Pfalm.* 67. v. 14. Si dormiatis inter medios ceros pennæ columbæ deargentata. 12.
- Pfalm.* 76. v. 11. Hæc mutatio dexteræ Excelsi. 14.
- Pfalm.* 77. v. 29. Non sunt fraudati à desiderio suo. 23.
- V. 67. Et repulit tabernaculum Ioseph: & tribum Ephraim non elegit. 148 & 151.
- Pfalm.* 96. v. 8. Tollite hostias, & introite in atria ejus. 149.
- V. 10. Etenim correxit orbem terræ. 149.
- Pfalm.* 96. v. 11. Et rectis corde lætitia. 112.
- Pfalm.* 98. v. 4. Honor

regis iudiciū diligit. 74.
Psalms. 103. v. 15. Vinum
latificet cor homi-
nis. 121.
Panis cor hominis con-
firmet. 37.
V. 30. Emittes Spiritum
tuum, & creabuntur: &
renovabis faciem ter-
re. 147.
Psalms. 106. v. 20. Misit
verbum suum, & sana-
vit eos. 77. & 147.
Psalms. 108. v. 7. Oratio
ejus fiat in peccatū. 35.
Psalms. 109. v. 1. Donec
ponā inimicos tuos sca-
bellum pedū tuorū. 69.
Psalms. 118. v. 20. Concu-
pivit anima mea deside-
rare justificationes tuas,
in omni tempore. 15.
V. 32. Viam mandatorum
tuorum cucurrit. 21.
V. 105. Lucerna pedibus
meis verbū tuum. 108.
V. 109. Anima mea in

manibus meis sem-
per. 17.
V. 181. Mandata tua de-
siderabam. 17.
Psalms. 119. v. 3. Quid de-
tur tibi, aut quid appo-
natur tibi ad linguam
dolosam? 101.
V. 4. Sagittæ potentis acu-
tæ cum carbonibus deso-
latorijs. 101.
Psalms. 136. v. 4. Quomo-
do cantabimus canticū
Domini in terra alie-
na? 110.
Psalms. 140. v. 3. Pone Do-
mine custodiam ori
meo. 109.
Ex Lib. Proverbiorum.
Cap. 6. v. 16. & 19. Dete-
statur anima ejus eum,
qui seminat inter fratres
discordias. 106.
Cap. 8. v. 31. Deliciæ meæ,
esse cū filijs hominū. 13.
V. 35.

Indice dos Lugares

V. 35. Qui me invenerit,
inveniet vitam, & hau-
riet salutem à Domi-
no. 133.

Cap. 9. v. 1. & 2. Sapientia
ædificavit sibi domum,
& proposuit mensam
suam. 146

Cap. 13. v. 12. Spes, quæ
differtur, affligit ani-
mam. 16.

Cap. 16. v. 33. Sortes mit-
tuntur in sinum, sed à
Domino tēperantur. 2.

Cap. 17. v. 24. In facie pru-
dentis lucet Sapiētia. 97.

Cap. 21. v. 10. Anima im-
pij desiderat malū. 18.

V. 25. Desideria occidunt
pigrum. 20.

Cap. 28. v. 5. Viri mali nō
cogitant iudicium. 68.

Cap. 31. v. 20. Palmās suas
extēdit ad pauperē. 117.

V. 30. Fallax gratia, & va-
na est pulchritudo. 94.

Ex Libro Ecclesiastes.

Cap. 2. v. 10. Omnia, quæ
desideraverunt oculi
mei, non negavi eis. 18.

V. 11. Nihil permanete
sub Sole. 89.

V. 26. Et hoc vanitas
est. 19.

Ex Libro Canticorum.

Cap. 2. v. 2. Sicut lilium
inter spinas. 191.

V. 4. Introduxit me in
cellam vinariam, ordi-
navit in me charita-
tem. 49.

V. 16. Dilectus meus mi-
hi, & ego illi, qui pas-
citur inter lilia. 100.

Cap. 5. v. 10. Candidus, &
rubicundus, electus ex
millibus. 37.

Ex

Ex Libro Sapientia.

Cap. 2. v. 24. Invidia autem diaboli. 142.

Cap. 5. v. 5. Et inter Sanctos fors illorum est. 117. & 160.

Cap. 7. v. 7. Optavi, & datus est mihi sensus. 114.

Invocavi, & venit in me spiritus sapientiae. 26.

V. 8. Et preposui illam regnis, & sedibus. 73.

Divitias nihil esse duxi in comparatione illius. 145.

V. 9. Omne aurum in comparatione illius arena est exigua. 53.

Et tanquam lutum aestimabitur argentum. 133.

V. 10. Super salutem, & speciem dilexi illam. 87.

Et proposui pro luce.

habere illam: quoniam inextinguibile est lumen illius. 76.

V. 11. Venerunt autem mihi omnia bona pariter cum illa. 111.

Et innumerabilis honestas per manus illius. 11.

V. 12. Latatus sum in omnibus. 10.

V. 13. Quam sine fictione didici. 51.

Et sine invidia communico, & honestatem illius non abscondo. 134.

V. 14. Infinitus enim thesaurus est hominibus: quo qui usi sunt, participes facti sunt amicitiae Dei. 38.

V. 15. Mihi autem dedit Deus dicere ex sententia. 97.

Quoniam ipsa sapientia dux est, & sapientium

* *

tium

... tium emendator. 146.

& 147.

V. 26. Speculum sine ma-

culula Dei: maiestatis, &

imago bonitatis illi-

us.

153.

Ex Libro Ecclesiastici.

Cap. 3. v. 27. Qui sanat

periculum, in illo peri-

bit.

Cap. 9. v. 9. Propter speciẽ

mulieris multi perie-

unt.

Cap. 17. v. 27. Vivus, &

sanus confiteberis. 92.

Cap. 24. v. 23. Fructus ho-

noris.

Ex Prophetia Isaie.

Cap. 1. v. 15. Cũ multi-

plicaveritis orationem,

non exaudiam. 34.

Manus enim vestræ san-

guine plenæ sunt. 35.

Cap. 6. v. 7. Ecce tetigit hoc

labia tua, & auferetur

iniquitas tua. 109.

Cap. 8. v. 3. Vocat nomen

ejus, Accelera spolia de-

trahere: Festina præda-

stri.

Cap. 14. v. 13. & 14. Sede-

bo in mōre testamēti: Si-

milis ero Altissimo. 66.

Cap. 26. v. 19. Anima

mea desideravit te in

nocte. 106.

Cap. 40. v. 4. Omnis vallis

exaltabitur, & omnis

iximons humiliabitur. 66.

V. 6. Omnis caro fœnũ. 78

Cap. 53. v. 12. Et cum sce-

deratis reputatus est. 18.

Cap. 56. v. 7. Lætificabo

eos in domo orationis

meæ. 121.

Cap. 66. v. 24. Vermis

eorum nõ morietur. 16.

Ex Prophetia Jeremie.

Cap. 6. v. 13. A minore

usque

usque ad majorem omnes avaritiæ studet. 146.

Ex Prophetia Ezechielis.

Cap. 16. v. 3. Aquila magnarum alarum. 108.

Ex Prophetia Danielis.

Cap. 2. v. 3. Vidi somnium. 90.

V. 14. Sapientes Babylo-
nini ne perdas. 137

Cap. 3. v. 1. Nabucodono-
for rex fecit statuam au-
ream. 71.

Cap. 4. v. 10. Videbã in vi-
sionẽ capitis mei. 92.

V. 22. Fœnum ut bos co-
medes. 106.

Cap. 6. v. 3. Daniel supera-
bat omnes. 136.

Cap. 9. v. 23. Vir desiderio-
rum es. 220.

Cap. 10. v. 19. Noli time-
re vir desideriorũ. 221.

Ex Prophetia Habacuc.

Cap. 2. v. 7. & 8. Consur-
gent qui mordeant te:
& suscitabuntur laceran-
tes te: quia tu spoliasti,
spoliabunt te. 103.

Ex Prophetia Sophoniae.

Cap. 1. v. 8. Visitabo super
omnes qui induiti sunt
veste peregrina. 65.

Ex Prophetia Malachie.

Cap. 4. v. 2. Orietur vobis
Sol justitiæ. 1080.

Ex Evangelio Divi Matth.

Cap. 2. v. 6. Supra ubi
erat puer. 189.

V. 12. Per aliam viam re-
versi sunt in regionē su-
am. 159.

Cap. 3. v. 7. Progenies vi-
perarum. 137.

Cap. 5. v. 3. Beati pauperes
spiritu. 151.

Cap. 8. v. 4. Ostende te Sa-
cerdoti. 142.

Cap. 11. v. 11. Non sur-
rexit maior.

V. 28. Venite ad me om-
nes. 250.

Et ego reficiā vos. 150

Cap. 13. v. 25. Venit ini-
micus ejus, & supersemi-
navit zizania in medio
tritici. 104.

V. 39. Inimicus autem,
qui seminavit ea, est dia-
bolus. 104.

Cap. 6. v. 24. Si quis vult

post me venire. 150.

Tollat crucē suā. 150.

Cap. 8 v. 2. Resplenduit fa-
cies ejus sicut Sol. 95.

Sicut nix. 95.

V. 4. Faciamus hīc tria
tabernacula. 95.

Cap. 19. v. 11. Habebis
thesaurum in cælo. 151.

V. 23. Dives difficilē in-
trabit in regnum cælo-
rum. 151.

Cap. 21. v. 21. Dic ut se-
deant hi duo filij mei,
unus ad dexteram tuam,
& unus ad sinistram, in
regno tuo. 28. & 64.

V. 22. Nescitis quid pe-
tatis. 28. & 64.

Cap. 21. v. 15. Videntēs
autem Principes Sacer-
dotum, & Scribæ, mira-
bilia quæ fecit, & pueros
clamantes, & dicentes:
Hosanna filio David;
indignati sunt. 138.

Cap. 22. v. 13. Mittite eū
in

in tenebras exterior-
res. 100.

V. 20. Cujus est imago
hæc superscriptio? 130.

V. 21. Reddite ergo quæ
sunt Cæsaris, Cæsari; &
quæ sunt Dei, Deo. 130.

Cap. 24. v. 29. Et Stellæ
cadent de cælo. 102.

Cap. 26. v. 30. Hymno di-
cto. 116.

V. 56. Discipuli omnes,
relicto eo, fugerunt. 151.

Cap. 27. v. 18. Sciebat enim
quod per invidiam tradidif-
sent eum. 138. & 139.

V. 57. Venit quidam ho-
mo dives. 149.

Ex Evangelio Divi Marci.

Cap. 4. v. 34. Sine para-
bola autem non loque-
batur eis. 104.

Cap. 5. v. 43. Et dixit da-

ri illi manducare. 141.

Cap. 16. v. 15. Prædicate
Evangelium omni crea-
turæ. 156.

Ex Evangelio Divi Luca.

Cap. 1. v. 28. Ave gratiâ
plena. 112.

Dominus tecum. 112.

V. 47. Exultavit spiritus
meus in Deo salutari
meo. 112.

V. 52. Deposuit poten-
tes de sede. 66.

Et exaltavit humi-
les. 66.

V. 77. Præibis enim ante
faciem Domini parare
vias ejus. 109.

V. 79. Illuminare his,
qui in tenebris, & in um-
bra mortis sedent. 109.

Cap. 2. v. 7. Reclinavit eum
in præsepio. 39.

Cap. 6.

- Cap. 6. v. 19. Quia virtus de illo exibat, & sanabat omnes. 80.
- V. 24. Vae vobis divitibus, qui habetis consolationem vestram. 151
- Cap. 8. v. 43. Quae in medicos erogaverat omnem substantiam suam. 79.
- V. 46. Nam ego novi virtutem de me exiisse. 80.
- Cap. 9. v. 31. Dicebant excessum ejus. 96.
- V. 33. Nesciens quid diceret. 95.
- Cap. 10. v. 1. Misit illos binos. 58.
- Cap. 11. v. 3. Panem nostrum quotidianum da nobis hodie. 37.
- Cap. 15. v. 13. Dissipavit substantiam suam vivendo luxuriose, 129.
- V. 14. Coepit egere. 129.
- Cap. 16. v. 19. Epulabatur quotidie splendide. 117.
- V. 24. Vt refrigeret linguam meam. 98.
- Quia crucior in hac flamma. 98.
- Cap. 19. v. 8. Ecce dimidium bonorum meorum, Domine, do pauperibus. 147.
- Et si quid aliquem defraudavi, reddo quadruplum. 147.
- V. 9. Hodie salus domui huius facta est. 147.
- Cap. 22. v. 15. Desiderio desideravi hoc pascha manducare vobiscum. 30.
- Cap. 23. v. 33. Latrones, unum a dextris, & alterum a sinistris. 8.
- V. 35. Et deridebant eum Principes. 8.
- V. 24. Domine, memento mei, cum veneris in regnum tuum. 28.
- V. 43. Hodie mecum eris in paradiso. 28. & 113.
- V. 50. Vir bonus & iustus.

Cap. 24. v. 31. Aperti sunt
oculi eorum. 152

V. 35. Cognoverunt
eum in fractione pa-
nis. 152.

Ex Evangelio Divi Ioannis.

Cap. 1. v. 8. Non erat ille
Lux. 108

V. 9. Erat Lux vera. 40.

Quæ illuminat omnē
hominem. 108.

Cap. 5. v. 8. Tolle grabatū
tuum, & ambula. 141.

V. 14. Ecce sanus factus
es: jam noli peccare, ne
deterius tibi aliquid con-
tingat. 93.

V. 35. Erat Lucerna ardēs,
& lucens. 109.

Cap. 6. v. 15. Cūm cog-
novisset, quia venturi
essent ut raperent eum,

& facerent eum Re-
gem, fugit iterum in mō-
tem. 73.

V. 55. Qui manducat meā
carnem, & bibit meum
sanguinem, habet vitam
æternam. 152.

V. 56. Caro mea ve-
rè est cibus. 61. &
147.

V. 57. In me manet, &
ego in illo. 130.

V. 59. Qui manducat hunc
panem, vivet in ater-
num. 61. & 145

Cap. 8. v. 2. Sedens do-
cebat eos. 47.

V. 4. Hæc mulier modò
deprehensa est in adul-
terio. 47.

V. 6. Inclinans se deorsum,
digito scribebat in ter-
ra. 56.

V. 46. Si veritatem dico
vobis. 58.

Indice dos Lugares

- Cap. 11. v. 47.* Hic homo
multa signa facit. 141.
V. 50. Expedit vobis ut
unus moriatur homo
pro populo. 52.
Cap. 13. v. 1. Sciens, in finē
dilexit eos. 40.
V. 2. Cūm diabolus jam
misisset in cor. 61.
Cap. 14. v. 12. Opera quæ
ego facio, & ipse faciet,
& majora horum fa-
ciet. 13. & 32.
Cap. 16. v. 24. Usque mo-
dò non petistis quid-
quam. 27.
Petite, & accipietis. 27
Cap. 18. v. 31. Nobis non
licet interficere quem-
quam. 52.
Cap. 19. v. 6. Crucifige,
crucifige eum. 52
V. 7. Nos Legem habe-
mus, & secundum Legē
debet mori. 52.
V. 19. Rex Iudæo-
rum. 73.
V. 30. Inclinato capi-
te. 40. & 73.
Cap. 20. v. 22. Insufflavit,
& dixit eis: Accipite Spi-
ritum Sanctum. 98.
Ex Libro Actorum.
Cap. 1. v. 18. Suspensus
crepuit medius. 139.
Cap. 5. v. 41. Ibant gau-
dentes à conspectu con-
cilij, quoniam digni ha-
biti sunt pro nomine Je-
su contumeliã pati. 116.
Cap. 9. v. 15. Vas electio-
nis est mihi iste. 2.
Cap. 13. v. 22. Inveni
virum secundum cor
meum. 141.
*Ex Epist. Divi Pauli ad
Romanos.*
Cap. 1. v. 24. Tradidit illos
Deus

Deus in desideria cordis eorum.

Cap. 2. v. 5. Theaurizas tibi iram. 151.

Cap. 12. v. 2. Nolite conformari huic saeculo, sed reformamini in novitate sensus vestri. 149.

Ex Epistola 1. ad Corinth.

Cap. 1. v. 29. Iudicium sibi manducat. 7. & 61.

Ex Epist. 2. ad Corinthios.

Ex Epistola 1. Divi Petri. Cap. 6. v. 4. & 5. Exhibeamus nosmetipsos sicut

Dei ministros, in multa patientia, in charitate non ficta. 157.

V. 10. Quasi tristes, semper autem gaudentes. 115.

Ex Epistola ad Galatas.

Cap. 6. v. 8. Quae enim seminaverit homo, haec & metet. 5.

Quoniam qui seminatur in carne sua, de carne, & metet corruptionem. 5.

Qui autem seminatur in spiritu, de spiritu metet vitam aeternam. 5.

Ex Epistola ad Ephesios.

Cap. 5. v. 8. Eratis enim aliquando tenebras.

Ex

Indice dos Lugares.

Ex Epist. ad Philippenses.

Cap. 2. v. 7. Habitu invē-
tus ut homo. 8.

Cap. 3. v. 21. Reformabit
corpus humilitatis no-
stræ configuratum cor-
pori claritatis suæ. 148.

Cap. 4. v. 4. Gaudete in
Domino semper : iterū
dico gaudete. 114.

Ex Epist. 1. ad Timoth.

Cap. 6. v. 9. Desideria
multa inutilia. & nosci-
va, quæ mergunt ho-
mines in interitum, &
perditionem. 19.

Ex Epist. ad Hebræos.

Cap. 4. v. 12. Vivus est
enim sermo Dei, & effi-

-cax, & penetrabilior
omni gladio ancipiti. 7

Ex Epistola Divi Jacobi.

Cap. 1. v. 5. Si quis autem
vestrū indiget sapien-
tiā, postulet à Deo, qui
dat omnibus affluen-
ter. 26.

Cap. 3. v. 6. Lingua ignis
est. 99.

Universitas iniqui-
tatis. 98.

Cap. 4. v. 3. Petitiss, &
non accipitis : eò quòd
malè petatis. 27.

Ex Epistola 1. Divi Petri.

Cap. 1. v. 12. In quem
desiderant Angeli prof-
picere. 15.

Cap.

Cap. 2. v. 11. Abstinerere
vos à carnalibus deside-
rijs. 20.

Ex Apocalypsi.

Cap. 2. v. 4. Habeo ad-
versum te, quod chari-
tatem tuam primam re-
liquisti. 144.

V. 7. Vincenti dabo

edere de ligno vite
quod est in paradiso Dei
mei. 144.

Cap. 5. v. 1. Librum scrip-
tum intus & foris. 154.

Cap. 6. v. 12. Sol factus
est niger tanquam sac-
cus cilicinus. 89.

Et Luna tota facta
est sicut sanguis. 89.

Cap. 9. v. 6. Desiderabunt
mori. 15.





INDICE DAS COUSAS NOTAVEIS.

A

Adagio. Explicase-o
Adagio:
 Vio-se o
 Demo em foccos, logo
 quiz pisar os outros.
 pag. 64. & seqq.

Adam. Da **C**onforte lhe
 veyo a Adam a mà sorte
 por afeição do foi desar-
 razoado. 40.

Afeição. A afeição cega

a razão. 38. A afeição
 humana cega a razão
 dos homens, a afeição
 divina obra mais com a
 razão. 4. A mayor af-
 feição contendendo cõ
 o mayor odio. 44.

S. Agostinho. Ainda às es-
 curas era sabio. 94.

Agradar. Mais agradeo a
 Deos as vozes dos ani-
 mais, que as oraçoens,
 rezas, & cantorias dos
 que praq, & rezaõ em
 peccado. 34.

Alegria.

Alegria A verdadeira alegria vê-se tanto na prosperidade como na adversidade. 110. A alegria ha de ser solida, & côstante, & só em Deos segura. 112. A alegria, & a tristeza, podem-se dar no mesmo sujeito. 115.

Alma. Trazer a Alma na mão, he desejar guardar a Ley. 17.8

Amar. Sô o Sabio sabe amar. 176

Ambição. Aos cegos da ambição sô lembraão as grandezas, & riquezas do mundo, & não o fim dellas. 71.

Amor. Mais poderoso he o amor que o odio. 41.

S. Antonio. He mayor ladeira das Almas do que Christo. 12. He Varão de desejos, porque Senhor dos proprios, &

alheios desejos. 23. He pagem da tocha de S. Francisco. 96. Faz o que quer, como se fora Deos 98. He Candieiro de crystal, que tem por lume o Menino Deos. 99. He dobrão, & Portuguez bem acunhado, & de bom peso. 129. Triunfou da enveja. 142.

Armas. Os hypocritas dão armas ao Diabo, Santo Antonio tomava-lhe as armas, & quebrava-lhe as lanças. 60.

Arrebrantar. Quem arrebranta de enveja, arrebranta por castigo. 139.

Avareza. A riqueza faz thesouro no Inferno pela avareza. 127.

B
Bautista. O Bautista foi tocha de tres pavios, candieiro de tres lumes. 95.

C

Cadeira. Como se abaixão as cadeiras, & se levantão as trepeças. 64. Como se faz Deos das trepeças cadeiras, & das cadeiras trepeças. 66. O Anjo quiz cadeira para de Deos, & ficou escabello. 67.

Canto. Sobre o canto chaõ da alegria nas adversidades se levanta o canto de orgão do cantar padecendo.

Castigar. De dous modos castiga Deos os peccadores pelos mãos desejos: ou como cavalleiros, ou como escravos. 20.

Causa. Pelas mesmas causas, por onde as cousas se fazem, se desfazê.

Christo. Foi tido por mão por ir com mãos. 7. Morreo como nasceo.

40. Sempre nos foi in-
cinado. 40.

Comer. Quem come na mesa do Sacramento, pôde comer, & beber alegremente, porq̃ come a fonte, & raiz da alegria. 121

Companhia. Do principio do mundo começou a tinha das más cõpanhias. 6. As cõpanhias fazê mais dano, q̃ proveito. 7. Nas cõpanhias mais prevalece o veneno, q̃ a triaga. 7. O bom entre mãos mehe mão, & o mão entre bons não he bom. 7.

Nas cõpanhias más, até o impeccavel se reputa por peccador. 9. As perdas, & dannon das más cõpanhias. 9. Até do proprio sangue se não pôde fiar a cõpanhia. 10. Mais delicia tem Christo na cõpanhia dos homês, do q̃ na cõpanhia dos Anjos. 13.

Conten-

Contentar. Ninguem se cõ-
tenta com a sua sorte.

E porque? 14. *Como?*

Converter. Christo conver-

teo hum ladraõ no Cal-
vário, Santo Antõnio

converteo vinte & dous
ladraoens em Italia de

hũa sõ vez. 13. *Mais*

converte os peccadores
o Sacramento do Altar,

do que outros Mylste-
rios sagrados. 132.

Conversar. Das conversa-
çcens se tira o bem, & o

mal. 4. *Conversar com*

os melhores para seres
melhor, ou conversar

com os que podeis fa-
zer melhores, he bom

conselho. 11. *Cordaõ*

O Cordaõ de
Santo Antõnio he bom

para fortes. 159. *Custodia*

A lingua do que
communga he custodia
onde se põem o Sacra-
mento. 109.

D

Demonio. Os Demonios
saõ hũas Aguias para

tentarem, & despenha-
rem os peccadores. 98.

Desejos. Todo o universo
estã cheyo de desejos.

14. No Ceo, & no In-
ferno, ha desejos. 15.

Desejar o impossivel, he
obter os desejos em tormẽ-

tos. 116. As boas, ou
mãas sortes, dependem

dos bons, ou mãas dese-
jos. 16. Os desejos tem

boa, ou mã sorte, dos
sujeitos que desojaõ, &

dos objectos que se de-
sejaõ. 16. Os desejos

fazem os homens con-
tentes, ou descontentes

das suas sortes. 17. Os
desejos inuteis, & ocios

estã em perigo de
per-

perniciosos, & mortais. 19.

Diferença. Muita differença da alegria do justo da alegria do mundano. 114.

Dinheiro. A oração, dinheiro das sortes. 3. O dinheiro faz dos tolos avifados. 123. He hum general de Estudos. 123. Dinheiro bem aconselhado he o bem despendido. 124. Por dinheiro bem aconselhado se dá o Ceo de contado. 124. O dinheiro não tẽ culpa, senão os que usão mal d'elle. 124. Ter dinheiro não he peccado, o mão uso d'elle he que se reprova. 125.

E

Emenda. O Sacramento,

& Santo Antonio, ambos concorrem para a emenda do mudo. 153.

Encarnar. Porque encarnou o Filho, & não o Padre, ou o Espirito Santo? 147.

Engano. De noite há muitos enganões por falta de luz. 93.

Enveja. A inveja não quer que se communique o bem a todos. 134. A inveja faz mal ao q̃ inveja, & bem ao envejado. 135. Enveja refinada mais sente as felicidades alheas que os seus dannos. 138. A inveja he causa de melhoras, & aumentos aos envejados. 140. He vicio diabolico. 143.

Emvejado. Os mais envejados, mais crecidos, & sublimados. 140. Seus triunfos. 140

**** lhor

lhor he ser envejado, q̃
envejoso. 142.

Envejoso. O envejoso, não
se lhe dá de perder a vi-
da, sô pela tirar a quem
enveja. 137. Mostra-se
como são voboras os en-
vejos. 137.

Escrivaõ. O Espirito Santo
he Escrivaõ das fortes. 2.

Esmola. A riqueza se faz
thesouro no Ceo pela
esmola. 127.

F

Fermosura. Toda a fermo-
sura do mundo tem seu
fenaõ. 83. Exemplos da
fermosura vaã, & falsa.
82. A fermosura dura
pouco, & tyraniza. 82.
He hum engano calla-
do 83. He nescio quem
se cativa da fermosura

caduca. 83.

Fingimento. O fingimento
dura pouco. 52. A todo
o fingimento succede
mal. 55.

Fortuna. Como folga Deos
de ver na terra, ao que se
compoem com sua mã
fortuna. 117.

G

Gosto. Sem Deos não ha
gosto seguro. 112.

Governar. Quem se sabe
governar, he sô o que
pôde governar. 63.
Mais lastima, & com-
paixaõ devemos ter dos
que governaõ, que en-
veja. 68. Quem está no-
alto do governo, do lu-
gar, da dignidade, per-
de o lume dos olhos. 72.

H

Homem. O primeiro homẽ não se contentou com ter tamborete, quiz ter cadeira de espaldas, deo tam grande queda, que passou do chaõ. 67. O homem pecou comendo, & comendo se pôde emendar. 147.

Honrar. Christo no Sacramento honrã aos que o recebem segundo a disposição com que o chegã a receber. 74.

Hypocresia. A hypocresia he trajo peregrino. 36.

Hypocrita. Os hypocritas são condemnados à reveria. 54. são muitas as castas de hypocritas. 56.

I

Imagem. Sam Francisco, & Santo Antonio, espe-

lhos, & imagens da imãgẽ do Padre Eterno 154. Santo Antonio he imãgẽ do Sacramento. 154.

Inclinar. A natureza humana mais se inclina ao descãso, & regalo. 150.

Juiz. O Padre Eterno, juiz das sortes. 2. Juiz não tem amigo. 46. O

Juiz ha de ser inclinado sã para a Ley, & para a justiça, & não para as partes. 47.

Juizo. Quantas cousas pervertem os juizos publicos? 45.

Julgar. Quem considera que ha de ser julgado, não appetite o julgar. 68.

Justiça. A justiça, não tem pay, nem mãy. 47.

L

Ladraõ. O Ladraõ que anda com o frade, &c. 4.

Lembrar.

Lembrar. O mundano lembra-se do presente, não prevê o futuro. 72

Lingua. A Lingua he a peyor, & melhor coufa, que ha no mundo. 97.

Tres coufas tira a lingua de Pernambuco. 100.

Sô a lingua de Santo Antonio pôde curar más liguas. 107.

A lingua de Santo Antonio está inteira, & incorrupta em Pa-

dua como a espada de David pendurada no Templo. 106.

A lingua he a primeira sala, onde entra o Sacramento a fazer mercês. 109.

Livro. Santo Antonio he o livro do Apocalypse escrito por fóra. 154.

Louvor. Não ha lingua, que possa explicar os louvores da lingua de Santo Antonio. 108.

Lugar. Porque Santo Antonio fugio de lugares, o poz Deos no mesmo tempo em diversos lugares. 73.

Luz. Todas as luzes do Ceo, & da terra, se haõ o de apagar. 88.

Luzir. Neni tudo o que luz he ouro. 88.

M

Mal. Porque mais se pęga o mal do que obem? 4.

Mayor mal he justo fingido, que peccador declarado, porque Deos mais castiga a hypocrisia do que a fraqueza. 55

Malicia. Ha muitas malicias douradas. 25. 1.

Manná. Quem comia o Manná,

Mannâ , não adoe-
cia. 87.

Matar. O odio matou a
hum, o amor matou hũ
mundo inteiro. 41.

Menino. O Menino Jesus
he o innocente que tira
as sortes. 2. No Meinio
Jesus nos braços de San-
to Antonio se cumpre o
Adagio : O ladraõ que
anda com o frade. 11.

Mesa. Muitos para a
mesa, poucos para a
Cruz. 150.

Morte. A morte no Infer-
no he pasto dos cõden-
nados. 15. A lembran-
ça da morte he pedra
bazar para o mal do go-
verno. 71.

Mosquito. O mosquito he
figura da enveja. 136.

Motte. Explica-se o motte:
De noite todos os gatos
são pardos. 93.

Mundo. O mundo he noi-

te pelas trevas dos pec-
cados de que estâ che-
yo. 93.

Murmuraçãõ. Tomando
Deos como Medico o
taço â lingua de Per-
nambuco, achando nel-
le o fogo da murmu-
raçãõ, com hum conta-
gio de fogo com febres
malignas o curou. 101.

N

Não. A não em que vay
Pedro, & Judas não se
livra da tempestade; a
não em que vay sô Pe-
dro, não tem tempesta-
de. 7.

O

Obrar. Mais pôde obrar o
que ora, do que Christo
obrou. 33.

Odio. Mais pôde às vezes o odio mortal, que o amor fraternal. 41. Da affeição que cega a razão nascem grandes odios. 42. Os filhos do odio são netos da affeição. 42. Mayor he o odio que nasce da affeição desordenada, do que todos os grandes odios. 43.

Oração. Com a Oração se vencem todos os inimigos da Alma, & do corpo. 31. Mais pôde a Oração, que o mundo todo. 32. He mais omnipotente, que a mesma Omnipotencia. 32.

Orar. Orar sem eleger, rogar sem determinar, he o mais acertado, o mais bem visto estillo de orar provado com muitos exemplos. 29. Orar, & peccar he oração de Judas. 39.

Ouro. O ouro, & a prata, causão quedas, & naufragios. 128.

P

Paciencia. O mayor Doutor da Paciencia, o Lente de Prima na Cadeira de hum monturo, foi Job, Lendo a Paciencia com alegria. 118. Paciencia alegre de Santo Antonio. 119.

Padeçer. Vive-se pouco, & padece-se muito. 77. Christo na alegria de padecer fez contraponto do cantar. 116.

Peccado. Os peccados são ignorancias. 97. O peccado da lingua val por todos 99. Castiga-se como senão houvera outro peccado no mundo. 98.

Pedir. Se a quem daõ não escolhe, quem pede não ha de escollier. 26. Quê pede escolhendo he mal despachado, quem pede resignado tem bom despacho. 28. A vista da Mesa Real, & Divina do Sacramento não se nega o que se pede. 36.

Perfeição. Dar graças a Deos em todo o tempo, em todo o estado, he a mais alta perfeição. 111

Pernambuco. Castiga Deos a Pernambuco pelas más linguas que tem. 100. Todo Pernambuco he cimiterio de mortos que enterra, & desenterra, pela murmuração. 101.

Poço. O Sacramento do Altar he hum poço de dinheiro. 133.

Portuguez. Santo Antonio foi verdadeiro Portu-

guez pela espada da Predica. 57. Pelas armas do cunho he Portuguez divino. 130.

Prêgador. O Prêgador sem verdadeira caridade he Prêgador de mêtira. 58.

Prêgar. Santo Antonio foi sô o que prêgou a toda a creatura. 156.

Premio. Os premios das fortes no Sacramento.

2. O motte de hum por dentro outro por fôra, tem por premio a bolsa de Judas. 61. Premio da fermosura he o Sacramento. 87.

Pretender. He muito necicio o que pretende sem se medir. 64.

R

Recaida. As recaidas da Alma

ma são recaídas do corpo. 81.

Reformar. Pela Lamina do Sacramento se reforma o painel do homem, a Imagem da Trindade. 148.

Rey. Sô se pôde chamar Rey quem he Rey de si melinc. 63.

Riqueza. A riqueza, & a bõdade, equivoção-se. 126

A riqueza he mâ no mão & boa no bom. 126.

As riquezas, se não são mâs em si, são perigosas, & noscivas. 128. A riqueza he dote da Sabedoria. 129. A riqueza do mundo he louca. 129.

Com a riqueza se compra a pobreza. 129.

Riso. Ha mascaras de riso. 115. Riso na boca, tristeza no coração.

115.

S

Sabedoria. A Sabedoria he muy fermosa. 84. A Sabedoria do Ceo he a verdadeira luz, que desfaz as apparencias, descobre os futuros. 90.

Saber. Mais val saber, que reinar. 63. Muito sabe quem muito tem. 124.

Sabios. Os mundanos sô vêm o resplendor dos accidentes, os Sabios penetraõ os segredos das sustancias. 91.

Sacramento. No Sacramento do Altar ha castigo, & premio dos desejos.

24. O Sacramento faz que a afeição não chegue á razão, curado-a, &

com-

compondo-a. 49. O Sacramento tem medico, & botica de graça. 87. Poem-se na lingua o Sacramento para a purificar. 109. O Sacramento he premio do que vence a enveja. 144. Fez-se para emenda, & reforma do mundo. 149. He isca com que se pesca as Almas. 151. No Sacramento come-se, bebe-se, & leva-se boa vida. 121.

Salamaõ. Foi Salamaõ o homem, que mais desejou, & matou os desejos. 18. Foi o que mais desejou, & menos se satisfez. 19.

Saude. Sea vida he breve, mais breve he a faude. 77. Nos mais dos homens dura menos a faude do que a vida. 77. Se a vida do homem he

qualquer flor, a faude he a flor de feno por ser a flor que menos dura. 78. Por milagre temos a faude, por natureza a enfermidade. 79. Pelo pecado se perde a faude. 81. *Semear.* Semeando se mal, & bem na terra da nossa natureza, mais se colhe mal do que bem. 5. Semear cizanias, he officio do Diabo. 104.

Serpente. Mayor castigo teve a serpente do Parayso do que Adam. 55. Com serpentes curou Deos linguas serpentinhas, & venenosas. 102.

Soberba. A soberba anda annexa ao governo. 69. Faz grande danno nos governos. 69. Sempre quer ser singular. 71. Encapricha em não fazer o que fazem os outros. 71.

Se! O que passa o Sol para
fer Sol. 86. Christo no
Sacramento, Sol entre
nuvens, de Justiça, &
Misericordia. 99.

Sorte. Os grãos da graça,
& da gloria, são sortes
1. Christo tem sua sorte
em Santo Antonio, &
São Antonio em Chris-
to. 166. Santo Antonio
teve nova sorte na açu-
cena que lhe fez a festa.
Trezena. 161.

V

Valor. Santo Antonio pela
Oração teve mayor va-
lor que Excelino Gene-
ral poderosissimo. 33.

Vaso. Santo Antonio he
vaso das sortes. 2.

Vencer. Mais se vence com
mãos levantadas a Deos,
que com mãos armadas
30. Victórias que tive-
raõ os Portuguezes por
meyo da Oração. 31.

FINIS.

